MYER PEARLMAN

ATOS

ESTUDO DO LIVRO DE ATOS
E O CRESCIMENTO DA IGREJA PRIMITIVA

CPAD

MYER PEARLMAN

ATOS

ESTUDO DO LIVRO DE ATOS
E O CRESCIMENTO DA IGREJA PRIMITIVA

CPAD

MYER PEARLMAN

ATOS

ESTUDO DO LIVRO DE ATOS
E O CRESCIMENTO DA IGREJA PRIMITIVA

CPAD

MYER PEARLMAN

ATOS

ESTUDO DO LIVRO DE ATOS
E O CRESCIMENTO DA IGREJA PRIMITIVA

Tradução: Gordon Chown

2ª edição

CPAD

Rio de Janeiro
2020

Todos os direitos reservados. Copyright © 1957 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Autor: Myer Pearlman

Tradução: Gordon Chown

Capa: Fábio Longo

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

CDD: 220 - Bíblia

e-ISBN: 978-65-86146-76-9

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: https://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401 - Bangu, Rio de Janeiro - RJ

CEP: 21.852-002

2a edição - 2020

Índice

-

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Índice

1. Ascensão de Cristo

2. A Vinda do Espírito Santo

3. Sermão de Pedro no Pentecoste

4. A Cura de um Coxo

5. Perseguição, Oração e Poder

6. O Pecado da Hipocrisia

7. Os Discípulos Sofrem por Amor a Cristo

8. Estêvão, o Primeiro Mártir

9. O Julgamento Simulado de um Crente

10. Filipe, o Obreiro Aprovado

11. A Conversão de Saulo

12. O Derramamento em Cesaréia

13. Prisão e Libertação de Pedro

14. Uma Chamada para a Obra Missionária

15. Paulo, um Homem de Coragem

16. Uma Controvérsia na Igreja Primitiva

17. Paulo e Silas na Prisão

18. Paulo, o Pregador

19. Paulo em Éfeso

20. Paulo Despede-se dos Efésios

21. Paulo Vai a Jerusalém

22. Paulo Diante do Sinédrio

23. Paulo Testifica Diante dos Poderosos

24. O Naufrágio de Paulo

Landmarks

Capa

Folha de Rosto

Página de Créditos

Sumário

Início

Ascensão de Cristo

Texto: Atos 1.1-11

Introdução

O Evangelho segundo Lucas foi dedicado a Teófilo (“quem ama a Deus”), que representa todos os cristãos. No início de Atos, Lucas escreve: “Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar, até...” Ressaltamos a palavra até porque, no livro de Atos, estudamos o que Jesus continuou a fazer por intermédio dos seus discípulos. Neste livro, lemos como Jesus cumpriu sua promessa: “... e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”. (Mt 28.20) E como continuou sua obra através do Espírito Santo. Enquanto nos Evangelhos lemos: “E Jesus disse”, no livro de Atos lemos: “E o Espírito disse”. O Espírito é revelado como representante de Cristo, guiando o progresso e a administração da sua Igreja. O livro pode ser chamado: Atos de Cristo mediante seus servos ou Atos do Espírito Santo.

I – O Senhor Faz os Preparativos para a Sua Ascensão (At 1.1-5)

1. Dando instruções. Jesus subiu “depois de haver dado mandamentos por

intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera”. Estas instruções são registradas em várias passagens, como em Lucas 24.44-49; Mateus 28.19,20; Marcos 16.15-18; João 21; e nos versículos 3-8 deste capítulo (At 1). Em que sentido as instruções foram dadas mediante o Espírito Santo? A unção que Jesus recebeu no rio Jordão era ilimitada e permanente. Mediante o Espírito, recebeu poder para seu ministério; forças para enfrentar a cruz (Hb 9.14); foi ressuscitado dentre os mortos (Rm 8.11); e, no Pentecoste, batizou a outros no Espírito. A unção ainda estava sobre ele após a ressurreição.

2. Mediante manifestações da vida ressurreta. “Aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias, e falando do que respeita ao reino de Deus” (cf. 1 Co 15.5-8).

Se víssemos um farol que parecesse ficar em pé sobre as ondas, saberíamos que haveria, por baixo da construção, um fundamento de rocha. Durante 19 séculos a Igreja permanece em pé como luz para as nações. Qual o seu alicerce? A única resposta satisfatória é: a ressurreição de Cristo. A fé e a religião viva não podem surgir de um cadáver.

Durante 40 dias Jesus revelou-se aos seus discípulos, aparecendo e desaparecendo. Era como se quisesse levá- los gradualmente a perceber que Ele pode estar presente, no Espírito, embora ausente no corpo. Chegou um momento em que os discípulos sabiam que haviam cessado tais aparecimentos. A partir de então teriam de pregar o Evangelho com plena confiança da presença espiritual de Cristo com eles, conforme Ele mesmo prometera: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. Foi a ascensão que convenceu os discípulos da veracidade desta mudança.

3. Dando uma ordem específica. “E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, [Jo 14.16; Jl 2.28] que (disse ele) de mim ouvistes”. O batismo do Senhor Jesus, no

Jordão, foi o sinal para Ele iniciar seu ministério. Assim, também, a Igreja precisava de um batismo que a preparasse a cumprir um ministério de alcance mundial. Não seria o ministério de criar uma nova ordem e, sim, de proclamar aquilo que Cristo já havia realizado. Mesmo assim, só no poder do Espírito Santo poderia tamanha obra ser levada a efeito.

Cristo dirigiu suas palavras a homens que possuíam íntimo relacionamento espiritual com Ele. Já tinham sido enviados a pregar, armados com poderes espirituais específicos (Mt 10.1). A eles fora dito: “Alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus” (Lc 10.20); sua condição moral já tinha sido definida com as palavras: “Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15.3). Seu relacionamento com Cristo foi ilustrado mediante a figura da videira e dos ramos (Jo 15.5). Eles já conheciam a presença do Espírito nas suas vidas (Jo 14.17); já tinham sentido o sopro do Cristo ressurreto quando ele lhes disse: “Recebei o Espírito Santo”.

Mesmo assim deviam esperar a promessa do Pai! Isto nos mostra a importância deste revestimento.

II – Instruções do Senhor com Respeito ao Futuro (At 1.6-8)

“Aqueles pois que se haviam reunido perguntaram- lhe, dizendo: Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” Os apóstolos, como seus compatriotas, tinham associado o ministério do Messias com o imediato e visível aparecimento do Reino de Deus, com um estrondo de força material em fulgor externo (Lc 19.11; 24.21). Conceitos do Reino, mais terrestres do que celestiais, afetavam suas condutas e os levaram a disputas ambiciosas. Cada qual visando a preeminência. Boa parte dos ensinos de Cristo visava limpar a mente deles de falsos conceitos acerca do Reino. No entanto, só o tremendo choque do Calvário conseguiu tirar-lhes as ilusões com respeito a um reino material. Agora, sendo instruídos pelo Cristo ressurreto, entendiam melhor o seu Reino. Contudo, seus

corações judeus ainda os impulsionam a perguntar: “Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” Ainda pensavam em termos de uma só nação. O Senhor, em resposta, fez com que erguessem seus olhos para ver todas as nações. Esta resposta contém quatro lições:

1. A estreita limitação do conhecimento humano acerca do futuro. “Não vos pertence saber os tempos ou as estações...” Existem muitas coisas que nossas mentes querem perscrutar, mas pertencem exclusivamente aos planos de Deus (cf. Dt 29.29; Mc 13.33; 1 Co 13.9; 1 Jo 3.2).

2. As mãos seguras que dirigem o futuro. Os tempos e épocas estão nas mãos de Deus: “O Pai estabeleceu pelo seu próprio poder” (cf. Mc 13.32). Embora não saibamos o futuro com respeito aos eventos mundiais e às nossas vidas, não precisamos ficar ansiosos. O desconhecido fica muito bem nas mãos do Mestre.

3. Forças suficientes para enfrentar o futuro. “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós...” Poder para enfrentar o futuro - isto vale muito mais do que detalhados conhecimentos sobre o porvir.

4. O dever prático com respeito ao futuro. “E ser-me- eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra”. Estas palavras definem o ministério primário de cada crente: ser testemunha da pessoa de Jesus, daquilo que Ele fez para os homens e para a própria testemunha. “Testemunhar” é um dos conceitos fundamentais do livro dos Atos (ver 1.22; 10.39,4144; 13.31; 4.33; 22.15; 26.16).

III – Ascensão do Senhor (At 1.9-11)

1. O ato da partida. “E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando- o a seus olhos”. A partida de Jesus não causou tristeza aos discípulos. Eles sabiam que o Espírito Santo viria em seguida, e lhes seria, de forma invisível, o que seu Mestre havia sido de forma visível: “Vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei” (Jo 16.7). Enquanto os discípulos olhavam seu Mestre subindo, talvez pensassem: Quão grande e rico dom deve ser o Consolador! Se sua presença custa a ida do Mestre! O Espírito Santo não iria comunicar à Igreja o Cristo terrestre, e sim o celestial, que voltou a ser investido da glória que tinha com o Pai antes que houvesse mundo. Equipado com os infinitos tesouros da graça que Ele comprara mediante sua morte na cruz.

2. A promessa da sua vinda. “E estando com os olhos fitos no céu, enquanto Ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu?” A lembrança da origem dos discípulos, a Galiléia, fê-los ter em mente a sua chamada, recebida na Galiléia, e do seu conseqüente dever de seguir e obedecer.

“Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir”. Estas palavras claras desfazem qualquer teoria modernista que alega ser a propagação da civilização cristã o cumprimento total da promessa sobre a segunda vinda. Aqui temos a profecia da vinda pessoal e visível do Senhor.

Este trecho (At 1.1-11) tem grande alcance, abrangendo: a vida de Cristo (v. 1), sua morte (v. 3), ressurreição (v. 3), Reino (vv. 4,5,8), ascensão (vv. 9-11) e segunda vinda (v. 11).

IV – Ensinamentos Práticos

1. A religião em atos e palavras. O Evangelho segundo Lucas narra o que Jesus "fez e ensinou". Sua vida se dividia entre ações e doutrinas, milagres e verdades, maravilhosos sinais e revelações. Cumpria sua vida religiosa e a ensinava; ensinava a vida religiosa e a vivia. E nisto Ele é nosso exemplo.

A vida cristã equilibrada é uma combinação de vida e luz, obra e palavra. Se agirmos sem ensinar, nossa vida será um mistério, inexplicável para os que gostariam de saber o motivo de nossas ações. Se ensinarmos sem viver à altura, tornamo-nos em pedra de tropeço (Mt 23.1-3).

A demonstração é o melhor método de ensino. Se praticarmos as virtudes que ensinamos, seremos verdadeiros líderes. A verdadeira liderança não consiste em mostrar o caminho, porém em andar e convidar outros a nos seguir ao longo dele.

Devemos nos deixar inspirar por Esdras, que "tinha preparado o seu coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus direitos" (Ed 7.10).

2. Os males de fixar datas. "Não vos pertence saber os tempos ou as estações..." Muitos males têm sido feitos ao estudo das profecias e à causa de Deus por pessoas bem intencionadas, que fixaram datas para a vinda do Senhor. Professando-se sábias com respeito aos tempos e às épocas, tornaram-se insensatas, e deram motivo para os descrentes zombarem e os crentes ficarem perplexos.

Quando olhamos as estrelas no céu limpo não sabemos calcular sua distância; a promessa da segunda vinda é como uma estrela para nos guiar, sem, porém, haver um cálculo exato quanto à sua distância. Devemos ser admiradores das estrelas sem querermos nos avultar como calculadores de sua exata distância.

Devemos estar vigiando quando da volta do Senhor, mas sem nos perdermos em previsões.

3. O Senhor sabe o que é melhor para nós. Os discípulos receberam como resposta uma promessa e uma comissão. Não a satisfação da sua curiosidade. O que pediam não era assunto para eles, por isso não lhes foi concedido. Foi-lhes concedido, porém, o que realmente necessitavam. Deus age conosco do modo como tratamos nossos filhos.

Tiago e João pediram os lugares de maior destaque no Reino; Jesus, em resposta, ensinou-lhes as qualificações para se atingir tais posições. Paulo suplicou a remoção do espinho na carne; o Senhor respondeu com garantias de que sua graça lhe bastaria. Moisés pediu a morte para aliviar seu fardo; o Senhor, porém, lhe concedeu setenta ajudantes. Elias orou para que sua vida fosse tirada. O Senhor lhe deu descanso, comida... e mais trabalho.

Muitas vezes não sabemos como orar, nem o que pedir. O Senhor, porém, sabe quais são nossas verdadeiras necessidades. Se ele nos recusa alguma coisa é a fim de nos dar algo melhor.

4. A arte de esperar. Os discípulos tinham de esperar a promessa em Jerusalém. Há várias maneiras de esperar. O servo infiel o faz com a esperança de que o senhor vai demorar. Existe um tipo de espera que significa acomodar-se, sem fazer esforços físicos ou mentais. A verdadeira espera inclui:

4.1. Expectativa. Aguardar com tanta boa vontade que a mente fique sempre mais cheia de esperanças. É como o servo aguardando o mestre, a esposa ao marido, a mãe aguardando a volta do filho. Esperar como o comerciante aguardando a vinda do seu navio carregado de mercadorias, o marinheiro procurando ver a terra, o rei desejando notícias da batalha. São casos em que a

mente se firma num só objetivo e dificilmente pode prestar atenção a outra coisa.

4.2. Oração. A espera exige quietude e paciência. Muitos de nós, porém, nos deixamos levar pelo espírito inquieto dos nossos dias. Quando Daniel orava, Gabriel veio rapidamente (Dn 9.21). Hoje em dia teria de se apressar muito para ainda nos pegar de joelhos!

4.3. Consagração. Devemos descobrir em qual direção Deus está guiando as coisas. E remover do caminho tudo quanto há em nós que possa impedir sua obra.

5. A arte de testemunhar. "E ser-me-eis testemunhas..." Ruskin disse certa vez: "A coisa mais grandiosa que a alma humana pode fazer neste mundo é ver algo, e contar aos outros o que viu, de forma singela e clara". De acordo com este pensamento, certamente a coisa mais grandiosa da vida é perceber a beleza de Jesus e falar aos outros sobre Ele. Um estudo do livro de Atos mostra que o testemunhar é a forma mais antiga de pregação. Os apóstolos contavam tudo quanto sabiam acerca de Jesus, e os convertidos contavam o que Jesus fizera por eles.

A testemunha no foro é submetida ao interrogatório. E nós, como testemunhas do Senhor, somos submetidos a semelhantes interrogatórios por parte do mundo. As pessoas, depois de ouvirem nosso testemunho, prestam atenção em nossa conduta para então, mentalmente, calcular o relacionamento entre o que falamos e vivemos.

6. Começando em Jerusalém. Sentimos uma vocação para ir a um campo missionário estrangeiro? O melhor teste da nossa vocação é nosso zelo espiritual pelo próximo, aqui, onde moramos. Se não estamos sendo uma bênção

para as pessoas cuja língua e costumes conhecemos, dificilmente uma viagem marítima operará essa transformação milagrosa. O amor que transformará o mundo tem que começar em casa, embora não termine ali.

7. A fé que ressuscita. A vida cristã que agora vivemos é de tal qualidade que nossa ressurreição seria a conclusão lógica e natural dela? Já estamos assentados com Cristo nos lugares celestiais? (Gn 5.24; Hb 11.5). Nossas afeições se fixam nas coisas que estão no alto?

8. Fitando sem proveito. Os discípulos não deviam ficar com os olhos fitos no céu. Jesus voltaria mais tarde. Nesse ínterim, haveria o serviço de Cristo para fazer. A contemplação que não nos leva a enfrentar os deveres cristãos com zelo e ardor não têm proveito. O Novo Testamento tem muitos mistérios transcendentes, tais como a Trindade, a encarnação da divindade, a expiação e outros. Existe o perigo de nos ocuparmos com os mistérios da Trindade e nos esquecermos do próprio Senhor. De nos dedicarmos ao estudo da expiação que venhamos a nos esquecer daqueles pelos quais Jesus morreu.

A comunhão com o Senhor e a adoração em conjunto com o povo de Deus muitas vezes trazem experiências arrebatadoras. Segundo o plano de Deus, as emoções assim despertadas visam o propósito de nos inspirar às ações. Sentimentos que evaporam sem produzir frutos, levam certamente ao fracasso quanto ao exercício da energia espiritual.

Depois da transfiguração, Jesus levou seus discípulos ao vale, onde lhes aguardava trabalho espiritual. Sempre há um caminho que leva do monte da visão ao vale do serviço.

A Vinda do Espírito Santo

Texto: Atos 1.12-2.13

Introdução

O rei Davi planejou a edificação do Templo e reuniu os materiais necessários. Mas foi Salomão, seu sucessor, quem o erigiu (1 Cr 29.1,2). Jesus igualmente planejou a Igreja durante seu ministério terreno (Mt 16.18; 18.17). Preparou os materiais humanos, porém deixou ao seu sucessor e representante, o Espírito Santo, o trabalho de erigi-la. Foi no dia de Pentecoste que esse templo espiritual foi construído e cheio da glória do Senhor (cf. Êx 40.34,35; 1 Rs 8.10,11; Ef 2.20,2). O dia de Pentecoste era o aniversário da Igreja, e o cenáculo, o local do seu nascimento.

I – O Dia

"E, cumprindo-se o dia de Pentecostes..." O nome "Pen- tecoste" (derivado da palavra grega "cinqüenta") era dado a uma festa religiosa do Antigo Testamento. A festa era assim denominada por ser realizada 50 dias após a Páscoa (ver Lv 23.15-21). Observe sua posição no calendário das festas. Em primeiro lugar festejava-se a Páscoa. Nela se comemorava a libertação de Israel no Egito.

Celebravam a noite em que o anjo da morte alcançou os primogênitos egípcios, enquanto o povo de Deus comia o cordeiro em casas marcadas com sangue. Esta festa tipifica a morte de Cristo, o Cordeiro de Deus, cujo sangue nos protege do juízo divino.

No sábado, após a noite de Páscoa, os sacerdotes colhiam o molho de cevada, previamente selecionado. Eram as primícias da colheita, que deviam ser oferecidas ao Senhor. Cumprido isto, o restante da colheita podia ser ceifado. A festa tipifica Cristo, “as primícias dos que dormem” (1 Co 15.20). O Senhor foi o primeiro ceifado dos campos da morte para subir ao Pai e nunca mais morrer. Sendo as primícias, é a garantia de que todos quantos nele crêem segui-lo-ão pela ressurreição, entrando na vida eterna.

Quarenta e nove dias eram contados após o oferecimento do molho movido diante do Senhor. E no qüinquagési- mo dia - o Pentecoste - eram movidos diante de Deus dois pães. Os primeiros feitos da ceifa de trigo. Não se podia preparar e comer nenhum pão antes de oferecer os dois primeiros a Deus. Isto mostrava que se aceitava sua soberania sobre o mundo. Depois, outros pães podiam ser assados e comidos. O significado típico é que os 120 discípulos no cenáculo eram as primícias da igreja cristã, oferecidas diante do Senhor por meio do Espírito Santo, 50 dias após a ressurreição de Cristo. Era a primeira das inúmeras igrejas estabelecidas durante os últimos 19 séculos.

O Pentecoste foi a evidência da glorificação de Cristo. A descida do Espírito era como um “telegrama” sobrenatural, informando a chegada de Cristo à mão direita de Deus. Também testemunhava que o sacrifício de Cristo fora aceito no Céu. Havia chegado a hora de proclamar sua obra consumada.

O Pentecoste era a habitação do Espírito no meio da Igreja. Após a organização de Israel, no Sinai, o Senhor veio morar no seu meio, sendo sua presença localizada no Tabernáculo. No dia de Pentecoste, o Espírito Santo veio habitar na Igreja, a fim de administrar, dali, os assuntos de Cristo.

II – O Local (At 1.12-14)

“Estavam todos reunidos no mesmo lugar”. O horário era antes das nove da manhã (a hora do culto matutino). O lugar era o cenáculo (At 1.14) duma casa particular, local regular para a observância de festas religiosas, tais como a Páscoa. Embora esses crentes provavelmente freqüentas- sem as reuniões de culto três vezes por dia no Templo, também gastavam muito tempo no cenáculo, onde “perse- veravam unânimes em oração”.

Cada grupo presente nos sugere uma verdade. Os apóstolos, que seguiram a Jesus desde o início, eram as verdadeiras colunas da Igreja (Ef 2.20). Judas estava ausente. É possível seguir a Jesus durante anos e ainda perder a bênção suprema. As mulheres no meio do grupo eram heroínas anônimas da fé (ver Lc 8.2,3). Maria, a mãe de Jesus, foi revestida pelo Espírito Santo para que desse à luz a Cristo. Agora, ela esperava outro derramamento que traria a lume o Cristo espiritual. Os irmãos de Jesus, embora não cressem nEle antes (Jo 7.5), agora humildemente se submetem ao Irmão e o reconhecem como Senhor.

III – O Som

“E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados”. Foi como se uma tempestade tivesse entrado na casa sem continuar o seu caminho. O vento é um conhecido símbolo do Espírito Santo (Ez 37.1-14; Jo 3.8). O vento, representante do sopro divino, encheu primeiro o cenáculo, a casa de Deus, e em seguida os indivíduos que adoravam. Passou, então, a se espalhar pela terra em poder vivificante. Como na criação, quando o Espírito do Senhor pairava sobre as águas (Gn 1.2). Podemos imaginar o Cristo glorificado, em pé, à mão direita de Deus, soprando sobre os 120 e dizendo: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20.22; cf. 1 Co 15.45).

IV – A Visão

“E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles”. Esta manifestação deve ter feito os discípulos lembrarem-se das palavras de João Batista: “Batizará com o Espírito Santo, e com fogo”. Diante dos seus olhos estava a evidência física do cumprimento desta profecia. E qualquer judeu entenderia muito bem que o fogo proclamava a presença de Deus, trazendo à memória incidentes, como a sarça ardente (Êx 3.1,2), o fogo no monte Carmelo (1 Rs 18.36-38), o pilar de fogo no deserto e a vocação de Ezequiel (Ez 1.4). As línguas de fogo se assentando em cada um deles indicava que surgia uma nova dispensação. O Espírito de Deus já não seria concedido à comunidade como um todo, e sim a cada membro individualmente. A forma do fogo, em línguas, indicava que o dom de línguas sobrenaturais tinha sido outorgado a esta companhia de pessoas.

O Espírito, como o fogo, dá luz, purifica, dá calor e propaga-se.

V – O Falar em Línguas

Apareceu em seguida a realidade da qual o vento e o fogo eram símbolos: “E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem”. Notemos alguns fatos importantes sobre o falar em línguas. O que produz esta manifestação? O impacto do Espírito de Deus sobre a alma humana. É tão direto e com tanto poder, que a pessoa fica extasiada, falando de modo sobrenatural. Isto pelo fato de a mente ficar totalmente controlada pelo Espírito. Para os discípulos, era evidência de estarem completamente controlados pelo poder do Espírito prometido por Cristo. Quando a pessoa fala uma língua que nunca aprendeu, pode ter a certeza de que algum poder sobrenatural assumiu o controle sobre ela.

Alguns argumentam que a manifestação do falar em línguas limitou-se à época dos apóstolos. Aconteceu para ajudá-los a estabelecer o Cristianismo, uma novidade naquela época. Não existe, no entanto, limites à continuidade dessa manifestação no Novo Testamento. Mesmo no quarto século depois de Cristo, Agostinho, o notável teólogo do Cristianismo, escreveu: “Ainda fazemos como fizeram os apóstolos, quando impuseram as mãos sobre os samaritanos, invocando sobre eles o Espírito mediante a imposição das mãos. Espera-se por parte dos convertidos que falem em novas línguas.” Ireneu (115-202 d.C.), notável líder da Igreja, era discípulo de Policarpo, que por sua vez foi discípulo do apóstolo João. Ireneu escreveu: “Temos em nossas igrejas muitos irmãos que possuem dons espirituais e que, por meio do Espírito, falam toda sorte de línguas”. A Enciclopédia Britânica declara que a glossolalia (o falar em línguas) “ocorreu em reavivamentos cristãos durante todas as eras; por exemplo, entre os frades mendicantes do século XIII, entre os jansenistas e os primeiros quaquers, entre os convertidos de Wesley e Whitefield, entre os protestantes perseguidos de Cevennes, e entre os irvingitas”. Podemos multiplicar as referências, demonstrando que o falar em línguas, por meios sobrenaturais, tem ocorrido em toda a história da Igreja. (Nota: O falar em línguas nem sempre é em língua conhecida. Ver 1 Co 14.2.)

Têm havido casos recentes de pessoas falarem, por meio de um poder sobrenatural, línguas que nunca aprenderam, e de haver na congregação quem as entendesse. O livro de

S.H. Frodsham, Com Sinais que se Seguiam, contém muitos exemplos de tais ocorrências.

Alguns ficaram perplexos diante deste fenômeno novo e estranho, e perguntaram: “Que quer isto dizer?” Outros zombavam, dando a entender que os discípulos estavam bêbados.

VI – Ensinamentos Práticos

1. O dom e o sinal. Enquanto Elias aguardava a revelação do Senhor, no monte Horebe, ouviu um vento, um terremoto, um incêndio e, finalmente, uma voz tranqüila e suave. Deus estava na voz tranqüila e suave. Não na violenta comoção dos elementos. Deus emprega meios mais barulhentos para atrair a atenção dos homens. Sua verdadeira mensagem, porém, é falada diretamente ao coração.

Semelhantemente, Deus mandou o vento, o fogo e as línguas no dia de Pentecoste - verdadeiras manifestações do Espírito. No âmago destas manifestações espetaculares havia o propósito de Deus de converter os corações humanos ao Evangelho.

É um erro procurar as línguas por si só. Busquemos a pessoa do Espírito, e o sinal será acrescentado.

2. Reavivamento precedido por oração. "Estavam todos reunidos no mesmo lugar". Há muitos anos, certo ministro da Turquia, não muito familiarizado com os costumes da Europa, foi levado a um concerto. Escutava os músicos afinando seus instrumentos e não se sentia bem. Logo irritou-se e saiu do auditório. Confundiu a afinação com a música propriamente dita. Deveria ter esperado até que o regente tomasse seu lugar. Então ouviria as mais belas harmonias.

Por dez dias os discípulos afinaram-se. Agora, o Regente celestial estava pronto para dirigir o grande Antema de Pentecoste. É um ditado popular entre os crentes que o evangelista não traz um reavivamento na sua mala. Mas quando todos oram de comum acordo é porque está próximo o reavivamento.

3. Eco celestial. "Veio do céu um som..." Nossas orações fazem eco às

promessas de Deus. E as respostas de Deus formam o eco das nossas orações. Dois instrumentos de cordas podem ser afinados com o mesmo diapasão. Se são tocadas as cordas de um deles, as cordas do outro vibram em simpatia. Se nossos corações se afinam com a vontade de Deus. Se nossos espíritos vibram em oração.

Então, podemos esperar que haja semelhante vibração no Céu, respondendo à nossa oração. Nosso clamor proferido na terra será respondido por um som celestial.

4. A língua de fogo. Certo jovem ministro, pregando na presença do famoso Dr. Talmadge, queria impressioná-lo com sua sabedoria. Mas a análise do Dr. Talmadge era: "Jovem, ou coloque mais fogo nos seus sermões, ou jogue mais dos seus sermões no fogo!"

A verdadeira eloqüência não é uma questão de se dispor as palavras com perícia; é uma seqüência de palavras que transbordam de um coração aceso com fogo celestial. O pregador verdadeiramente eloqüente é aquele cujo coração foi inflamado com fogo dos altares do Céu.

5. Fogo pentecostal. W. Arthur escreveu em seu livro "A Língua de Fogo": "Imaginemos que visitássemos um exército sitiando uma fortaleza, e os soldados dissessem que haveriam de abatê-la. Perguntaríamos: 'Como?' e eles mostrariam a bala do canhão. Bem, esta não possui poder, porque, se todos os homens do exército a lançassem contra a fortaleza, não fariam nela impressão alguma. Depois dizem: 'Olhem o canhão'. O canhão, porém, não possui poder algum; uma criança pode montar nele, um pássaro pode fazer seu ninho nele; é uma máquina e nada mais. 'Mas, olhem a pólvora'. Bem, esta também não possui poder, porque uma criança pode derrubá-la e os pássaros podem ciscar nela. Quando, porém, se coloca a bala que não possui poder, no canhão, juntamente com a pólvora, uma centelha de fogo transforma a pólvora em relâmpago e a bala em golpe violento. Assim acontece com a organização

eclesiástica; temos o equipamento, mas precisamos do batismo do fogo!"

6. Ventos celestiais. Disse Jesus: "O vento assopra onde quer..." Como podemos ficar no caminho certo onde sopra o vento celestial, a fim de sermos "inspirados pelo Espírito Santo"? (2 Pe 1.21). Primeiro, precisamos de "velas" espirituais, ou seja, o desejo e a receptividade para receber a bênção. Depois, devemos freqüentar os lugares onde sopram os ventos de Deus - reuniões de oração, estudos bíblicos, cultos de reavivamento.

7. Ficando prontos para o poder espiritual. Podemos desejar o poder espiritual, mas estamos prontos para recebê- lo? Deus o pode confiar às nossas mãos? Estamos dispostos a deixar Deus operar segundo a maneira dEle? Nós queremos tomar posse do poder e fazer uso dele. Deus quer que o poder tome posse de nós e faça uso de nós. Se nos entregamos ao poder, deixando-o dominar em nós, o poder nos será entregue para dominar através de nós. Algumas pessoas suspiram de vontade para terem mais do Espírito Santo, porém, a verdade é que o Espírito Santo quer ter mais de nós!

8. Ficando cheios do Espírito. "Todos ficaram cheios do Espírito Santo". Podemos distinguir três fases desta plenitude. A original, quando o crente recebe o Espírito Santo pela primeira vez, sendo nEle batizado (At 1.5; 2.4; 9.17). Depois, existe aquela condição que se descreve com as palavras: "Cheio do Espírito Santo" (At 6.3; 7.55; 11.24), que explicita o comportamento diário do homem espiritual. Quais as evidências de que alguém está cheio do Espírito? (Gl 5.22,23). Finalmente, há revestimentos do Espírito para ocasiões especiais. Paulo recebeu a plenitude do Espírito Santo após a sua conversão, mas Deus lhe concedeu um revestimento especial para repreender o poder do diabo. Pedro ficou cheio do Espírito no dia de Pentecoste, mas Deus lhe concedeu uma unção especial quando ficou na presença do concílio dos judeus (At 4.8). Os discípulos todos tinham recebido o batismo no Espírito Santo no dia de Pentecoste, mas, em resposta às suas orações, Deus lhes concedeu um revestimento especial para fazerem frente à perseguição por parte dos líderes dos judeus (At 4.31). Uma pessoa pode ter a plenitude do Espírito Santo na sua vida, e ainda pedir um

derramamento especial para subir ao púlpito, equipando-o com unção especial para falar.

Ser cheio do Espírito é mais do que um privilégio; é um dever. “Enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18).

O que significa viver uma vida cheia do Espírito? Em primeiro lugar, consideremos a falta de tal experiência: mundanismo, falta de preocupação pelos perdidos, falta de testemunho, retenção do dinheiro devido às ofertas a Deus, falta de oração e de leitura bíblica, atitude de indulgência para com o pecado. Consideremos também as indicações positivas de uma vida cheia do Espírito Santo: Gálatas 5.22,23.

9. A inteligibilidade do Evangelho. “Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?” Os discípulos literalmente falavam outras línguas, de forma milagrosa. A lição espiritual sugerida é que o Evangelho deve ser apresentado de forma inteligível a todas as nações e classes. O pregador deve saber pregar aos cultos e analfabetos, adultos e crianças, respeitados e excluídos pela sociedade. Alguém disse de seu pastor muito letrado: “Durante seis dias da semana, ele é invisível; e no sétimo dia, é incompreensível”. Se tal pastor convivesse mais com seu povo, conheceria suas necessidades e saberia falar sua linguagem.

10. Vinho do Espírito. “Estão cheios de mosto” (literalmente, cheios de “vinho novo”). Estas palavras de zombaria eram verdadeiras, espiritualmente falando. Ser salvo e cheio do Espírito é uma santa embriaguez. Afinal, o Senhor entra na vida do ser humano, despertando-o dos seus pecados e mudando todos os seus valores e pontos de vista. “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é...” Não é de surpreender que o mundo considere o Evangelho loucura, e os crentes como loucos. Segundo o Evangelho, devemos morrer para viver, estar perdidos para sermos achados, condenados para sermos redimidos. Devemos possuir nada a fim de possuir tudo, e nos humilhar para sermos exaltados.

Os efeitos dessa “embriaguez” são: exercer influência espiritual, inspirar confiança, entusiasmo, alegria, paz, coragem. Não é de estranhar que Paulo dissesse: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”.

Sermão de Pedro no Pentecoste

Texto: Atos 2.14-47

Introdução

No dia de Pentecoste, o Espírito Santo veio sobre 120 discípulos. Fazia deles a primeira igreja do Cristo glorifi- cado, ungindo-os para uma missão de alcance mundial. As manifestações que seguiram o derramamento do Espírito impressionaram grandemente os que as testemunharam, alguns ficando admirados, enquanto outros zombavam, dizendo: “Estão cheios de mosto”. Pedro iniciou assim sua mensagem, esclarecendo qualquer mal-entendido que houvesse ao responder à pergunta: “Que quer isto dizer?”

“Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz...” Será este o mesmo Pedro que se acovardou diante das perguntas de uma empregadinha? Sim, a pessoa é a mesma, mas o Pedro incerto e impulsivo foi transformado pelo Espírito Santo. Há uma tremenda diferença entre o Pedro de antes e o de depois do Pentecoste.

Aos zombadores, Pedro explicou que os apóstolos e seus companheiros não estavam embriagados. Nenhum judeu tocaria em vinho antes da hora do culto

matutino. Aos que queriam saber a verdade, explicou que estavam vendo o cumprimento da profecia de Joel mediante a qual, nos últimos dias, o Senhor derramaria o seu Espírito. Não somente sobre alguns profetas, mas sobre pessoas de todas as classes.

O assunto central do sermão de Pedro é declarado no versículo 36: “Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo”. Ou seja, Jesus é o Messias (ou Cristo) comprovado pela sua ressurreição. Para os ouvintes (como para os judeus de hoje), não havia conexão entre o nome Jesus e o título de Messias. Pedro assumiu a tarefa de demonstrar mediante provas inegáveis que Jesus é o Messias.

I – Declarado o Fato da Ressurreição (At 2.22-24)

1. O apelo pessoal. “Varões judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras”. Muitos sermões são como cartas sem endereço. Não visam a ninguém especificamente e nunca alcançam nada. Pedro não lia um ensaio para o benefício geral de todos. Não estava dando vazão às suas especulações filosóficas. Visava diretamente as consciências das pessoas à sua frente.

2. Começo cuidadoso. Pedro falava a judeus cheios de preconceitos. Eles tapariam seus ouvidos logo que fosse mencionada a divindade do crucificado. Começou, portanto, com assuntos de acordo mútuo. Descreveu Jesus como “varão aprovado por Deus”. Sua intenção era chegar ao ponto de mostrar a verdade: o Homem Jesus a quem tanto ele como os judeus conheciam, era o Senhor e Messias. Ao se apresentar o Evangelho a um descrente, é bom partir das coisas com as quais ele poderá concordar, até chegar ao assunto principal.

Outro fato aceito pelos ouvintes de Pedro foi o ministério eficaz de Cristo.

Aprovado por Deus “com milagres, prodígios e sinais”. O povo judeu, sofrendo de falsos conceitos quanto à natureza do Messias, não reconheceu Jesus como tal. Havia, porém, milhares de judeus que o honravam como profeta enviado da parte de Deus. Observe a tríplice divisão das obras de Jesus: 1) “milagres” (ou “poderes”) refere-se à origem sobrenatural das obras; 2) “prodígios” descreve seu efeito em fazer as pessoas maravilharem-se ao ponto de crerem; 3) “sinais” caracteriza seu valor como prova da missão divina de Cristo.

Notemos o aspecto aberto e público do ministério de Cristo sugerido pelas palavras: “... como vós mesmos bem sabeis”. O início de muitas religiões é obscurecido por lendas vagas e mitos tenebrosos. O Cristianismo, no entanto, é uma religião histórica cujas origens foram demonstrações públicas, vistas por muitas testemunhas (ver At 26.26; Jo 18.20).

3. Ato pecaminoso. Um observador superficial pensaria que Jesus fora vítima das circunstâncias. Pedro, porém, esclarece sem dissimulação que sua morte não foi nenhum acidente. Era, pelo contrário, parte do plano divino: “Este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presci- ência de Deus...” Jesus fora traído de acordo com o deliberado propósito de Deus. José também parecia ser vítima indefesa da maldade de seus irmãos. No entanto, os sofrimentos que lhe causaram faziam parte do plano divino para a preservação de Israel (Gn 45.5,7,8; 50.20; Zc 12.10; Rm 11.11). Para os judeus, a morte de Jesus seria o fim das declarações que Ele fizera acerca de si mesmo. Pedro explicou ser a morte de Cristo, longe de incoerente com sua posição de Messias, uma parte da missão definida pelo próprio Deus.

A morte de Jesus estava prevista por Deus e fazia parte do seu plano. Mas, de modo algum, este fato serve como desculpa para a maldade dos que condenaram Cristo à morte. Praticaram este ato mediante sua própria vontade, sem nenhuma pressão da parte de Deus, que não força ninguém a pecar (Tg 1.13,14). Disse Pedro: “Tomando-o vós, o crucificaste e matastes pelas mãos de injustos’”.

4. Vindicação de Deus. “Ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela” (por causa da sua divindade e da promessa de Deus). A resposta que Israel deu às declarações do Messias foi a cruz e a sepultura. Deus respondeu com a coroa de glória e a portentosa ressurreição. Pela crucificação, Israel disse: “Rejeitamos a este como Messias, e acabamos com ele”. Mediante a ressurreição, Deus respondeu: “Eu aprovo as suas reivindicações; e o assunto dele com vocês ainda não se acabou”. Cada reavivamento tem uma mensagem dominante que se aplica com perfeição à geração em que surge. O assunto central da primeira pregação do Cristianismo foi a ressurreição de Jesus. Mensagem necessária para os que imaginavam estar ele morto, com seu ministério acabado.

II – Predita a Ressurreição (At 2.25-28)

Declara-se que o judeu em geral precisa de dupla conversão. A primeira com a cabeça, e a segunda com o coração. A primeira mediante o estudo das Escrituras que se referem ao Messias, e a segunda mediante a operação do Espírito Santo. Pedro, portanto, passa a demonstrar que a ressurreição foi profetizada nas Escrituras do Antigo Testamento. Visando este propósito, cita Salmos 16.8-10: “Porque dele disse Davi...” Pedro citou uma profecia do grande antepassado de Jesus. Como Davi sabia falar acerca da ressurreição do seu descendente divino? “Sendo pois ele profeta... nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo...” (At 2.30,31, cf. 2 Sm 23.1,2).

Lendo este salmo messiânico, podemos entender, à primeira vista, que Davi está descrevendo sua própria experiência. E talvez seja assim no início do salmo. Chegamos então às palavras: “Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção”. Percebemos aí que estas palavras não se aplicam a Davi. Ele morreu, e seu corpo viu corrupção. O corpo de Cristo, no entanto, ressuscitou da morte (At 2.29-31).

III - Comprovada a Ressurreição (At 2.32,33,36)

1. Testemunho dos homens. “Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas”. Em outro sermão, Pedro disse: “A este ressuscitou Deus ao terceiro dia, e fez que se manifestasse, não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós, que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos”. Era esta a tarefa inicial dos pregadores primitivos - testemunhar que Jesus estava vivo, e que seu ministério continuaria mediante os seus seguidores. Por que o Cristo ressurreto não se mostrou aos descrentes? Ver Lucas 16.31 e João 11.43,53.

2. Testemunho do Espírito. “De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis”. O derramamento do Espírito com as manifestações sobrenaturais que o acompanharam era, por assim dizer, um “telegrama”. Avisava os discípulos de que Jesus já estava reinando em poder no centro do Universo!

Pedro chega à irrefutável conclusão: “Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo”. Todo o restante do sermão era preparativo para este desfecho. O apóstolo chega ao ponto alto da sua grande comissão: convoca toda a casa de Israel - sacerdotes, anciãos e o povo comum - ao arrependimento e à confissão de Cristo como Mestre.

IV - Aplicação da Mensagem (At 2.37-39)

1. Convicção. “E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?” As palavras de Pedro foram como flechas. Atravessaram a casca dura do

preconceito judaico, a ponto de os ouvintes serem feridos de remorsos pela idéia de terem assassinado seu Messias. O incidente aponta para o dia em que a nação inteira lamentará por causa daquEle a quem traspassa- ram (Zc 12.10). Sermões agudos e objetivos produzem consciências feridas, comprovando o poder de Deus. A pergunta dos ouvintes faz lembrar a dos seus antepassados: "Com que me apresentarei ao Senhor, e me inclinarei ante o Deus Altíssimo?" (Mq 6.6). É semelhante à pergunta do carcereiro em Filipos: "Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?" Queriam saber como seriam perdoados por tão grande pecado. Como seriam aceitos no Reino do Messias. Tal pergunta é o primeiro passo para a conversão.

2. Exortação. "Arrependei-vos". Arrependimento pode ser explicado nos seguintes termos: "Vocês mataram o Messias, no entanto, Deus derrotou os seus propósitos ao ressuscitá-lo. O que vocês fizeram realmente ajudou a cumprir o plano dEle. Vocês, porém, fizeram isso por ódio; seu pecado é patente e permanece. Arrependam-se enquanto a misericórdia divina lhes é oferecida. Logo, Cristo virá como Juiz. Tornem-se seus amigos a fim de que sua vinda lhes seja motivo de alegria, não de condenação". Arrependimento é uma santa tristeza pelo pecado, seguida pelo abandono deste. É uma total reviravolta feita pela pessoa que descobriu estar andando pelo caminho errado. É um ato da vontade mediante o qual a pessoa, sob convicção, altera totalmente sua atitude para com Deus e com o pecado. Cumpre assim a ordem do profeta: "Criai em vós um coração novo e um espírito novo..." (Ez 18.31).

3. Instrução. "E cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados..." Duas expressões precisam de explicação:

3.1. "Em nome de Jesus Cristo". Não há conflito com a fórmula trinitariana: "Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". Não se declara aqui que Atos 2.38 é uma fórmula de batismo. É apenas uma declaração da fonte de autoridade para o batismo do crente. Quem é batizado em nome de Jesus segue sua liderança. Por seu intermédio passa da antiga para uma nova vida de retidão, em obediência ao mandamento do Pai e por meio do Espírito Santo.

3.2. “Batizado... para perdão dos pecados”. À primeira vista, estas palavras ensinam que o batismo na água é, de certa forma, essencial ao perdão dos pecados. No entanto, a remissão dos pecados está sendo mencionada em conexão com o arrependimento e não apenas com o batismo na água. A maneira oriental de falar muitas vezes coloca o símbolo antes da experiência ou outra coisa simbolizada. Desta forma o ouvinte ocidental tem a impressão de que é o símbolo ou a coisa simbolizada que produz a experiência (cf. At 22.16). O que Pedro queria dizer era: “Arrependei- vos, e recebereis a remissão dos vossos pecados, e, como testemunho público disto, deveis ser batizados na água”. Que o perdão dos pecados, dado por Deus, ocorre separadamente do batismo na água se comprova em Atos10.44- 48. E que nenhum poder existe inerente na água é demonstrado em Atos 8.13,21,22. Naturalmente, isto não diminui a importância do batismo na água. Como um rito estabelecido por ordem divina exige assim a nossa obediência.

Por que a fé não é mencionada como condição prévia do batismo? A fé é entendida nas palavras: “em nome de Jesus Cristo”. O batismo na água é uma expressão exterior da fé nele.

4. Promessa. A purificação do pecado é seguida pelo revestimento do poder. “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo...” O livro de Atos indica que estas são experiências distintas, embora possam ser recebidas simultaneamente (cf. At 19.4-7; 10.44).

Na época do Antigo Testamento, o Espírito era concedido a indivíduos especialmente escolhidos: profetas, reis e sacerdotes. Agora o dom é para “toda a carne”. Pedro ensina que a promessa é universal. É para qualquer pessoa presente - “Porque a promessa vos diz respeito a vós...” É para todas as gerações: “... a vossos filhos”. É para os que vivem em qualquer lugar: “... e a todos os que estão longe” - na condição de aceitarem a chamada divina à salvação - “... a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar”. Se Pedro tivesse explicado a salvação do ponto de vista humano, teria dito: “Para quantos

aceitarem a chamada divina à salvação” (cf. At 2.47).

5. A resposta. “E com muitas outras palavras isto testificava, e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa” (cf. 1 Jo 2.15,16). “De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas”. Num só dia foram acrescentados 3000 aos 120 membros originais da primeira igreja - um acréscimo de 2500 por cento - a divina adição e multiplicação.

V – Ensinamentos Práticos

1. O homem que derrotou a morte. “Ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela”. Pedro não disse apenas que a morte não prendera a Jesus. Ele afirmou que não era possível tal acontecimento. Tinha visto o Cristo ressurreto, e com Ele falara. Parece, no entanto, que sua fé tem fundamentos mais firmes do que a vista e a conversação. Reconhecendo, sem sombra de dúvidas, a divindade de Cristo, sabia que o surpreendente teria sido a não-ressurreição do Senhor.

Estátuas de líderes de denominações são erguidas em várias partes do mundo. O Mestre de todos eles, porém, não precisa de monumento algum. Jesus está vivo e conosco! E é este um fato que distingue o Evangelho de qualquer outra religião.

Ao que se une a Cristo, mediante a fé, aplica-se a mesma verdade: não é possível que seja retido pela morte. O túmulo vazio de Cristo é sinal e garantia de que os de seus seguidores, um dia, também ficarão vazios para sempre. E seus corpos serão glorificados (Jo 11.25,26).

2. Isto é aquilo! “Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel”. Há muitos séculos, o profeta previu e vaticinou o dia em que o fogo da inspiração inflamaria o coração dos simples. O dia em que o dom do Espírito seria um privilégio de todos. Pedro, com uma mão apontando para os adoradores no cenáculo e a outra para o texto sagrado, declarou: “Mas isto é o que foi dito...” A profecia se tornara história. Quando oramos e somos respondidos, apontamos um dedo para a oração e outro para a resposta, e dizemos: “Isto é aquilo!” O mesmo princípio se aplica à conduta. Há o caso do médico que, apontando os sinais de doença no corpo do viciado e indicando os seus excessos, declara solenemente: “Isto é aquilo!” Depois de uma guerra, olhando para as perdas de vidas e bens, falamos com grande tristeza: “Isto é aquilo!” O “aquilo” do pecado mais cedo ou mais tarde é seguido pelo “isto” das conseqüências.

No dia do juízo, muitos ficarão surpreendidos. Saberão que ministraram ao Senhor em pessoa. Jesus lembrará os atos de bondade feitos aos mais humildes, como que dizendo: “Isto é aquilo!” “Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25.31-46).

3. A pregação pentecostal. A pregação de Pedro era:

3.1. Aplicada a pessoas. Falava a pessoas específicas, condenando seus pecados. Sua pregação era pessoal. É claro que nem todos iriam gostar. Certa vez, um poderoso político saiu furioso dum culto. Dizia ele que sempre tinha dado apoio aos clérigos, mas o sermão daquela vez foi intolerável. Disse que o pregador chegou ao ponto de insistirem que a religião deve ser aplicada à vida particular de cada ser humano. E, por acaso, não é isto justamente o que ensina a Bíblia?

3.1. Penetrante. Deve ferir o alvo como ponto agudo. Certo marinheiro ouviu um sermão, e comentou que este pareceu-lhe como um navio saindo para a pesca de baleias. Tudo em perfeita ordem de funcionamento: âncora, velas, suprimentos em boas condições. Porém, não tinha arpões a bordo. A pregação

de Pedro tinha arpão para fisgar as consciências.

Wesley considerava perda de tempo pregar as consolações do Evangelho antes de fazer os ouvintes sentirem os terrores da lei e do juízo.

3.2. Poderosa. Pedro falou com poder devido a unção que o Espírito Santo dava às suas palavras. O Espírito opera com a Palavra como o martelo trabalha com os pregos - faz com que penetre profundamente no lugar desejado. Procurar comover pessoas sem este poder é como operar uma máquina elétrica quando não há energia.

3.3. Prática. Quando os judeus, sob convicção de pecado, perguntaram: "Que faremos?", Pedro já estava pronto com a sua resposta. Depois de levar as pessoas à convicção quanto ao pecado, o obreiro cristão deve saber levá-las para a graça, como o hábil guia deve saber mostrar o caminho ensolarado do perdão e paz dados por Deus.

"Compungiram-se em seu coração". A palavra ferira os ouvintes de Pedro. Agora, ele aplica um pouco mais da Palavra para sarar as feridas. Um pouco de religião é coisa que perturba; mais religião, porém, remove a inquietação. A Palavra de Deus é martelo para quebrar as rochas. Também é bálsamo para aliviar o coração quebrado. Seu primeiro efeito é convencer o pecador de que está perdido. O segundo, é fazer o perdido regozijar-se no Salvador.

4. O nome sobre todos os nomes. "Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo". Esta declaração contém os grandes nomes do Mestre - Jesus, Senhor e Cristo.

“Jesus” era o nome humano do Senhor. Faz-nos lembrar que Ele veio a ser nosso Irmão a fim de ajudar-nos. Quando lemos sobre os sofrimentos de Jesus, devemos lembrar que nada aconteceu fria, oficial e insensivelmente. Na verdade Jesus teve de enfrentar reais agonias. Assumiu a nossa natureza para que pudesse ajudar-nos. O amor humano, sem Cristo, nada pode fazer para nos ajudar.

“Cristo” descreve o ofício do Mestre como nosso Redentor e Messias. No Antigo Testamento, o Cristo, ou Messias, é o que sofre para redimir seu povo, trazendo-o ao Reino de Deus. Há pessoas que admiram Jesus como homem. Porém, ninguém pode ser cristão se não confessar que Ele é o Cristo. Pode crer que Jesus morreu como mártir, mas é só a morte de Jesus como Cristo que dá valor expiador a esta morte. Alguém pode crer que Jesus foi ao Céu como galardão pelas suas próprias virtudes, no entanto, só como o Cristo de Deus é que Ele pode nos levar consigo.

“Senhor” descreve sua soberania real. Está entronizado à mão direita de Deus, regendo sobre tudo. Mediante a sua morte obteve o direito de ser Senhor dos homens. Por ser o nosso Salvador, também é nosso Senhor. Se o aceitamos como nosso Salvador, devemos obedecê-lo também como nosso Senhor.

5. A colheita. Na primeira proclamação da Lei, 3000 pessoas foram destruídas (Êx 32.28). Na primeira proclamação do Evangelho 3000 foram salvas. Distingue-se assim, significativamente, a natureza das duas dispensações:

38 Atos: e a Igreja se Fez Missões

“E naquele dia agregaram-se quase três mil almas”. Nota- se que não foram acrescentadas a fim de serem salvas, mas porque já eram salvas. Acrescentar pessoas à igreja na esperança de que, depois, cheguem a ser salvas não é o método do Novo Testamento. Foi o Senhor quem acrescentou estas 3000 pessoas

(v. 47). As que forem acrescentadas por qualquer outro método devem ser deduzidas da contagem. Somente uma igreja pura tem condições de ser poderosa e permanente.

A Cura de um Coxo

Texto: Atos 3

Introdução

O livro de Atos descreve o início da Igreja. No capítulo anterior, estudamos o primeiro sermão, ministrado no dia da organização da Igreja. Vimos ainda a resposta ao primeiro apelo. Neste capítulo, passaremos a considerar o primeiro milagre apostólico.

I – As Circunstâncias

1. A ocasião. "E Pedro e João subiam juntos ao templo à hora da oração, a nona". Os primeiros cristãos eram de nacionalidade judaica. Eles se reuniam para o culto num dos pórticos do Templo, privilégio concedido aos vários grupos religiosos entre os judeus. Eles se reuniam para o estudo das Escrituras.

No princípio, ninguém os molestava. Consideravam os cristãos mais uma seita dentro do judaísmo, por mais fanática que lhes parecesse. Mais tarde, os líderes

tiveram de abandonar esta idéia.

É provável que os primeiros cristãos tivessem três reuniões diárias. Isto devido ao costume judaico das três horas do culto divino no Templo (Sl 55.17; Dn 6.10): à terceira hora, do sacrifício da manhã, equivalente às nove horas atuais; ao meio-dia, provavelmente um culto de ações de graças; e, finalmente, a reunião de oração que coincidia com o sacrifício da tarde, à hora nona, ou as atuais 15 horas. Foi neste último horário que Pedro e João entraram no Templo para um período de culto cristão.

2. O lugar. Foi na porta Formosa que os apóstolos viram o coxo. O Templo era cercado por três átrios de mármore. Cada um num nível mais alto, subindo por lanços de degraus, a partir da entrada exterior no nível da cidade. O átrio mais baixo era o único ao qual os gentios tinham acesso. Subindo os degraus, chegava-se ao segundo átrio, o central, além do qual nenhuma mulher tinha o direito de subir. Então, mediante outro lanço de degraus, subia-se ao átrio superior onde estavam o altar e o santuário. Em cima do lanço de degraus, no nível do Templo e dando acesso a ele, estava a porta Formosa. Era feita de latão de Corinto e ricamente ornada e coberta de ouro e prata que, com a luz do sol, brilhavam com glória reluzente.

3. O sofredor. "E era trazido um varão que desde o ventre de sua mãe era coxo, o qual todos os dias punham à porta do Templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam". Que contraste! Uma porta forte, bela, despertando a admiração de todos, e um pobre mendigo, vestido em trapos, procurando continuar sua existência à base de esmolas. Tais contrastes existem pelo mundo afora. E assim continuam, até que alguém, dotado do poder de Deus, pronuncie a palavra que faz os fracos e débeis ficarem moral, física e espiritualmente tão belos quanto o Universo.

Dia após dia, o homem era levado para o Templo. Esperava que os adoradores estivessem mais inclinados à caridade do que outras pessoas. Muitos aflitos

esperam algo do calor da religião no meio da fria indiferença do mundo.

II – A Cura

1. O pedido. “O qual, vendo a Pedro e a João, que iam entrando no Templo, pediu que lhe dessem uma esmola”. Mecanicamente, começou a fazer suas lamúrias. Talvez não olhasse para os apóstolos, nem esperasse receber coisa alguma.

2. A ordem que chamou a atenção. “E Pedro, com João, fitando os olhos nele, disse: Olha para nós”. O mendigo tinha de ser despertado da sua letargia. Necessitava preparar a mente e o coração para receber uma bênção espiritual: “E olhou para eles, esperando receber deles alguma coisa”. As palavras de Pedro despertaram expectativa e receptividade no mendigo. Foi arrancado do seu estado de desespero, e alguma esperança começou a surgir na sua mente. Ninguém havia falado assim com ele antes. Os adoradores, geralmente, lançavam-lhe uma moeda quase sem olhar para ele. Aqui, no entanto, estavam dois homens que lhe dedicavam total atenção, como se tivessem verdadeira preocupação com a situação dele. Certamente era este o prelúdio de um presente fora do comum.

3. O presente inesperado. “E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro” - Podemos imaginar a decepção do mendigo! Pedro, no entanto, ainda não acabara de falar: “... mas o que tenho isso te dou: Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda”. Tinha algo melhor do que dinheiro para oferecer àquele homem necessitado (cf. 1 Pe 1.18,19). Pedro estava cumprindo o mandamento de Cristo que, após ter concedido poder milagroso aos apóstolos, disse: “De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10.8,9). Desta forma, o apóstolo tipifica a verdadeira Igreja de Deus, que, apesar de pobre quanto aos bens deste mundo, tem poder para realizar milagres. E, muitas vezes, quando uma igreja já não pode dizer: “Não tenho prata nem ouro”, também perde o poder de dizer:

“Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda”.

4. A cura milagrosa. “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E, tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram”. Notam-se três fatos com respeito à cura:

4.1. Foi em nome de Jesus Cristo. A palavra “nome”, conforme o emprego bíblico, está vinculada à personalidade e influência da pessoa. Quando o Antigo Testamento fala acerca do “nome de Deus”, está tratando da manifestação daquilo que Deus realmente é. E, quando Pedro levantou o coxo em nome de Jesus, estava invocando o poder e a virtude que estão contidos na personalidade de Jesus. O nome de Jesus é um nome salvador porque representa a pessoa do Salvador. Este nome só pode ser invocado por aqueles que têm verdadeira fé nele (cf. At 19.13-16). “E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome... e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão” (Mc 16.17,18).

4.2. A cura foi realizada mediante a fé. “E pela fé no seu nome fez o seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; e a fé que é por ele deu a este, na presença de todos vós, esta perfeita saúde” (At 3.16). O coxo exerceu um pouco de fé, ou foi Pedro que exerceu toda a fé? O Senhor sempre requer fé, quando possível, da parte daqueles a quem cura. Portanto, temos a certeza de que este homem deu alguma resposta de fé (cf. At 14.8-10). Será que o coxo ouvira o Evangelho, de forma que sua fé pôde ser despertada mediante a Palavra de Deus? (Rm 10.17). É provável que o homem já tivesse visto Jesus passar por aquela porta, e que tivesse ouvido acerca dos seus ensinos, crucificação e ressurreição. As pessoas, certamente, tinham comentado perto dele os eventos do Pentecoste e o poder de Jesus para salvar os pecadores. Guiados pelo Espírito, Pedro e João pararam e discerniram a semente de fé no coração do homem. Falaram palavras que ajudaram à fé expressar-se mais plenamente. Imediatamente à fé frutificou de tal maneira que a folha, a espiga e o grão maduro cresceram de uma só vez.

Por outro lado, pode ser que a autoridade da ordem dada por Pedro, em nome de Jesus, tivesse bastante influência para produzir a fé salvadora. O mendigo pode ter sido suficientemente singelo para crer em tudo quanto Pedro disse.

4.3. A cura foi levada a efeito mediante poder sobrenatural. "E logo os seus pés e artelhos se firmaram". Este homem não foi curado pelas sugestões da sua própria mente, vivificando suas energias. Foi, no entanto, pelo poder sobrenatural da parte de Deus que lhe sobreveio de cima e de fora dele.

5. A seqüela feliz. Pedro e João continuaram seu caminho para o culto, tendo agora um acompanhante feliz: "E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou com eles no Templo, andando, e saltando, e louvando a Deus". Esta maneira pouco clássica de entrar no Templo deve ter causado surpresa e até repúdio a alguns dos frios freqüentadores do culto. Quando, porém, um coxo de nascença recebe a cura milagrosa e instantânea mediante o poder de Deus, manter a aparência é de pouca importância. O simples andar não parecia suficiente ao homem que achava tão maravilhosas suas novas capacidades.

"E todo o povo o viu andar e louvar a Deus; e conheciam-no, pois era ele o que se assentava a pedir esmola à porta Formosa do Templo; e ficaram cheios de pasmo e assombro, pelo que lhe acontecera. E, apegando-se o coxo, que fora curado, a Pedro e João, todo o povo correu atônito para junto deles..." Este milagre tinha um propósito muito prático - exaltava o nome de Jesus e dava publicidade aos pregadores do Evangelho. Com isso uma grande multidão se dispôs a escutar a mensagem. Pedro diz que Jesus é a fonte do poder milagroso. Não por ter ele operado milagres na terra, mas por estar agora assentado à destra de Deus.

Estas palavras exigiam muita coragem, para serem faladas no Templo. Elas colocavam Pedro sob o risco de ser levado à prisão. No entanto, Pedro possuía o heroísmo que um Cristo morto nunca poderia ter concedido. Sua própria atitude, e não somente as palavras que falava, se constituía em evidência de que Cristo

realmente estava vivo.

III – Ensinamentos Práticos

1. “Cooperando com eles o Senhor” (Mc 16.20). Os que negam o sobrenatural precisam explicar uma coisa. Os primeiros missionários eram membros sem influência, de uma nação desprezada. Como, então, conseguiram fazer progredir a religião de Cristo, face à cultura da Grécia e de Roma? e ao ponto de obter a supremacia, apesar das suas doutrinas de abnegação. O segredo do triunfo do Cristianismo não se achava na qualidade dos homens que o pregavam. Estava sim, na pessoa de Cristo, por eles pregado e de quem recebiam o poder.

O general inglês Wellington calculava que a presença de Napoleão no campo da batalha valia por 40.000 soldados. Não somente por sua perícia como comandante, mas também porque sua presença inspirava coragem e confiança na vitória. A presença de Cristo no campo de batalha espiritual vale muitíssimo mais: “E eis que eu estou convosco todos os dias...”

2. A mão que ajuda. “E, tomando-o pela mão direita, o levantou”. Certo criminoso deixou seus maus caminhos e dedicou-se à vida cristã. Tudo porque o conde de Shaftesbury, famoso político cristão que lutava por reformas sociais, o tomou pela mão e amorosamente lhe disse: “Você ainda virá a ser um homem de verdade!”

3. Mais precioso do que ouro. “Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou”. Nos períodos históricos em que a Igreja tem tido quantidades de ouro e prata, não tem havido poder espiritual. A tradição judaica diz que no Templo de Jerusalém havia uma flauta feita de taquaras. Remontando aos tempos de Moisés, ela possuía um som maravilhoso que encantava os adoradores. Quando, porém, os sacerdotes resolveram revestir a preciosidade com camadas de ouro,

o som ficou metálico e antipático, até grosseiro. O ouro estragara suas notas doces e claras. A Igreja de Jesus Cristo começou com uma nota celestial e gloriosa. O institucionalismo e o mundanismo, no entanto, muitas vezes chegaram a estragar a pura mensagem do Evangelho. Fiquemos firmes na simplicidade que há em Cristo.

4. Mordomos de Deus. "... mas o que tenho isso te dou". Toda pessoa que está em comunhão com o Senhor Jesus tem algo, ou pelo menos deve ter, para oferecer aos espiritualmente necessitados. Mesmo os que não possuem bens materiais podem oferecer o que têm: uma palavra de testemunho ou encorajamento, uma oração. Algo que seja como uma mão auxiliadora para tirá-lo de sua incapacidade espiritual. Certo reformador e novelista disse a um mendigo, magro e com frio, que lhe implorara uma esmola: "Não fique zangado comigo, irmão, não tenho nada para dar". O rosto pálido iluminou-se, e os lábios roxos de frio formaram um sorriso. "Chamou-me de irmão, afinal, e este foi um presente muito grande". Passando por lá uma hora mais tarde, o reformador ainda viu o sorriso nos lábios do mendigo. Deu-lhe algo melhor do que ouro e prata.

Borrow, autor inglês, disse que certa vez um grupo de ciganos vinha atrás dele, clamando: "Dá-nos Deus!" "Eu não sou nem sacerdote nem ministro", respondeu ele. "E só posso lhes dizer: Deus tenha misericórdia de vocês". Jogou algumas moedas às crianças e afastou-se. Uma das mulheres gritou para ele: "Não queremos dinheiro! Temos bastante. Dá-nos Deus!" Se você estivesse lá, quanto de Deus poderia ter oferecido àquela mulher?

5. Deixando o caminho livre para Deus. Pedro e João viram a admiração do povo crescendo, a ponto de se transformar em idolatria. Então, desviaram deles a atenção a fim de concentrá-la exclusivamente no Mestre. Quando a adoração manifestou-se nos corações, os dois se afastaram e apresentaram a pessoa de Jesus. O Senhor recebeu, assim, todo o louvor e glória.

Quando Leonardo da Vinci completou seu célebre quadro da Última Ceia, convidou um amigo para apreciá-lo. “O quadro é primoroso”, exclamou o amigo. “Aquela taça de vinho se ressalta da mesa em prata maciça e brilhante”. Sem esperar mais nada, o artista tomou um pincel e apagou a pintura da taça, dizendo: “Minha intenção era que a pessoa de Cristo atraísse em primeiro lugar o olhar das pessoas, e qualquer coisa que desvia dele a atenção precisa ser apagada”.

Bem-aventurado é o obreiro cristão que, tendo despertado o interesse das multidões, saiba levá-las a Cristo.

6. Ferindo a fim de sarar. Whitefield pregava a grandes auditórios de mineiros de carvão. Havia tanta gente que era difícil ler as emoções nos rostos. Todos cobertos por camadas de pó. Vendo as marcas brancas, feitas pelas lágrimas no meio do carvão, sabia que a Palavra já tinha alcançado os corações. Então, deixava os aspectos da lei e de condenação e anunciava a graça e a consolação.

Pedro amava de todo coração seus compatriotas. Contudo, não deixou de lhes fazer profundo corte nas consciências (vv. 12-19). Como um cirurgião capaz, que corta para curar.

As pessoas só valorizam o Salvador quando percebem quão grande é o seu pecado e que estão perdidas. Spurgeon dizia que, para se levar um homem à salvação, é preciso primeiro levá-lo a reconhecer que está perdido.

7. Uma escolha fatal. “Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida”. Jesus tinha a reputação de bondade e pureza entre o povo. Barrabás era revoltoso e assassino. Provavelmente lançava mão de um falso patriotismo como pretexto para roubar. A multidão, surgindo a possibilidade da escolha, rejeitou Jesus. Ele não tinha satisfeito suas

expectativas nacionalistas. O espírito demonstrado na escolha de Barrabás frutificou de modo lógico na revolta de 68 d.C. Iniciando então a mais terrível calamidade sofrida pela nação em toda a sua história.

A natureza humana não mudou. Poucos negariam as virtudes de Jesus. Porém, nas escolhas práticas da vida o rejeitam em favor das riquezas, da fama, dos prazeres ou poder. Quem faz estas escolhas nunca acha paz e felicidade sólidas e permanentes. Estas são propriedades exclusivas dos que escolhem o Galileu.

Perseguição, Oração e Poder

Texto: Atos 4.1-31

Introdução

“Quando Deus opera, o diabo começa a trabalhar”, é um ditado comum entre os crentes. No capítulo anterior, lemos a história da poderosa operação de Deus na cura do coxo. Não é de surpreender ter sido o primeiro milagre apostólico seguido da primeira perseguição registrada contra a Igreja.

I – Do Templo para a Prisão (At 4.1-4)

Em meio ao sermão, antes de Pedro chamar os convertidos à frente, sacerdotes e policiais forçaram caminho em meio a multidão. Levaram Pedro e João presos. A acusação era: perturbação da ordem e pregação de heresia. Os sacerdotes pertenciam ao partido dos saduceus, não acreditavam na ressurreição dos mortos. O pregador falava palavras de graça ao povo quando sua boca foi fechada. Até ao dia de hoje, os perseguidores sempre são cegos. Em todas as terras e gerações procuram extinguir a luz, porque amam as trevas. O “porém”, no versículo 4, demonstra que a Palavra já tivera oportunidade de operar nos corações.

II – Da Prisão para o Tribunal (At 4.5-22)

1. As perguntas acusadoras. No dia seguinte, Pedro e João compareceram diante do Sinédrio, o concilio eclesiástico dos judeus. A acusação foi sugerida pela pergunta: "Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?" Qual a fonte de onde tiraram poder para curar o coxo? Estes apóstolos são verdadeiros profetas do Senhor? Ou sedutores que pregam a idolatria? (Dt 13.1-5). A pergunta visava incriminar os apóstolos. Se respondessem: "O coxo foi curado em nome do Senhor Deus", seriam libertados (Jo 9.24). Se, porém, insistissem em afirmar que fora em nome de Jesus, seriam expostos à acusação de blasfêmia. Atribuir o milagre a Jesus atrairia sobre eles a mesma condenação sofrida pelo Senhor (Mt 12.24).

2. A resposta inspirada. "Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse..." Poucas semanas antes Pedro declarara, positivamente, que seguiria Jesus até à prisão (Lc 23.33). Na realidade, seguiu Jesus à distância e depois o negou. Agora Pedro realmente foi para a prisão por amor a Jesus. E ficou bem contente em assim fazer (At 5.41). Como se pode explicar a diferença? É que na primeira ocasião estava ungido com o espírito de Pedro. Na segunda, ungido com o Espírito Santo.

"Principais do povo, e vós, anciãos de Israel [Pedro falou com cortesia], visto que hoje somos interrogados acerca do benefício feito a um homem enfermo e do modo como foi curado, seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este está são diante de vós". De modo simples e direto, Pedro vincula a cura milagrosa ao nome de Jesus. A cura do homem foi um "benefício" inegável. E quem inspirou o milagre não poderia, portanto, ser um malfeitor: "Não se colhem uvas de espinhos".

Observemos também o contraste nas palavras: “... a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos”. O texto mostra o quão longe de Deus estavam os que rejeitaram a Jesus (cf. At 3.13-15).

“Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos”. Que erro enorme o dos edificadores! Rejeitaram a pedra mais importante do edifício! Este foi o erro de Israel: rejeitar a Jesus como seu Messias. Apesar desta rejeição, Deus o exaltou à sua posição certa: a de Pedra fundamental nos corações de milhões.

3. O reconhecimento significativo. Os membros do Si- nédrio, vendo o heroísmo dos discípulos, lembraram-se de um “outro” que enfrentara com dignidade suas acusações. Reconheceram a imagem do Mestre nos discípulos. Estes não tinham cursado as escolas rabínicas, porém, não demonstravam embaraço na frente destas autoridades eclesiásticas: “E tinham conhecimento que eles haviam estado com Jesus”. O Mestre celestial deve ter ficado grandemente satisfeito ao se ver refletido em seus discípulos.

4. A consulta oficial. “E vendo estar com eles o homem que fora curado [em pé, pela primeira vez na sua vida!], nada tinham que dizer em contrário”. Não podendo alterar os fatos, consultavam-se secretamente para atacar os homens que proclamavam os acontecimentos: “Mas, para que não se divulgue mais entre o povo, ameacemo-los para que não falem mais nesse nome a homem algum”. Os sacerdotes sabiam que não gozavam de popularidade entre o povo. Também não se interessavam em investigar a verdade nas declarações de Jesus. Só desejavam sufocar uma doutrina que ameaçava a supremacia deles.

5. A severa proibição. “E, chamando-os, disseram-lhes que absolutamente não

falassem, nem ensinassem, no nome de Jesus". Era o mesmo que proibir o sol de brilhar. Afinal, Pedro e João pertenciam a um movimento que estava passando pela nação como um fogo ardente.

6. A corajosa declaração. A situação era difícil, porque Pedro e João eram cidadãos leais. Eles deviam obedecer às autoridades constituídas, especialmente em se tratando de autoridade religiosa. Os sacerdotes de Israel, no entanto, já não eram seguidores fiéis de Deus. Os apóstolos tomaram o caminho da "desobediência obediente" e responderam: "Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus? Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido". Graças a Deus pela coragem destes dois "jovens israelitas"! (cf. Dn 3.24,25).

Pedro estabeleceu, para sempre, o princípio fundamental entre os limites da obediência cívica e do dever cristão de testemunhar. Quando existe clara contradição entre os mandamentos dos homens e os de Deus, de tal forma que obedecer a uns é desobedecer aos outros, não sobra mais nenhuma dúvida quanto ao que o crente deve fazer.

Juízes justos têm de optar entre o caminho de punir e o de declarar inocente. Estes sacerdotes, no entanto, não eram justos. Irritados contra os apóstolos não ousavam fazer nada contra eles, "por causa do povo". Medo do povo, e não o senso de justiça, levou-os a soltar os apóstolos.

III – Do Tribunal para a Igreja (At 4.23-31)

A oração é o recurso mais poderoso da igreja, quando ameaçada pelo mundo. "E, soltos eles, foram para os seus, e contaram tudo o que lhes disseram os principais dos sacerdotes e os anciãos". Então, começaram a falar com Deus. Todos oraram juntos ("unânimes levantaram a voz a Deus"), e um deles, talvez Pedro, dirigiu

uma oração especial.

1. A necessidade de poder. Os crentes, ao serem ameaçados pela força humana, apelaram para o poder de Deus. Oraram, atribuindo ao Senhor o poder onipotente. Poder revelado na criação (v. 24), na declaração antecipada de qual seria a oposição humana (vv. 25-27) e na permissão desta oposição, transformando-a no cumprimento da sua vontade soberana (v. 28).

2. A busca do poder. Quais foram as emoções dos discípulos? Não tinham medo, senão pediriam proteção. Não tinham ódio, por isso não pediram vingança contra seus inimigos. Foi a corajosa resolução de cumprir a vontade de Deus que os levou a orar: "Concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra". Foi a cura do coxo que deu ocasião à perseguição. Mas, ao invés de dar menos ênfase às curas, pediam: "Estendes a tua mão para curar, e para que se façam sinais e prodígios pelo nome do teu santo Filho Jesus".

3. Concedido o poder. A resposta veio tão rápida como o trovão depois do raio. Enquanto oravam, recebiam conforme suas petições. Caiu o poder divino e houve grandes movimentos. Primeiro um tremor de terra - "... moveu-se o lugar em que estavam reunidos..." Depois, um tremor de almas - "... todos foram cheios do Espírito Santo..." E, finalmente, um tremor de línguas - "... e anunciavam com ousadia a palavra de Deus".

IV – Ensinamentos Práticos

1. Autoridades eclesiásticas. A liderança eclesiástica que perde a visão espiritual pode se transformar em poder perseguidor. Neste capítulo, vemos os saduceus - os modernistas daqueles dias - procurando atar a Palavra de Deus com suas regras e até com correntes de ferro. Ficaram desgostosos com a pregação da ressurreição por parte dos apóstolos, mensagem que incluía uma

parte sobrenatural. Mais uma vez, Israel foi espiritualmente embaraçado por eclesiásticos mundanos.

Igrejas têm sido arruinadas mais pelos líderes, que amam excessivamente suas posições, do que por qualquer outro pecado. Qualquer líder cheio de si pode causar grandes dissensões. A igreja presa a regras, muitas vezes, tem obscurecido ao invés de exemplificar os ensinos de Cristo.

A condição espiritual da igreja depende de seus líderes. Só uma liderança singela e espiritual, conforme o padrão do Novo Testamento, mantém a igreja em boas condições espirituais.

2. A santa coragem. "Então eles, vendo a ousadia de Pedro e João..." Atualmente, não temos no país perseguições violentas ou oficiais. No entanto, temos que enfrentar, dia após dia, o curso do mundo. Ele é como um rio composto de muitas gotículas, que no seu conjunto, vão correndo para baixo em vasto e poderoso volume, podendo levar à força o mais vigoroso nadador. Tomar uma posição firme diante das tendências do mundo às vezes requer tanta coragem quanto enfrentar os perseguidores e suas ameaças.

Os apóstolos conheciam o perigo de se deixarem intimidar por seus críticos. Por esta razão, longe de pedirem livramento dos perseguidores, suplicaram por intrepidez para anunciar a Palavra de Deus.

Médicos de certa cidade estavam preocupados com algumas crianças. Elas tinham pernas com mais cartilagem do que osso firme. Então eles descobriram que isso se devia à falta de cálcio na água da cidade.

A Água da Vida, recebida mediante a comunhão com o Senhor, contém elementos que produzem uma boa formação espiritual.

3. Consagração e educação. As autoridades perceberam que Pedro e João eram "iletrados" (não tinham curso em escola rabínica) e "incultos" (literalmente, "particulares" - não tinham nenhuma posição oficial de ensino). Certamente o orgulho deles foi ferido ao serem vencidos em debate por homens assim.

Fazemos mal em ridicularizar a educação e desprezar o seu valor. Deus não oferece nenhum galardão para a ignorância. A educação, no entanto, tem as suas limitações. Tem valor duvidoso quando não é acompanhada de bom senso e consciência de Deus. Muitos, infelizmente, foram instruídos para não terem fé no Senhor. O crente sábio colocará Deus em primeiro lugar. Contudo, depois procurará toda a instrução que possa empregar para a glória de Deus. Apesar das teorias materialistas, a educação é incompleta, se não providencia nada para a natureza espiritual do homem.

4. O convívio que transforma. "E tinham conhecimento que eles haviam estado com Jesus". A convivência com o Senhor na terra efetuara uma mudança no caráter deles. Mesmo assim, ainda possuíam escórias não purificadas e trevas que não tinham sido completamente dispersas. Isto até a chegada do fogo celestial do Pentecoste. Todavia, o verdadeiro motivo da intrepidez de Pedro e de João era sua comunhão espiritual com o Cristo no Céu, não só o fato de tê-lo conhecido como vulto histórico. Esta forma de cultivar o caráter está à disposição de todos nós. Todos podemos ter convívio com Cristo, mantendo comunhão com Ele.

Alguns, zelosos pela santificação pessoal, dirigem seus esforços para a conquista de virtudes individuais. No entanto, o caminho mais direto, curto e certo é ter muita comunhão com o Mestre. Desta maneira, "todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2 Co 3.18).

O que o companheirismo de Cristo pode fazer por nós? Primeiro, nos permitirá ter conhecimento a respeito dEle em nosso coração. Muito melhor do que qualquer conhecimento intelectual. Em matéria de assuntos espirituais, o coração é o melhor mestre. Em segundo lugar, nos libertará do temor dos homens. O crente que anda com Cristo pode dizer: “Não temerei mal algum, porque tu estás comigo”. Finalmente, nos abrirá os lábios para falarmos dEle a outras pessoas. É importante notar o efeito sobre as autoridades. O verdadeiro caráter cristão atrai a atenção de todos. E desperta o interesse de saber qual a transformação que produz tais resultados.

5. Quando o silêncio não é de ouro. “Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido”. Três fatores levavam os profetas de Israel a falar: o conhecimento de que o Senhor havia falado (Am 3.7, 8), um impulso profundo no seu íntimo (Jr 20.9) e a paixão pelas almas. Pelas mesmas razões os crentes devem anunciar a mensagem do Evangelho.

O impulso no íntimo faz com que o silêncio seja impossível: “Não podemos deixar de falar...” A ardente convicção não fica prisioneira no coração por muito tempo. Cedo exigirá direito de saída pela porta dos lábios: “Nós cremos também, por isso também falamos” (2 Co 4.13). Neste caso, apenas duas razões principais explicam porque há crentes que não testificam: ou não entendem o Evangelho corretamente, ou seu poder não os inspirou devidamente. Ao expressar nossas convicções, aprofundamos nossa fé. Nossa vida espiritual se esvai quando não compartilhamos com outras pessoas a nossa experiência cristã.

O mandamento do Senhor transforma o silêncio em desobediência. “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” - estas são as nossas instruções para a batalha. A contribuição e participação na obra missionária não são matéria de inclinação, mas puro dever. A sobrevivência espiritual da igreja depende da obediência a este mandamento.

Os vínculos da fraternidade humana tornam o silêncio algo contrário à natureza. O Filho de Deus tomou sobre si a natureza humana a fim de provar a morte em nosso lugar. E para que todos nós sejamos irmãos. A fé em Cristo, portanto, longe de nos afastar do próximo deve nos levar a ele. E nos faz reconhecer que devem compartilhar dos nossos tesouros espirituais: “Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes” (Rm 1.14).

“Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido.” Estas palavras se referem especialmente a assuntos espirituais. Muitas coisas que vemos e ouvimos não merecem ser assunto de conversa. Neste caso, o silêncio é de ouro.

6. O teste da liberdade. “E, soltos eles, foram para os seus...” Qual é o convívio que nós escolhemos quando estamos “soltos”, livres, de férias? Em lugar estranho, onde ninguém nos conhece? Quando viajamos para outro lugar, tiramos “férias” do Senhor? Ou Ele pode ir junto para onde quer que formos? Quando o jovem deixa as restrições do lar paterno e da escola, qual o caminho que escolhe na vida?

Judas Iscariotes passou alguns anos sob a orientação de Jesus. Preso, por assim dizer, à sua influência de tal modo que seus condiscípulos não reconheciam seu verdadeiro caráter. Uma vez “solto”, porém, seguiu para onde seu coração traiçoeiro o levava.

Demas ficava sob as restrições da influência de Paulo, mas, quando ficou “solto” desta poderosa personalidade, seguiu na direção do seu coração mundano (2 Tm 4.10). E, quando a mão da morte nos “solta” desta vida, inevitavelmente iremos para o lugar que nos é próprio.

Cristo nos libertou das restrições da carne, do mundo e do diabo. Uma vez

“soltos”, voltaremos para contar aos outros as grandes coisas que Deus fez por nós (Mc 5.19), ou retornaremos ao lamaçal do pecado? (2 Pe 2.22).

7. O maior recurso da Igreja. Os fracos cristãos do cenáculo “moveram a mão que move o mundo”, e o local foi sacudido. É em resposta às orações do seu povo que o Senhor se levanta para sacudir a terra. Mais coisas são operadas mediante a oração do que o mundo poderia imaginar. A história de todos os reavivamentos espirituais demonstram esta verdade.

Os eleitos de Deus podem clamar dia e noite contra as opressões que há na terra, e o Senhor pode esperar com paciência (Lc 18.7,8). Mas chegará, sem dúvida, a hora em que as orações de todos os santos terão sua resposta. Então, todos os poderes malignos deste mundo serão sacudidos (cf. Ap 8.1-5).

O Pecado da Hipocrisia

Texto: Atos 4.32-5.11

Introdução

Os crentes, movidos por amor cristão, vendiam seus imóveis espontaneamente. Faziam isto para distribuírem a importância apurada conforme a necessidade de cada um. Provavelmente, o dinheiro era trazido aos apóstolos num culto especial como ato de consagração. Barnabé, que era decerto um homem de bens e de influência, vendeu um campo e publicamente depositou seu valor em dinheiro aos pés dos apóstolos. Este ato de consagração despertou a admiração dos crentes. Talvez tenha havido durante aquele culto um derramamento poderoso do Espírito Santo. No meio daquele entusiasmo, Ananias e Safira venderam uma propriedade. Ananias entrou em acordo com sua mulher e reteve parte do preço, depositando o restante aos pés dos apóstolos.

Até ali, tudo havia sido glorioso na vida da igreja. Suas características típicas eram o amor fraternal, a bondade altruísta, a coragem heróica e a real devoção a Cristo. Não era, no entanto, nenhum Milênio espiritual. Satanás, longe de estar amarrado, trabalhava com vigor! Não conseguiu destruir a Igreja através das perseguições vindas de fora. Procurou, então, estragá-la por dentro, seduzindo alguns dos seus membros. Não conseguindo destruir o trigo, semeou seu joio (Mt 13.24-30). Suas primeiras vítimas, aliás indesculpáveis, foram Ananias e

Safira. Daquele tempo para cá, a hipocrisia sempre tem seguido a realidade da religião como uma sombra negra.

I – Manifestada a Hipocrisia

Provavelmente os elementos principais do pecado de Ananias e Safira eram:

1. Cobiça. Como no caso de Judas, o amor ao dinheiro foi a raiz do seu pecado, "porque o amor do dinheiro é a raiz de toda a espécie de males" (1 Tm 6.10). Cobiçavam honra e glória na igreja e ao mesmo tempo o dinheiro. Planejavam um meio termo: dariam parte do dinheiro para obter a glória de terem dado tudo, e ao mesmo tempo, guardariam parte para desfrutar dela em particular.

2. Falta de fé. A falta de fé está por detrás de quase todos os pecados do crente. Ananias pensava, decerto, que valia a pena fazer uma boa contribuição para o glorioso reavivamento espiritual, uma obra contínua e sólida. Mas, o que aconteceria se o movimento chegasse ao fim? Já não haveria "fundo de garantia". Precisava evitar o fanatismo e garantir o dia de amanhã.

3. Desejo de honra. O casal admirava o caráter generoso de Barnabé. Mas passaram a cobiçar o alto conceito e louvor recebidos por ele, devido seu ato de abnegação. Os dois queriam receber o louvor que se dá aos heróis da fé, porém, sem esforços nem sacrifícios.

4. A hipocrisia. O desejo de parecer virtuoso sem pagar o preço de ser - esta é a essência da hipocrisia. Literalmente, a palavra "hipócrita" originalmente queria dizer "ator". O hipócrita está sempre representando um papel que nada tem a ver com sua verdadeira personalidade. Quando Ananias trouxe o dinheiro,

estava encenando uma mentira. Fingia estar contribuindo com a renda total da sua venda.

II – Detectada a Hipocrisia

1. Desmascarado o pecado. O Espírito Santo, habitando no meio da Igreja, detecta todo o pecado. Ananias escolheu um lugar muito perigoso e uma época desfavorável à pratica da hipocrisia. O divino Espírito de pureza, sinceridade e verdade tinha sido derramado em abundância. Portanto, era imediatamente reconhecido o espírito da falsidade e hipocrisia que, em tais circunstâncias, era ainda mais imperdoável. Num ambiente de tanta espiritualidade, havia pessoas dispostas à hipocrisia. O que aconteceria, então, em tempos mais difíceis se não condenassem este pecado? Pedro, mediante o dom do discernimento de espíritos, viu o que havia em Ananias. Ele não pertencia àquele ambiente espiritual. Pela inspiração divina, Pedro disse: "Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus". Notamos aqui o seguinte:

2. A origem do pecado. "Por que encheu Satanás o teu coração?" Como na situação do cobiçoso Judas, Satanás derramava suas pecaminosas sugestões no coração de Ananias (cf. Jo 13.2). O diabo, no entanto, não pode entrar em nossa vida a não ser mediante permissão nossa. Por isso Pedro indagou: "Por quê?" - "Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7). Por isso, a responsabilidade do homem permanece: "Por que formaste este desígnio em teu coração?"

3. A falta de desculpas para o pecado. Não havia a obrigação de os crentes venderem suas propriedades e trazerem aos apóstolos os montantes apurados. Não fora abolido o direito da posse individual de bens. Ananias não teria violado nenhum preceito se tivesse conservado sua propriedade. O ato de vender

era da exclusiva responsabilidade do dono, bem como o ato de entregar aos apóstolos o dinheiro recebido. Os apóstolos não possuíam autoridade sobre o dinheiro, a não ser quando o recebiam para o fundo de assistência. "Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração?" Ananias não podia alegar a existência de alguma necessidade urgente, forçando-o a enganar, retendo parte da soma dedicada à igreja.

4. A natureza do pecado. "Não mentiste aos homens, mas a Deus." Provavelmente, imaginava que estivesse logrando a Pedro, líder da igreja. Não entendia que o verdadeiro líder da igreja é o Espírito Santo, onisciente, que a tudo perscruta. A Igreja Primitiva se constituía de um grupo sob a liderança do Espírito Santo (cf. At 8.29,39; 10.19; 13.2; 16.6,7).

III – Castigada a Hipocrisia

"E Ananias, ouvindo estas palavras, caiu e expirou. e um grande temor veio sobre todos os que isto ouviram".

1. O autor do julgamento. Pedro, como porta-voz do Espírito Santo, denunciou o pecado que lhe fora revelado de modo sobrenatural. O Espírito Santo, doador da vida, confirmando as palavras de Pedro, retirou seu apoio do corpo de Ananias, que expirou.

2. A natureza do julgamento. Pela narrativa, o castigo parece ter sido apenas a morte física. O que se pode dizer, no entanto, do destino eterno de Ananias e Safira? A Palavra não o declara aqui, mas, outros trechos podem lançar luz sobre o assunto: 1 Co 11.30-32; 5.4,5; 3.15; 1 Jo 5.16,17.

3. A severidade do julgamento. Era severo. No entanto, devemos considerar que o pecado foi cometido no meio de uma grande luz espiritual. Os dois tinham entrado em contato com as mais extraordinárias manifestações do Espírito Santo. Estavam conscientes da presença de um grande poder sobrenatural no seu meio. Embora Deus nem sempre castigue este pecado de uma forma tão imediata, severa e pública, fez deste casal um exemplo. Demonstrava que não seria tolerável a repetição da hipocrisia dos fariseus no meio dos cristãos. O registro deste incidente deveria ser suficiente para todos os séculos da história da Igreja.

4. O propósito do julgamento. "E houve um grande temor em toda a igreja e em todos os que ouviram estas coisas". Na tenra infância do Cristianismo, era necessário que toda a corrupção fosse afastada do seu meio. O terrível castigo sobre Ananias e Safira ensinou a todos ser a Igreja uma instituição sagrada. Não seria tolerada a desonestidade em seu meio. Muitos dos que souberam do acontecimento tinham admiração pelo Cristianismo sem ousar se filiar a ele (v. 13). Ninguém, a não ser mediante conversão e transformação, iria se ajuntar a uma organização em que os hipócritas caíam mortos.

IV – Ensinamentos Práticos

1. Mentiras encenadas. "Por que é que entre vós vos concertastes...?" (v. 9) sugere que o pecado não era fruto de algum súbito impulso. Fora premeditado. Pior ainda, o pecado fora "encenado em palco", como uma peça teatral. Fizeram de conta que estavam dando tudo, quando, na realidade, entregavam apenas uma parte. Planejar e deliberadamente dar uma falsa impressão, por atos ou gestos, representa um mal maior do que a mentira falada.

2. Evite que o pecado germine. Tomás Kempis escreveu: "Em primeiro lugar, chega à mente um simples pensamento sobre o mal, então chega à mente uma forte impressão do mesmo, e, depois, o deleite no mal com o impulso de praticá-

lo, e finalmente, o consentimento". Estas palavras descrevem o caráter gradual do pecado. Talvez um impulso generoso tenha levado Ananias e Safira a vender a propriedade. Ao verem o dinheiro em mãos, porém, é que o tentador conseguiu fazer seus corações encherem- se de ganância. Fazendo-a depois dominar seus pensamentos e atos. Ananias e Safira se deixaram encantar por Satanás. Deixaram seu amor a Deus ceder lugar à concupis- cência pelo ouro.

Houve, no entanto, um tempo em que tinham a possibilidade de resistir à tentação. E a lição que tiramos é: evite que o pecado germine. O pecado começa com um pensamento. É nesta altura que se trava a batalha decisiva contra o pecado. Devemos nos apegar firmemente à doutrina bíblica de que o diabo pode ser resistido (Tg 4.7).

3. "Filho da exortação" (ou "da consolação" - a palavra grega tem estes dois sentidos também no nome do Consolador). Em alto mar empregam-se dois tipos de faróis: um para advertir dos perigos e outro para mostrar o caminho certo. Ananias é farol de advertência; Barnabé, farol de orientação. Contrastam-se os dois tipos de "plenitude" em Atos 5.3 e 11.24.

Barnabé, após sua conversão, recebeu o nome de "filho da consolação". Seu novo nome evidenciava seu apoio generoso aos que estavam em dificuldades. Como ficou ilustrado nos casos de Saulo (At 9.26, 27) e de Marcos (At 15.39). Ao entregar seu dinheiro aos apóstolos, dava mais uma prova da sua disposição em dar seu tempo e talentos para ajudar aos irmãos. Utilizando seu dom de pregação, soube expressar em palavras a generosidade do seu coração para exortar e consolar os crentes. Chegando em

Antioquia, após o início do despertamento ali, "exortou a todos a que permanecessem no Senhor com propósito do coração. Porque era homem de bem, e cheio do Espírito Santo e de fé" (At 11.23,24).

Barnabé deve servir de exemplo para todos nós. Muitas coisas acontecem para levar os outros à derrota e ao desânimo. Precisamos agir e falar em tais circunstâncias para sermos uma consolação e exortação ao nosso próximo.

4. Trigo e palha. Sempre sobra alguma palha no meio do trigo. Mesmo após a debulha mais severa. Mesmo nas melhores igrejas ainda haverá crentes hipócritas e sem consagração. No Estado de Oklahoma, EUA, criaram uma sociedade secreta a fim de combater os ladrões de cavalos. Queriam proteger os cavalos e levar os ladrões à justiça mediante um esforço conjunto. Fracassou. Em pouco tempo todo ladrão de cavalos daquela região se filiou à sociedade!

Não se justifica a desculpa dos que não querem ir à igreja dizendo: “Há muitos hipócritas na igreja”. A fé cristã condena a hipocrisia. Todavia, a presença de crentes espúrios não é motivo para se rejeitar a fé cristã. Como a existência de uma nota falsificada não é motivo para alguém jogar no lixo todo o dinheiro que recebe.

5. A vida cristã tem suas próprias riquezas. Ananias e Safira eram seres humanos comuns, como todos nós. E eram crentes em Jesus Cristo. Entendemos seu pecado pois, num período de grande fervor espiritual, é possível alguém comover-se profundamente sem, contudo, progredir no caminho de verdade, retidão, justiça e pureza. Pode ter certeza quanto àquilo que crê, demonstrar zelo em propagar a fé e ainda fracassar quanto à distinção entre o certo e o errado (cf. Hb 5.11-14; 1 Co 3.1-3). Esta falha, nesse tipo de crente, torna-se uma pedra de tropeço para os de fora. A tentação que surge em muitos convertidos é permitir que as bênçãos transcendentes e gloriosas sejam procuradas mais do que o viver à altura da Palavra de Deus. Desta maneira sentir-se bem fica sendo sinônimo de praticar o bem.

Um membro contava ao seu pastor sobre a viagem marcada para a Terra Santa. Dizia entusiasticamente que, chegando ali, leria os Dez Mandamentos em voz alta, em pé no monte Sinai. “Não, irmão”, disse o pregador com sinceridade.

“Aceite meu conselho. Não precisa lê-los em voz alta. Fique em casa e guarde-os”. O pregador tinha razão. O sentimentalismo não é substituto da justiça. A vida abençoada e santificada formam uma só vida cristã, com grandes riquezas espirituais, “porque esta é a caridade de Deus que guardemos os seus mandamentos...” (1 Jo 5.3).

6. O pecado estraga os melhores sistemas. Na Igreja Primitiva, havia uma esplêndida vida em conjunto. A comunhão de bens era a expressão de corações inflamados pela comunhão com Deus. Era a demonstração do amor divino que nutriam uns pelos outros. Hoje, o “comunismo”, nome dado à falsificação feita pelo diabo, finge ter algo a ver com esta vida em comum. Mas é inspirado pelo ódio e não pelo amor. E este ódio é expressado em toda a sua fúria contra tudo quanto é de Deus.

A grande necessidade é a transformação dos corações humanos. Porque é do coração que procedem as coisas que arruínam qualquer sistema de economia. A história bíblica mostra que Israel, pela dureza de coração, não conseguia fazer as leis de Deus atingirem seu alvo.

7. A honestidade é a melhor política. O pecado de Ananias e Safira não é raridade. Dr. W. B. Riley escreveu: “Ouço mais mentiras com respeito às contribuições que as pessoas dão à igreja do que com respeito a qualquer outro assunto de conversação cristã. Comete-se mais fraude com respeito à proporção da renda que está sendo colocada no altar do Senhor do que em qualquer outro assunto na vida da igreja”. Pessoas que vivem com duplicidade e falsidade por fim chegam a uma situação impossível. Seria muito mais fácil serem sinceras. Se empreendessem tanto esforço na fidelidade a Deus quanto dedicam a tramar falsidades, seriam exemplos de santidade! A honestidade é a melhor política em todo o nosso relacionamento com Deus e com os homens.

Os Discípulos Sofrem por Amor a Cristo

Texto: Atos 5.12-42

Introdução

Os capítulos 4 e 5, este nos seus primeiros versículos, mostram o diabo procurando corromper a Igreja por dentro. Mas ele fracassou. Longe de ser abalada, a Igreja cresceu em sua influência espiritual. Muitos milagres foram operados (5.12-17), despertando a admiração de todos. Assim sendo, o inimigo mudou outra vez sua estratégia e atiçou os líderes dos judeus a perseguirem os crentes.

Este capítulo ilustra quatro atitudes que o homem pode assumir quanto à operação divina: hostilidade (vv. 17-28), obediência (vv. 29-32), neutralidade (vv. 33-39) e cooperação (vv. 41,42).

I - Hostilidade (At 5.17-28)

1. Detenção. "E, levantando-se o sumo sacerdote, e todos os que estavam com

ele (e eram eles da seita dos saduceus), encheram-se de inveja”. A pregação da ressurreição de Jesus era incômoda para os saduceus. Os adeptos desta seita não

acreditavam na vida futura (At 23.8). Além disso, estavam ressentidos pela audácia dos “ignorantes” galileus. Eles haviam desobedecido às suas ordens, ameaçandoassim o prestígio dos sacerdotes. E foi justamente por temerem o abalo de suas posições de honra que determinaram a morte de Cristo (Jo 11.47-53).

2. Livramento. Os apóstolos foram presos. “Mas de noite um anjo do Senhor abriu as portas da prisão, e, tirando-os para fora...” A palavra “mas” torna-se muito poderosa nas mãos de Deus. Os sacerdotes estavam contando com um grande triunfo. No entanto, um anjo do Senhor desfez os seus cálculos.

Este milagre não fez os apóstolos evitarem o processo e os açoites do dia seguinte. Contudo, não foi em vão. Seu propósito não visava o escape dos apóstolos, e sim, seu encorajamento. Assim, saberiam que o Senhor estava com eles em todas as circunstâncias. Quando não é do plano de Deus livrar-nos das perseguições, Ele nos dá graça para podermos suportá-las. Isto porque, muitas vezes, Deus é glorificado nos sofrimentos dos seus servos (cf. Jo 21.19; 1 Pe 2.19-21; 3.13-17; 4.12-19). O milagre também servia de advertência aos perseguidores. Os apóstolos não foram libertados para sua conveniência, mas a fim de serem úteis: “Ide e apresentai-vos no templo, e dizei ao povo todas as palavras desta vida”. Por que o anjo não pregou ao povo?

Os membros do Concílio, com toda pompa e cerimônia, entravam para tomar seus lugares. Assumiam feições de grande severidade para impressionar os “fanáticos”. Seu orgulho recebeu o primeiro abalo quando os guardas, perplexos, trouxeram seu relatório: “Achamos realmente o cárcere fechado, com toda a segurança, e os guardas, que estavam fora, diante das portas; mas, quando abrimos, ninguém achamos dentro”. Antes dos juízes se recomporem da surpresa

receberam outro relatório desconcertante: “E, chegando um, anunciou-lhes, dizendo: Eis que os homens que encerrastes na prisão estão no templo e ensinam ao povo”. O incidente sugere a seguinte lição: a autoridade é sempre fraca quando não se baseia na retidão. E, finalmente, será revelado quão ridícula ela é. Leia o Salmo 2, principalmente o versículo 4.

“Então foi o capitão com os servidores, e os trouxe, não com violência (porque temiam ser apedrejados pelo povo)”. Estas palavras nos dão uma rápida idéia da situação política da época. A tradição judaica nos informa que os principais sacerdotes da época eram impopulares. Ficaram ricos oprimindo os sacerdotes pobres e ao povo comum. Não possuindo a verdadeira espiritualidade, transformaram-se em exploradores do povo. Naturalmente, os explorados ficariam ao lado dos cristãos e contra tais homens. Certamente se lembravam de que Jesus foi o Amigo dos pobres e rejeitados pela sociedade.

3. Acusação. O sumo sacerdote abriu um inquérito para saber como os apóstolos escaparam? Não! Tinha medo de que a investigação pudesse trazer algum relatório desconcertante. (Os saduceus não acreditavam em anjos.) Não tinha interesse em averiguar a verdade com respeito ao Cristianismo. Só desejavam manter suas posições e autoridade. Eis a razão da orgulhosa declaração: “Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome?” Estava em jogo a autoridade deles e das suas ordens. Evitavam mencionar o nome de Jesus para desprezá- lo ou silenciar qualquer voz de suas consciências. As únicas alusões que o sumo sacerdote fez a Jesus foi com as expressões “nesse nome” e “desse homem”.

Temos aqui um testemunho indireto da diligência e zelo missionário dos apóstolos: “E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina”. Há desprezo nas palavras “vossa doutrina”, isto é, “vossas noções ignorantes”. O sumo sacerdote classifica os apóstolos como espalhadores de sectarismos e não profetas do Deus vivo.

“E quereis lançar sobre nós o sangue desse homem”. Veio à tona o receio que os sacerdotes sempre tiveram: das multidões vingarem a morte de Jesus, incitadas pelos apóstolos. Já não assumiam suas palavras: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”. Depois da iniqüidade praticada, os culpados sempre fogem à responsabilidade assumida sob as emoções do mal.

Na verdade, Pedro não tinha a mínima intenção de incitar o povo contra as autoridades. Tal coisa era proibida pelos ensinamentos e pelo Espírito de Cristo. Seu alvo era levar o povo, com seus líderes, ao arrependimento.

O sumo sacerdote temia o castigo divino? Não! Preocupava-se com o povo. Sua ira seria despertada se descobrissem quão traiçoeiramente tinham sido enganados por seus líderes.

II - Obediência (At 5.29-32)

Os apóstolos continuavam firmes (At 4.19-20): “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (v. 29). Pedro não amenizou sua mensagem em face às ameaças oficiais. Afirmou francamente que eles, os sacerdotes, tinham assassinado o Ungido de Deus. O anjo mandou que eles falassem; os sacerdotes que calassem. Não haveria qualquer hesitação quanto a quem os discípulos deveriam obedecer.

Pedro apresentou três razões, explicando a impossibilidade de manterem silêncio. Primeiro, Deus vindicou a Jesus quando o ressuscitou, condenando as autoridades judaicas ao exaltá-lo. Segundo, os apóstolos eram testemunhas de todas estas coisas. Terceiro, o Espírito Santo, mediante palavras e atos milagrosos, deu testemunho da justiça de Cristo. Os peritos em direito consideram a breve defesa de Pedro um dos melhores exemplos dessa prática jurídica.

III – Neutralidade (At 5.33-39)

Gamaliel, um dos membros do Concilio, conservou algum senso de equilíbrio. Foi ele o professor de Saulo de Tarso. Seu argumento revelou bom senso. Um antigo documento judai- co-cristão (“Ascensão de Tiago”) diz que Gamaliel era um crente secreto. Ele teria ficado no Sinédrio para ajudar a causa de Cristo. Não temos prova disto. Pelo contrário, sabe-se que, mais tarde, a única coisa escrita por suas mãos que sobreviveu foi uma oração contra os “herejes cristãos.”

Gamaliel exemplifica o homem que mantém a neutralidade egoísta sob o disfarce de cauteloso bom juízo. Existem questões sobre as quais devemos tomar partido (Mt 12.30). É melhor ser como Pedro e João, com as costas sangrando, do que ter o conforto da cadeira oficial de Gamaliel. Era muito cauteloso para escolher entre as duas opiniões: se Jesus era profeta ou impostor.

IV – Cooperação (At 5.41,42)

Os apóstolos foram açoitados (método estranho de “deixá-los”) e proibidos de falar no nome de Jesus (método estranho de reconhecer a verdadeira natureza do movimento). Os apóstolos, no entanto, continuavam a trabalhar pelo Mestre. Trabalhavam ao falar em nome dEle: “E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo”. Trabalhavam e sofriam por Ele: “Retiraram-se pois da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus”. Aqui havia algo de novo na experiência de Israel - homens que se regozijavam até nos açoites! (cf. Lc 6.22,23).

V – Ensinamentos Práticos

1. Os resultados da correção. A morte de Ananias e Safira foi um julgamento severo ocorrido na Igreja Primitiva. Quais foram os resultados? "E estavam todos unanimemente no alpendre de Salomão". O julgamento não causou divisão de opiniões na igreja. "Quanto aos outros ninguém ousava ajuntar-se com eles". Os não-cren- tes ficaram tão cheios de temor e admiração que nem desejavam se identificar com a igreja. Tinham medo de serem semelhantemente julgados. "Mas o povo tinha-os em grande estima". O milagre deste julgamento fez com que os discípulos fossem respeitados pelo povo: "E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais". O reavivamento foi impulsionado ao invés de embaraçado. Esses resultados são inspirativos quando o Espírito nos leva a confrontar o pecado.

Nossa argumentação não pode dividir os crentes. Isto nos levaria a perder o respeito da comunidade e dissiparia o espírito de avivamento. Em tal situação devemos nos humilhar e confessar que, ao invés de fazer prosperar a causa de Deus, estamos sendo um empecilho.

Deus purificou sua Igreja no início, e a quer santa nos dias atuais. Os mundanos não devem ter influência sobre a igreja. Porém, a correção não pode ser feita com atitudes que entristecem ao Senhor.

2. Falso zelo. Os membros do Concílio, sem dúvida, falavam do dever de suprimir as falsas doutrinas. E, dentro da sua responsabilidade pastoral, defender o rebanho. Quando, porém, o zelo pelo dever se expressava em ameaças e força, revelava-se como ira e ciúmes. Como zelo pela sua própria posição de honra e glória e não pela glória do Senhor. O verdadeiro zelo não apela à força. Ele é dependente da razão, das Escrituras e da persuasão.

3. Maravilhosas palavras de vida. "Ide e apresentai-vos no templo, e dizei ao povo todas as palavras desta vida". O mundo está cheio de falsas idéias quanto

a "gozar a vida", "desfrutar a vida" e "saber viver". Só Cristo oferece a vida que vale a pena: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância" (Jo 10.10).

"Pelo que aborreci esta vida", exclamou Salomão (Ec 2.17) quando estava longe de viver perto de Deus. Começara a amar a vida no sentido de viver por si só. Se seguimos o conselho do Mestre, negando-nos a nós mesmos e vivendo para Deus, acharemos nossa vida. E veremos que vale a pena. São paradoxos - para ganhar a vida, precisamos perdê-la. Para amar a vida precisamos, primeiro, odiá-la (Mt 16.25).

O anjo mandou falar "todas as palavras desta vida". A palavra é a semente de que brota esta vida nova. E os semeadores devem sair para semeá-la (Mt 13.3; Mc 4.26-29; Tg 1.18; 1 Pe 1.23; cf. Is 55.10,11). Nossa parte é semear a Palavra. Deus é quem dá o crescimento.

4. Guerreando com as armas do Espírito. Pedro e João, com a ajuda do povo, poderiam ter resistido e escapado facilmente no meio do tumulto. Mas Jesus ensinara: "Todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão". Com resistência, os apóstolos teriam estragado tudo. A disposição de aceitarem sua parte de sofrimentos comprovou a veracidade dos seus ensinos. A obra espiritual deve ser feita de modo espiritual.

5. Perseguidores perplexos. "Estavam perplexos acerca deles e do que viria a ser aquilo" (v. 24). Apesar da proibição das autoridades, a pregação da Palavra chegava a ser algo glorioso. Os perseguidores temiam, com toda a razão, que a obra crescesse.

Faraó sentiu que Israel seria grande, e ordenou a morte dos meninos. Moisés, porém, foi salvo e cresceu para ser o libertador de Israel. Herodes temia que o

menino, nascido em Belém, se tornasse Rei. Por isso procurou matá-lo. O Menino, no entanto, cresceu. E Herodes, um dia, terá que comparecer diante do seu trono para ser julgado.

Os perseguidores podem tentar destruir a Palavra viva e eficaz. Ela, porém, crescerá até condená-los e esmagá-los.

6. Considerando as conseqüências. "E quereis lançar sobre nós o sangue desse homem". Os feridos em sua paixão egoísta ficam cegos quanto às conseqüências da maldade planejada. Até zombam delas. Mas, passado o calor da paixão, na hora de aceitar as conseqüências, procuram lançar a responsabilidade sobre os outros - procedimento fútil e covarde.

O homem sensato pensa cuidadosamente nas conse- qüências dos seus atos e palavras, antes de qualquer atitude. Uma vez cometido o mal, nunca mais poderemos remover ou cancelar todas as suas conseqüências. Ainda que peçamos perdão a Deus. A melhor hora para o arrependimento é antes de fazer o mal.

7. O poder do nome. O nome de Jesus, que engasgava os sacerdotes ao pronunciá-lo, está acima de todos os nomes, para os seus apóstolos. Este nome é seu escudo nas dificuldades porque representa a sua presença e poder. Já conheciam na sua experiência a verdade das palavras: "Torre forte é o nome do Senhor; para ela correrá o justo, e estará em alto retiro" (Pv 18.10).

8. Quando o sofrimento é agradável. "Retiraram-se pois da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus". Estavam felizes por experimentarem a comunhão com Cristo nos seus sofrimentos - a forma mais profunda do convívio com o Senhor. Entendiam que os sofrimentos de Cristo em prol deles redundou em bênçãos

para eles. Da mesma forma os sofrimentos deles por amor de Cristo não deixariam de ter um fim proveitoso.

Conta-se que o rei da Inglaterra, Eduardo III, recebeu a notícia de que seu filho estava sendo cercado na batalha. O rei recusou-se a mandar reforços dizendo: “Deixem que hoje ele ganhe honras militares sem ter que dividi-las com outros”. Da mesma forma, o Senhor permite que seus servos sofram por amor a Ele. Testando e treinando a fé e consagração deles para terem a felicidade de saber que participam de seus sofrimentos.

Estêvão, o Primeiro Mártir

Texto: Atos 6; 7; 8.1,2

Introdução

A igreja, mesmo perseguida pelas autoridades, crescia cada vez mais rapidamente. No entanto, o crescimento trouxe um problema com possibilidade de sérias conseqüênci- as. A igreja cuidava dos seus pobres, especialmente das viúvas. Uma viúva naqueles dias não tinha as oportunidades de emprego e sustento oferecidas pela sociedade moderna. Com a falta de organização, as viúvas do grupo de língua grega foram negligenciadas pelos judeus, de língua hebraica, que eram a maioria. Humanamente falando, havia ali uma base para um futuro rompimento entre os grupos.

Os apóstolos perceberam a dificuldade e reuniram a comunidade. Explicaram que os deveres espirituais não lhes deixavam tempo para o cuidado material da igreja. Aconselharam, portanto, a escolha de sete homens qualificados para cuidar desse aspecto. Foram estes os primeiros diáconos. Todos “cheios do Espírito Santo e de sabedoria” e dois deles, Filipe e Estêvão, com um ministério muito especial.

I – O Ministério de Estêvão (At 6.8-15)

1. Seu espírito e caráter. “E Estêvão, cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo”. Há uma idéia disseminada de que os milagres foram confinados aos primeiros apóstolos. O ministério diaconal de Estêvão, no entanto, refuta esta teoria. O sucesso dos apóstolos é a melhor prova de continuidade da obra apostólica.

2. Seus adversários. O testemunho corajoso de Estêvão irou os membros das sinagogas. Quando esgotaram seus argumentos bíblicos, apelaram à violência, aliando-se com falsas testemunhas. E confiaram o resultado desejado à violência de uma turba.

3. Sua mensagem. Entendemos a pregação de Estêvão estudando as falsas acusações contra ele. A pior calúnia sempre tem como ponto de partida uma verdade mal interpretada: “Proferir palavras blasfemas contra este santo lugar...” Estêvão declarou que nenhum prédio é essencial à verdade divina. E repetiu a profecia de Jesus sobre a destruição do Templo. A mudança dos “costumes que Moisés nos deu”. Em outras palavras, Estêvão pregou que a Antiga Aliança, com suas instituições, foi cumprida em Jesus. “Palavras blasfemas contra Moisés” - ou seja, pregou ser Moisés inferior a Jesus - “... e contra Deus” - ensinou a divindade de Cristo.

4. Sua espiritualidade. Estêvão era acusado de ser blasfemador. Os acusadores, as falsas testemunhas e juízes, no entanto, “viram o seu rosto como o rosto de um anjo”. Não parecia um inimigo da religião. Isto deve ter dado o que pensar aos judeus, principalmente ao jovem Saulo de Tarso.

II – O Processo de Estêvão (At 7.1-53)

O discurso de Estêvão (cap. 7) é o mais longo registrado no Novo Testamento. Isto ressalta o ministério dele como ponto de partida crítico no progresso do Reino de Deus. Como veremos adiante, Estêvão se tornou o fator principal para a abertura da Igreja aos gentios, culminando na conversão de Saulo. A crise se desenvolveu da seguinte maneira:

A primeira igreja foi composta quase exclusivamente por judeus. Eles não se separaram imediatamente da Lei de Moisés e suas tradições nacionais. Havia o perigo dos cristãos judaicos, em Jerusalém, se apegarem demasiadamente à Antiga Aliança. Assim, seriam impedidos de cumprir a missão às nações. Por muitos anos, de fato, a pregação do Evangelho limitou-se aos judeus. Uma visão celestial, então, deu a Pedro o impulso necessário para levar o Evangelho aos gentios (At 10). Apesar disso, alguns cristãos judeus exigiam que os gentios se fizessem judeus para se tornarem cristãos (At 15.1,2).

A Igreja, no entanto, não ficou à mercê da inércia e tradição humanas. O Cabeça da Igreja tomou as medidas necessárias. Livrou seu povo do judaísmo e da influência de uma aliança ultrapassada. O método empregado foi a perseguição despertada pelo ministério de Estêvão. Este jovem diácono e pregador discerniu o sentido mais profundo e amplo do Evangelho. Corajosamente, pregou a completa falência da Antiga Aliança por meio do ministério de Jesus. Falou sobre a destruição do Templo como um sinal para Israel. Deus o rejeitava como seu povo, ficando os seguidores de Cristo no seu lugar. Tudo isto se pode prever em Atos 6.13,14. Estêvão, no seu discurso, falou claramente aos líderes judeus que os israelitas nunca entenderam os planos de Deus. E sempre perseguiram os líderes espirituais enviados por Deus. E ainda mais, disse ser o Templo dispensável, porquanto Deus se revelara a pessoas em todo e qualquer lugar. Moisés mesmo tinha predito o surgimento de um profeta semelhante a ele, o que implicaria em uma nova aliança. Concluiu com uma vibrante denúncia, enchendo de fúria os líderes, causando seu próprio martírio e dando início a uma campanha de extermínio contra o Cristianismo.

O ministério de Estêvão libertou a Igreja do seu ancoradouro judeu, de maneira eficaz e completa!

III – O Martírio de Estêvão (At 7.54-60)

"E ouvindo eles isto, enfureciam-se em seus corações, e rangiam os dentes contra ele". Estêvão viu chegar o seu fim. O discurso, ao invés de levar seus juízes ao arrependimento, encheu-os de fúria. Mas, ainda que seu corpo estivesse à disposição dos seus inimigos, sua alma era inviolável (ver Mt 10.28). Observe os quatro indícios do seu fim triunfante:

1. Inspiração do Espírito. Estêvão não tinha medo, apesar de os juízes estarem enfurecidos. Seu poder no ministério se deu pelo fato de ser ele "cheio do Espírito Santo" (At 6.5,8), e assim foi até o fim: "Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu..." Aos juízes, declarara: "Vós sempre resistis ao Espírito Santo..." (7.51), e seus rostos demonstravam isto (v. 54). Estêvão, cheio do Espírito, tinha no rosto a glória de seu íntimo (6.15). Quem parecia mais com um blasfemador: os juízes ou o acusado?

2. A visão de Cristo (vv. 55,56). Estêvão recebeu uma "anestesia" celestial que tirou o aguilhão da morte: os Céus foram abertos e Estêvão viu o Filho do homem, em pé, à destra de Deus. Jesus se levantou como para olhar de perto a situação do seu servo. E, para ajudá-lo, exercendo o ministério de consolação. Ele conhece nossas fraquezas e quer nos consolar. É de se notar que o primeiro mártir, ainda na terra, teve licença de ver o Cordeiro de Deus no Céu. Parecia mostrar a fonte de onde todo mártir, que haveria de morrer pelo Mestre, tiraria sua força e constância na hora do sofrimento.

Fortalecido pelo Espírito e pela visão celestial, Estêvão enfrentaria a morte violenta com fé em Deus e amor para com os seus inimigos.

3. A oração de dedicação. “E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito”. Ao morrer, Estêvão imitou seu Senhor pela última vez (cf. Lc 23.46). Houve, porém, diferença na oração: Cristo orou diretamente ao Pai. Estêvão orou a Jesus (ver 1 Tm 2.5). Cristo disse: “entrego”, porque voluntariamente deu sua vida a seu Pai (Jo 10.17,18). Estêvão falou: “recebe”, sabendo que o Senhor tem as chaves da morte. Ele, como servo, estava pedindo sua soltura desta vida. Estêvão morreu como deve ser com todos os crentes: tendo uma oração nos seus lábios.

4. A oração de intercessão. Seguindo ao Mestre na morte, assim como na vida, Estêvão, “pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado” (cf. Lc 23.34). Sua morte foi acompanhada pelo amor que perdoa. Cristo acrescentou: “... porque não sabem o que fazem”. Estêvão nada pôde falar quanto ao grau de culpa dos seus perseguidores. Só Cristo tem o poder de determinar sobre isso. Mas Cristo, com certeza, exige de seus seguidores o mesmo espírito de amor e perdão. Ele é nosso exemplo supremo.

Como milhares de crentes, o último suspiro de Estêvão foi dedicado a uma oração por seus assassinos. Este tipo de perdão por parte dos crentes é comum. Naquela época, contudo, era uma novidade completa e deve ter impressionado profundamente todos os presentes.

5. O sono da morte. “E, tendo dito isto, adormeceu”. Apesar do barulho da turba e das pedras que lhe rasgavam as carnes, adormeceu na paz de Deus para o repouso celestial. Os perseguidores podiam fazer o que quisessem com o cadáver. Estêvão já havia entrado no seu descanso. Sobre a morte do crente descrita como sono, ver o comentário de 1 Coríntios 15.

“E uns varões piedosos foram enterrar Estêvão, e fizeram sobre ele grande pranto”. Os piedosos talvez fossem judeus devotos, reconhecendo o

apedrejamento como um erro trágico de seus líderes (cf. Lc 23.47,48).

Alguns podem ter pensado que Estêvão se excedeu em seu zelo. O martírio, porém, deu o seu fruto. Os crentes, expulsos de Jerusalém pela perseguição, foram pregando pelo caminho até Antioquia. Aqui estabeleceram uma grande igreja entre os gentios. Além disto, o testemunho de Estêvão deve ter falado profundamente ao coração de Paulo, que por sua vez foi apedrejado várias vezes pelos judeus. Naquela ocasião, talvez, nem Paulo nem Estêvão pudessem ter imaginado qual era o plano de Deus.

IV – Ensinamentos Práticos

1. O perigo do sucesso. Para todos os servos fiéis de Deus, a partir de Abel, o sucesso espiritual tem produzido ciúmes e oposição por parte dos menos zelosos. E, nos ímpios, fúria e perseguição. A grande questão não é ter uma vida pacata, sem oposição. É sim, fazer a vontade de Deus e garantir o progresso da causa de Cristo.

2. A violência é um argumento fraco. Um viajante, na China, certa vez viu dois trabalhadores chineses em calorosa discussão. Finalmente, perguntou a um amigo chinês: "Como podem discutir com tanta veemência sem chegar a bater um no outro?" "É porque sabem que o primeiro a bater estará confessando que já lhe esgotaram as idéias", respondeu o sábio oriental.

Quando os oponentes de Estêvão não tinham mais idéias, pegaram em pedras. Qual é nossa atitude quando perdemos os argumentos? Como crentes, decerto não praticamos nenhuma violência. Mesmo assim, devemos examinar nosso coração para termos certeza de que nenhum ressentimento ficou ali. Perder a calma num debate pode ser claro sinal de não se ter razão. Quem sabe que está com a razão pode conversar com paciência e calma.

3. Uma vida virtuosa é um poderoso testemunho. As falsas testemunhas derramavam acusações diante do Con- cílio. Enquanto faziam citações torcidas e reinterpretadas a Estêvão, ele manteve a calma. Deixou seu rosto mostrar a falsidade dos que queriam acusá-lo de blasfemador. Só falou quando lhe mandaram (7.1). A melhor maneira de responder aos caluniadores é viver de tal modo que ninguém dê crédito à calúnia.

4. A fúria dos formalistas. Estêvão não morreu por negar os eternos fundamentos da religião. Ele foi vítima da ira de seus inimigos por declarar que as cerimônias temporárias da Lei acabariam. Sempre houve eclesiásticos dando mais valor à organização externa do que à presença do Espírito Santo. Há denominações em que se pode negar todas as verdades fundamentais do Cristianismo, e ainda ficar até no pastorado. Mas, qualquer menosprezo às formalidades da "ordem do culto" basta para a excomunhão. No entanto: "Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade".

5. A consciência ferida ferirá a outros. Os juízes devem ter gostado de ouvir a história de Israel mais uma vez. Assim como Davi gostou da história que Natã contou sobre a ovelha. Somente quando a história serviu para apontar a infidelidade dos ouvintes é que tudo se transformou. E foi este mesmo o propósito de Estêvão. Primeiro ganhou a atenção dos ouvintes com verdades bíblicas que facilmente aceitariam - até que pudesse demonstrar que eles tinham caído em gravíssimo erro. Sabia que, sem convicção do pecado, não poderia haver conversão.

A convicção nem sempre resulta em conversão. Quando a consciência é ferida, surge uma chama. Esta queimará no íntimo, produzindo vergonha, penitência e arrependimento; ou externamente, exibindo-se na forma de ira e perseguição contra o pregador. Em tais momentos de convicção, a pessoa quer atacar seus próprios pecados ou o homem que despertou a sua consciência.

6. O poder da piedade para repreender. A exclamação de Estêvão diante de sua visão foi o sinal para seus algozes matá-lo. É fato que a paz e o gozo espiritual dos mártires sempre atiçaram a fúria dos perseguidores. Estes, durante as perseguições religiosas na Escócia, batiam tambores a fim de que ninguém ouvisse as últimas palavras dos mártires. Certa vez, um condenado dormiu tão tranqüilamente na noite antes de ser sacrificado, que os próprios perseguidores arrepiavam-se de horror. Uma vida de santidade é a mais forte repreensão contra os ímpios.

7. Uma visão do Céu. O que Estêvão viu literalmente, podemos ver espiritualmente em qualquer tempo - nosso Sumo Sacerdote que entrou no Santo dos Santos de uma vez para sempre. Desta maneira, os penitentes e sobrecarregados podem achar misericórdia e graça para suas necessidades espirituais.

Uma antiga oração diz: “Concede, ó Senhor, que em todos os sofrimentos que enfrentamos aqui na terra, por sermos testemunhas da tua verdade, possamos olhar firmemente para o céu e ver, mediante a fé, a glória que há de ser revelada; e que, cheios do Espírito Santo, possamos aprender a amar nossos perseguidores e orar pedindo bênçãos para eles, mediante o exemplo do teu primeiro mártir, Estêvão, que inspira todos os que sofrem por ti, nosso único Mediador e Advogado”.

Julgamento Simulado de um Crente

Texto: Atos 8.1-25

Introdução

Jesus certa vez descreveu em parábola a obra de evan- gelização: “Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda qualidade de peixes. E, estando cheia, a puxam para a praia; e, assentando- se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora” (Mt 13.47,48).

Neste capítulo, Filipe lança a rede do Evangelho no mar da humanidade. Apanha muitos peixes bons e, no meio deles, um excepcionalmente ruim - Simão, o mago.

Este incidente deve ser comparado com o de Ananias e Safira. Em ambos os casos, o apego ao dinheiro estava no âmago de tudo.

Filipe pregou o Evangelho em Samaria, resultando em grande despertamento espiritual. Este foi acompanhado por espetaculares manifestações do Espírito.

Entre os convertidos havia um famoso mágico chamado Simão. Ele ficara impressionado com os sinais sobrenaturais. Os apóstolos receberam notícias acerca das conversões. Então, enviaram Pedro e João para ver a obra e levar os convertidos a experiências espirituais mais profundas. Vamos observar especialmente o contato que o apóstolo Pedro teve com Simão.

I – A Proposta de Simão

1. Quem era Simão. O Cristianismo surgiu numa época em que as religiões antigas estavam em decadência, e os homens, insatisfeitos com as formalidades vazias da religião. Cansados das exigências rotineiras do rabinismo, eles ansiavam pelas coisas espirituais e sobrenaturais. Estas expectativas os tornavam vítimas fáceis de qualquer embusteiro que afirmasse ter poderes sobrenaturais. Na sua insatisfação espiritual, as pessoas saudavam qualquer religião que professasse revelar o desconhecido. A demanda produziu o mercado, de tal modo que havia grande oferta de falsificadores em assuntos religiosos. Muitos deles, sendo judeus, tiravam partido da reputação religiosa da sua nação e da credulidade dos pagãos (At 13.6; 19.13). Simão (provavelmente um samaritano) pertencia a esta classe. A Bíblia faz dele a seguinte descrição: "E estava ali um certo homem, chamado Simão que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica, e tinha iludido a gente de Samaria, dizendo que era uma grande personagem; ao qual todos atendiam, desde o mais pequeno até ao maior, dizendo: Este é a grande virtude de Deus".

O que levou Simão a tornar-se cristão? O verso 13 sugere a resposta: "E sendo batizado, ficou de contínuo com Filipe; e, vendo os sinais e as grandes maravilhas que faziam, estava atônito". Para um homem deste tipo, o lado espetacular do Evangelho tinha um apelo muito especial. Talvez Simão seguisse o antigo adágio político: "Se não conseguir vencê-los, passe para o lado deles".

2. O que Simão viu. "E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos

apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro". Note-se três verdades quanto ao dom do Espírito: O dom (ou batismo no Espírito, At 1.5; 2.4; 10.45-47) era separado e posterior à experiência da conversão. O dom veio aos samaritanos não somente pela imposição das mãos, como também por oração específica (v. 15). Algo de espetacular deve ter acontecido para chamar a atenção de um homem como Simão. Já tinha visto a libertação de endemoninhados, curas milagrosas e grande alegria espiritual (vv. 7,8). O que aconteceu, então, quando os apóstolos impuseram as mãos sobre os samaritanos? Muitos estudiosos concordam que Simão ouviu o falar sobrenatural em línguas estranhas.

3. O que Simão disse. "Ofereceu dinheiro, dizendo: Dai- me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo". Com estas palavras, Simão revelou a superficialidade da fé que professava. Era um crente impostor - acreditava nos milagres realizados através de Filipe, mas não em Deus com a fé que salva. Talvez imaginasse serem os apóstolos mágicos mais hábeis do que ele. Pensou que entenderiam os seus motivos: a cobiça pelo dinheiro. Queria, portanto, comprar o poder de conceder o Espírito Santo. Como se fosse um recurso a mais para o seu repertório de mágicas. E podemos ter a certeza de que desejava comprar para comercializar depois. O erro fundamental de Simão foi pensar em receber os dons espirituais separadamente de qualificações morais. Era assim com a doutrina pagã: não interessava a vida moral do mágico. O importante era saber todas as fórmulas com destreza. Simão precisava entender que, no Cristianismo, os poderes sobrenaturais provêm do Espírito Santo! A palavra "simona", crime de comprar autoridade e privilégio na igreja, se deriva do nome de Simão.

II – A Resposta de Pedro

1. O que Pedro viu. Pedro descreve o caráter de Simão, mediante o discernimento no Espírito: "Vejo que estás em fel de amargura, e em laço de iniqüidade". "Fel de amargura" é alusão a Deuteronômio 29.18, também citada em Hebreus 12.15. Refere-se ao espírito de idolatria, ou apostasia, surgindo no

meio dos que professam ser do povo de Deus, corrompendo outros. Era esta a condição de Si- mão, conforme Pedro percebeu. Apesar de batizado, era idólatra de coração e disposto a ser tropeço para os fiéis. Estava no "laço da iniqüidade", ou seja, não tinha sido liberto dos seus pecados. No seu batismo, saiu da água nada mais do que um pecador molhado.

2. O que Pedro disse. Repreendeu o erro de Simão: "O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro". O pescador que já dissera: "Não tenho prata nem ouro" não queria saber de subornos. O Espírito Santo é dádiva divina. Não pode ser obtido por nada produzido pelo esforço humano. É dom gratuito para quem tem fé verdadeira em Cristo. Tampouco o Espírito é dom de Pedro, mas de Deus. Pedro só podia orar ao Senhor impondo as mãos sobre os que criam.

O apóstolo descreveu também a condição espiritual de Simão: "Tu não tens parte nem sorte nesta palavra". Simão desconhecia totalmente a verdadeira força do Evangelho e seu real significado: "Porque o teu coração não é reto diante de Deus". A visão das manifestações sobrenaturais produziu mudança de opinião na mente do mágico, mas nada mudou em seu coração. Nos dias de Jesus, muitos gostavam da parte espetacular de seu ministério. Porém, nenhum desejo possuíam de aceitarem a cruz de Cristo (Jo 2.23-25).

Após a repreensão, Pedro indica o caminho da salvação. "Arrepende-te pois dessa tua iniqüidade..." - o arrependimento é o primeiro degrau para o coração que não está certo com Deus - "... e ora a Deus, para que porventura te seja perdoado o pensamento do teu coração". A palavra "porventura" indica que Simão precisaria orar bastante. Seu pecado era gravíssimo. Assim, Pedro mostra o caminho mediante o qual Simão poderia receber a libertação: arrependimento, oração e a subseqüente obtenção do perdão divino.

3. O que Pedro ouviu. "Respondendo, porém, Simão disse: Orai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes venha sobre mim". Estas não parecem

ser palavras de um penitente, e sim, de um pecador amedrontado, pesaroso por ter sido apanhado em flagrante, desejoso de se livrar das desagradáveis conseqüências do seu ato. Soa como linguagem de mágico pedindo que a maldição ou feitiço lançado sobre ele seja desviado. Diz a tradição que Simão, longe de se arrepender, veio a ser um dos mais violentos inimigos da fé cristã.

III – Ensinamentos Práticos

1. O diácono pregador. "E, descendo Filipe à cidade de Samaria lhes pregava a Cristo". Filipe foi um dos sete diáconos originais (At 6.5). Ele não foi a Samaria obedecendo a qualquer bispo ou concílio. Naqueles dias os crentes tinham seus corações abertos à orientação do Espírito Santo, o verdadeiro Superintendente da obra cristã.

2. O orgulho que avilta. Simão, o mágico, tinha o costume de insinuar "que era uma grande personagem". Esta glorificação própria é sinal do orgulho egoísta de certos líderes de seitas. Normalmente fazem bom uso das fraquezas humanas para se impor. Um dos sinais do verdadeiro líder espiritual é seu retraimento quanto à sua própria pessoa. Esta qualidade é ilustrada nos profetas que falam, não em seu próprio nome, mas no do Senhor. Este fato é mostrado, também, no ministério de João Batista. Ele descreveu a si mesmo como uma simples voz, dizendo: "É necessário que ele cresça e que eu diminua". O exemplo mais sublime é a obra do próprio Jesus, descrita em Filipenses 2.5-11.

Os líderes cristãos que permanecem na História são os que negaram a si mesmos e serviram a Cristo e ao próximo: "E o que a si mesmo se humilhar será exaltado".

3. O que o dinheiro não pode comprar. Simão desejou comprar o poder de dar aos outros o dom do Espírito. Teria sido mais fácil comprar uma tempestade.

Existem coisas que dinheiro não pode comprar. Nenhum dom do Senhor pode ser adquirido com dinheiro - nem a honra, o amor, a paz de consciência, o Céu. Com dinheiro se compra um livro, mas não o bom senso ou a sabedoria. O dinheiro pode comprar diamantes, não o brilho de alegria nos olhos.

Pense nas riquezas espirituais que possui em Cristo. Aceitaria um bilhão de reais por elas? Não? Então, fique contente de saber que possui algo que vale mais do que um bilhão de reais!

Examinemos com seriedade todas as coisas que dinheiro nenhum pode comprar. Depois disto, é impossível termos inveja dos pobres coitados que nada possuem a não ser um monte de dinheiro!

4. A fingida aceitação da realidade. Simão, o curandeiro, era grande em Samaria até a chegada de um verdadeiro pregador. Depois tornou-se um homem esquecido. O próprio Simão reconheceu ter perdido a posição de prestígio naquela região. Isto após ver Filipe fazer na realidade o que ele realizava fingidamente, por embuste. O texto bíblico nos mostra o contraste: Filipe pregava a Cristo; Simão pregava a si mesmo. Iludia o povo com bruxarias, enquanto Filipe pregava uma mensagem simples, endereçada diretamente ao coração.

O caráter, poder e reivindicações falsificados logo ficam desmascarados diante da gloriosa luz do que é genuíno e eterno.

5. Somente a fé no coração é verdadeira. Registra-se que "creu até o próprio Simão", sendo batizado. E, enquanto acompanhava Filipe, ficou impressionadíssimo, "vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam". Que sua fé não era genuína, comprovou-se pelas atitudes subseqüen- tes. Sua fé era um caso de "desenvolvimento atrofiado". Não ia além de contemplar os

sinais e milagres. Não chegava à verdadeira fé em Cristo (Jo 2.23-25; 4.48; 20.29). Os milagres, muitas vezes, atraem as pessoas para o Evangelho, ouvindo assim a Palavra. O milagre cumpre devidamente sua missão quando leva as pessoas ao Salvador.

A fé de Simão não ia além do milagre. Abraçou o Cristianismo como poder sobrenatural maior do que a feitiçaria. Não se converteu realmente a Cristo.

Não é questão de se saber muito ou pouco de teologia. De se receber as ordenanças, como Simão recebeu. A questão é ser a fé um poder vivificante, levando-nos a amar a Cristo e entregar tudo a ele. Inclusive nossa eterna salvação. O Cristianismo é “a fé que opera por caridade” (Gl 5.6).

A mensagem que o apóstolo quer dar a todos os cristãos formais e nominais é: “Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus”.

Filipe, o Obreiro Aprovado

Texto: Atos 8.26-40

I - A Comissão (At 8.26-28)

A corajosa pregação de Estêvão originou seu martírio e a perseguição que espalhou para longe os crentes de Jerusalém (juntamente com a pregação do Evangelho). Filipe foi para Samaria, onde sua pregação trouxe um grande despertamento espiritual. Foi durante essa poderosa ceifa de almas que Filipe recebeu sua estranha comissão.

1. A ordem. "E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te, e vai para a banda do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserta". Filipe se encontrava no meio de um grande avivamento onde sua presença parecia necessária. Mesmo assim, recebeu ordens de ir caminhando pelo deserto, uma jornada de 96 quilômetros, até a cidade pagã de Gaza. Certamente era uma ordem estranha, um brilhante pregador ir ao deserto quando cidades e vilas precisavam urgentemente do seu ministério. Assim devem ter pensado os diáconos da recém- estabelecida igreja de Samaria.

2. A obediência. "E levantou-se, e foi". Uma ordem sem detalhes. Indicava

apenas a direção a ser seguida. Sem questionar ou duvidar, Filipe foi caminhando pela estrada do deserto. Andando por fé, e não pela vista (cf. Hb 11.8). Nada pode substituir a vontade de Deus. Certo escritor disse: "Lembro-me de ter visto uma lista de proibições para operadores de máquinas; a única proibição de que ainda me lembro era: Não discuta com seu chefe. É uma boa regra para a religião, também" (ver Jo 13.8; At 10.14). Quando perguntaram a certo obreiro cristão qual o segredo do seu sucesso, respondeu: "Nunca disse não a Cristo".

3. O propósito. Filipe iniciou a viagem e logo descobriu o motivo da estranha missão. À sua frente, viajando devagar no seu carro, havia alguém obviamente de alta posição. Não demorou e Filipe entendeu que aquele indivíduo era a congregação que o Espírito lhe preparara: "E eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava, e assentado no seu carro, lia o profeta Isaías".

Quem era ele? Era eminente estadista, ministro da fazenda do reino da Etiópia, ao sul do Egito.

De onde vinha? Sua visita ao templo de Jerusalém sugere que era um prosélito, ou seja, um gentio convertido ao judaísmo.

O que fazia? Lia em voz alta, conforme o costume dos orientais. Lia a Bíblia durante a longa viagem, não para fazer passar o tempo, mas para remi-lo.

Por que tinha de ser abordado? Primeiro, porque Cristo dá valor à salvação dos indivíduos. Neste incidente, um anjo, um pregador e o Espírito Santo cooperam para a salvação deste único homem. E, é razoável supor, a conversão deste homem foi o meio empregado por Deus para levar o Evangelho à África.

Um estadista cristão teria grande influência naquele continente. Talvez a conversão deste único homem fosse a “maior” campanha evangelística de Filipe.

II - O Contato (At 8.29-31)

1. A ordem. “E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro”. A obediência à revelação anterior deixou Filipe pronto para receber a revelação seguinte. Cada passo de obediência traz consigo o conhecimento mais profundo do plano divino. Muitos viajam pelos caminhos poeirentos da vida perguntando: qual o carro que devemos acompanhar? Se permanecermos dispostos a escutar a voz do Espírito, seremos orientados assim como o foi Filipe.

2. A obediência. Tendo recebido a ordem do Espírito, Filipe imediatamente correu para o carro. Esperar a orientação de Deus não é desculpa para os preguiçosos. É, sim, advertência para os zelosos em demasia, que se adiantam sem ter sido enviados por Deus. Agora Filipe correu mesmo. O carro logo poderia se distanciar, e a oportunidade seria perdida. Filipe estava acostumado a trabalhar entre pessoas pobres e humildes. No entanto, não se intimidou em ir conversar com o nobre estadista. Às vezes surge nas igrejas o perigo de se negligenciar a evangelização dos homens de posição.

3. A pergunta. Filipe, tendo sido enviado pelo Rei divino, não esperou apresentação formal. Logo perguntou: “Entendes tu o que lês?” Boa pergunta para todo leitor da Bíblia fazer a si mesmo. Disse Spurgeon: “Jovens, nunca fiquem irritados quando um servo de Cristo lhes faz uma pergunta simples; senão, serão menos nobres do que este alto oficial da Etiópia”. O estadista poderia ter considerado a súbita apresentação do Evangelho uma intrusão. Mas, o mundo com seus barulhos e assuntos nos impõe a cada passo sua irreligiosidade. Porque não sermos igualmente agressivos com aquilo que é bom e sadio?

4. A resposta. “Como poderei entender, se alguém me não ensinar?” O etíope revelou disposição para aprender. Isto é maravilhoso levando-se em conta a alta posição de quem falou. Demonstrou o espírito que se exige dos que desejam entrar no reino de Deus (Mt 18.2-5). Ao confessar sua ignorância revelava sua sabedoria. Os ignorantes mais difíceis são os que imaginam saber tudo. Compare a atitude do brilhante Apolo (At 18.24-26).

5. O convite. “E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse”. Passo a passo, o caminho para a evangeliza- ção deste estadista estava se abrindo. Filipe foi para o deserto em obediência ao seu Mestre. Logo tem um carro para viajar e um poderoso príncipe como companheiro. Quando, seguindo ordens do Senhor, entramos em lugares difíceis, Ele cuida de nós.

III - O Sermão (At 8.32-35)

1. O texto. “E o lugar da Escritura que lia era este: Foi levado como a ovelha para o matadouro, e, como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim não abriu a sua boca. Na sua humilhação foi tirado o seu julgamento; e quem contará a sua geração? Porque a sua vida é tirada da terra”. Estas palavras são de Isaías 53, que descreve o Messias na sua origem obscura, seus sofrimentos, condenação, morte sacrificial e ressurreição triunfante. O etíope lia a versão grega, com algumas diferenças de linguagem, comparada com o hebraico.

“Na sua humilhação foi tirado o seu julgamento”. O Messias não recebeu o direito de um processo legal correto.

“E quem contará a sua geração?” tem três sentidos, todos verídicos. O

nascimento de Jesus foi milagroso. A descendência de Jesus é milagrosa e incontável, mediante a conversão. “Geração” também pode ser entendida como “maneira de vida”. Na época de Cristo, antes de se executar alguém, dava-se oportunidade a uma testemunha para vir falar bem da maneira de viver do condenado. Na crucificação de Cristo, todos os seus seguidores fugiram. Nenhum deles teve a coragem de se apresentar, falando bem da sua vida.

2. O problema. “E, respondendo o eunuco a Filipe, disse: Rogo-te, de quem diz isto o profeta? De si mesmo, ou dalgum outro?” Filipe explicou ser uma profecia dos sofrimentos de Cristo. Antes da vinda de Jesus, os rabinos aplicavam este trecho ao Messias. Depois, os líderes judaicos passaram a asseverar que o capítulo descrevia os sofrimentos de Israel.

O eunuco tinha sinceras dúvidas acerca do trecho. Ele não fez da dificuldade um motivo para desprezar a Bíblia. Recebeu de bom grado a ajuda oferecida. Nisto era bem diferente de muitos céticos dos nossos dias!

3. A pregação. Com respeito ao sermão, notam-se alguns fatos. Não foi premeditado. Não houve tempo para preparo. Como a mente de Filipe estava cheia de Cristo, prontamente mostrou o caminho da salvação. E fez isto a partir do texto em que se encontrava seu interlocutor. Era bíblico: “Começando nesta escritura, lhe anunciou a Jesus”. Foi um texto ideal para basear a mensagem sobre Cristo, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Seu tema era Jesus: “Lhe anunciou a Jesus”. Jesus! Era Ele a chave daqueles textos difíceis. Ele é a chave para explicar a totalidade da Palavra de Deus (Lc 24.27,44). O Cristianismo é mais do que a pregação da veracidade de uma doutrina. É a proclamação do poder de uma pessoa viva.

IV - A Conversão (At 8.36-38)

1. O pedido. “E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?” O eunuco, convicto quanto à veracidade do Evangelho, desejou que sua fé fosse selada pelo sinal exterior da profissão da fé. Quando o coração é tocado por Cristo há profundo desejo de obedecer-lhe, expressando a fé publicamente.

2. A aprovação. “E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou”. O eunuco estava pronto para o batismo. Tinha fé em cristo, a condição para a salvação. E sua fé tinha o alvo certo: Jesus Cristo como Filho de Deus.

3. O convertido. Mediante a conversão deste estadista, o deserto tornou-se um campo frutífero. Foi uma conversão notável, porque seria bem possível colocar a palavra “político” em Mateus 19.23, no lugar de “rico”.

V - A Separação (At 8.39,40)

O mesmo Deus que prepara os encontros também separa as pessoas. O pregador e o recém-convertido estavam cheios de júbilo. Agora, Deus tinha uma grande obra para cada um deles. Então seguiu-se:

1. O arrebatamento físico de Filipe. “E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco”. A palavra “arrebatar” é a mesma empregada em 2 Coríntios 12.1-4. No caso de Paulo, a região era celestial e invisível. O apóstolo não sabia se estava no corpo ou não. Com Filipe, o arrebatamento foi para outro ponto da terra, sendo claramente “no corpo”. A mesma palavra descreve o arrebatamento dos santos (1 Ts 4.16,17) que será o transporte de corpos glorificados para o Céu.

Esta manifestação do poder do Espírito tinha o fim prático de levar Filipe para a próxima obra evangelística (v. 40). Filipe estava na vontade de Deus, que cuidou da sua viagem.

2. O arrebatamento espiritual do eunuco. "E, jubiloso, continuou o seu caminho". Seu júbilo espiritual continuou mesmo após a partida de Filipe. O verdadeiro convertido não recai no mundanismo ao acabar a série de reuniões e partir o evangelista.

VI – Ensinamentos Práticos

1. O trabalho pessoal. Os raios solares espalhados dão luz a enormes áreas. Porém, é a concentração de raios que faz algum ponto pegar fogo. A exposição pública do Evangelho é indispensável. Muitas vezes, no entanto, é preciso um toque pessoal. Desta maneira a Palavra é aplicada poderosamente à consciência de cada um.

Certo pastor tinha na congregação uma pessoa muito rica. Se fosse pobre, não hesitaria em falar sobre a salvação. Imaginou, porém, que, sendo rico, se ofenderia ao ser abordado assim. Finalmente, um dos membros perguntou ao rico se já havia recebido o Salvador. O homem irrompeu em lágrimas confessando estar em grandes aflições espirituais. E completou: "Desejava tanto que o pastor me falasse sobre o assunto!" Muitas vezes, ficamos impressionados com a aparência da riqueza e glória humanas. Esquecemos que ninguém é importante demais, quando o assunto é a vida eterna. Quantas oportunidades são perdidas por temermos a aparência humana!

2. A boa leitura. A Bíblia é a melhor leitura, não somente na viagem de

Jerusalém a Gaza. É, também, no caminho do tempo para a eternidade. Podendo levar apenas um livro para o exílio numa ilha deserta, sem dúvida, escolheríamos a Bíblia. O único livro essencial.

Este fato não exclui outras leituras. Bons livros têm, muitas vezes, decidido o destino de alguém. Muitos testificam que um livro os levou da dúvida à vida espiritual plena e rica. Podemos crer que Deus nos abençoa mediante a escolha de bons livros.

Por outro lado, não há dúvida de que leituras indignas e impróprias têm causado danos irreparáveis em muitas vidas. Não devemos nos iludir pelo estilo brilhante. Nem pensar que a clareza de pensamento é prova de veracidade. Existem escritores, especialmente novelistas, minando os fundamentos da religião e da moral. E para isto empregam todos os recursos estilísticos. Livros que confundam a distinção entre o bem e o mal, tratem as coisas espirituais zombeteiramente ou que, de alguma forma, diminuam nosso anseio pelas coisas espirituais, não valem a pena ser lidos.

3. "Entendes tu o que lês?" No Tibete, os sacerdotes vão girando uma roda de orações. Entre os judeus, existem muitos que aprendem a ler em voz alta a pronúncia das letras hebraicas. Entendem que isto é "ler" a Bíblia, sem a mínima intenção de compreender a mensagem. A leitura bíblica não é uma questão de "cobrir" tantos capítulos. Trata-se de ler, entender, crer e viver cada parte.

A Bíblia deve ser lida diariamente, com entendimento, de forma sistemática e meditativamente. E nossa vontade deve estar disposta a praticar na vida diária o que for aprendido. Um bom comentário e um dicionário bíblico podem nos ajudar. Mas, independente de onde tiramos as explicações, devemos sempre permitir que a pergunta: "Entendes o que lês?" nos desafie.

4. Um estadista e sua Bíblia. Courtonne, célebre pastor de Amsterdã, recebeu convite para falar à corte real. Era famoso pela franqueza das suas pregações. O pastor aceitou com a condição de a família real estar presente e ninguém se ofender com sua franqueza. No dia, o pastor leu a história de Filipe e o estadista etíope. Disse que o texto continha quatro assuntos de causar assombro. Cada um mais espantoso que o outro.

I. Um oficial da corte lendo as Escrituras, em si já era uma surpresa muito grande.

II. Um oficial da corte que reconhecia sua ignorância, era ainda mais assombroso.

III. Um oficial da corte que pedia instruções a alguém socialmente inferior, duplicava o assombro.

IV. Um oficial da corte que se converteu - o mais assombroso e surpreendente de todos os fatos.

Certamente este sermão faria bem aos estadistas e políticos dos nossos dias. Uma volta à Palavra de Deus transformaria totalmente os problemas de uma grande nação.

5. Pregando a Cristo. "Então Filipe, abrindo a sua boca e começando nesta escritura, lhe anunciou a Jesus". Qualquer sermão, ou testemunho, fará bem, na medida em que Cristo é exaltado como Salvador, Senhor e Ajudador.

Quando Bernardo de Clairvaux, pregador do século XII, ministrou a Palavra de modo escolástico, os ouvintes estudiosos lhe agradeceram. No dia seguinte, pregou com grande simplicidade. Então o povo dava graças a Deus por ele, demonstrando tanta gratidão que os estudiosos estranharam. Explicou Bernardo: “Ontem, preguei Bernardo, hoje preguei a Cristo.”

A obra cristã é espiritual, substancial e duradoura quando edificada em torno da pessoa de Cristo. Não quando meramente em função do obreiro cristão. Os cooperadores vêm e se vão. Cristo, no entanto, “é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente”.

6. Águas em terra sedenta. Filipe abriu a Fonte das águas vivas a um viajante com sede na alma, que atravessava o deserto.

Nos desertos da África e da América, onde nunca chove, os viajantes costumam achar uma planta. Ela armazena grandes quantidades de água, suficientes para suprir as necessidades dos transeuntes. Suas minúsculas bocas chupam a umidade do ar, que, por sua vez, a retira do distante oceano Atlântico. Pelo fato de estar vazia e pronta a ser enchida, ela recebe, de reservatórios inesgotáveis, o suprimento das suas necessidades.

Por mais insignificantes que sejamos, podemos tirar água viva do ilimitado oceano de Deus. Seremos, assim, bênção para as almas sedentas neste deserto espiritual que é o mundo. “Se alguém tem sede, venha a mim, e beba”.

7. Onde Jesus estiver, ali haverá alegria. “E, jubiloso, continuou o seu caminho”. Há pessoas que dizem ser a religião uma segurança para a hora da morte, mas é coisa desagradável para o convívio diário. Esta é uma falsa idéia do Evangelho. Jesus nunca disse: “O Reino de Deus é semelhante a um enterro”. Pelo contrário, muitas vezes comparava o seu Reino a uma festa de

casamento, que, especialmente no Oriente, é ocasião de alegria e júbilo. Os discípulos de João quiseram saber por que os de Jesus não faziam grandes jejuns. Jesus respondeu: "Podem porventura andar tristes os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles?" A presença de Jesus não é ambiente para jejuns e lamentações. Haveria, no entanto, momentos apropriados para os aspectos mais solenes da vida (Mt 9.14,15). Porém, mesmo em meio às tristezas, o crente sempre tem motivo de alegria: "Contristados, mas sempre alegres..." (2 Co 6.10). Quem teve uma verdadeira experiência com Cristo conhece a alegria.

8. Permanecendo na sua vocação. "Continuou o seu caminho". Voltou para sua posição, tornando-se um estadista melhor, devido o conhecimento de Cristo. A Etiópia, 100 anos após a morte de Cristo, possuía uma igreja que abrangia grande parte da população.

Sendo nosso ofício legítimo e honesto, não é necessário abandoná-lo quando aceitamos a Cristo. Jesus orou: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal". Há aqui uma advertência contra o hábito de colocar jovens convertidos no ministério. Todo crente tem uma chamada geral para o ministério. Isto no sentido de ser testemunha e obreiro no serviço cristão. O tempo revelará se possui chamada especial para uma posição de liderança, com dedicação exclusiva. É melhor ser obreiro leigo dentro da vontade de Deus do que um pregador fora da sua vontade.

A Conversão de Saulo

Texto: Atos 9.1-31

Introdução

As experiências de Saulo e do estadista etíope se contrastam. Ambos fizeram uma viagem. Um era gentio, outro judeu. O gentio vinha de Jerusalém, onde foi buscar bênçãos espirituais. Saulo ia de Jerusalém a Damasco em viagem de perseguição aos crentes. O primeiro caso é exemplo do texto: “Buscai, e achareis”. O outro, do texto: “Fui achado daqueles que me não buscavam”. O Senhor foi gracioso a ambos os viajantes. Um recebeu a bênção que procurava; o outro, a que não buscava. Ambos foram abençoados e continuaram a viver para Deus.

I – A Campanha Anticristã de Saulo (At 9.1,2)

A igreja judaica havia sido estabelecida. O Evangelho já tinha alcançado Samaria. Logo Pedro abriria a porta da Igreja aos gentios. Alguém tinha, então, de levar o Evangelho “até aos confins da terra”. Eis o homem certo: Saulo de Tarso. Não acompanhou Cristo na terra. Contudo, não era inferior aos primeiros discípulos quanto ao zelo, conhecimento, poder e trabalho. A vida e ministério

de Paulo mostram que o Senhor escolheu o tipo de homem que a situação exigia. Segundo a orientação de Deus, ele faria a religião de Jesus ser uma religião para todos os homens.

1. Um líder religioso. Saulo, provavelmente com 30 anos, era membro do Sinédrio, o concílio religioso judeu. O mesmo que condenou Jesus à morte. Isto é dado a entender pela posição que ocupava entre os judeus daquela época (Gl 1.14), e também pelo papel que desempenhou no processo de Estêvão (At 7.58), inclusive seu voto lançado (At 22.20).

2. Um defensor zeloso. Com energia característica, Saulo se dedicava à desarraigar o Cristianismo. Para ele, um movimento perigosíssimo. Provavelmente imaginasse ser "do diabo". Dizer que Jesus, crucificado após a condenação do Sinédrio como blasfemador, era o Messias e Filho de Deus seria o cúmulo da blasfêmia. E, quando Estêvão falou na anulação da Antiga Aliança e na destruição do Templo, Saulo concluiu que tais ensinos ameaçavam a verdadeira religião. Como se os crentes fossem subversivos e anarquistas! Resolveu, então, salvar o judaísmo mediante a destruição do Cristianismo. Após o apedrejamento de Estêvão, começou sua tarefa em Jerusalém (At 8.1-3). Viu o movimento se espalhar para outras cidades. Então, pediu autorização a fim de prender os crentes em Damasco e levá-los para serem processados em Jerusalém.

3. Um cruel perseguidor. Saulo era normalmente bondoso e gentil. Quando, porém, entrou nele o espírito da perseguição, ficou enfurecido contra a Igreja. Como um animal selvagem, prendia homens e mulheres, lançando-os em cárceres, condenando-os a serem açoitados e até mortos. Até procurava forçá-los a blasfemar contra o nome de Cristo (At 22.4; 26.10,11; 1 Co 15.9; Fp 3.6). Qual a explicação para tanta crueldade por parte de um homem devoto e piedoso? Primeiro, agiu "ignorantemente, na incredulidade" (1 Tm 1.13; cf. Lc 23.34). Em segundo lugar, seu zelo era mal orientado. Pensava que, com isso, tributava culto a Deus (Jo 16.2,3). O zelo religioso desprovido do amor de Deus sempre tem sido uma desgraça neste mundo (ver 1 Co 13).

4. A Igreja ameaçada. Cristo prometeu que nunca abandonaria a Igreja (Mt 28.20). Assegurava seus seguidores de que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (Mt 16.18). Parecia, no entanto, que Saulo não sendo afastado do caminho, o Cristianismo seria exterminado. Tenham bom ânimo, discípulos de Cristo: Alguém está se preparando para levar Saulo cativo terminando assim sua carreira de perseguições.

II – A Luz Celestial (At 9.3)

1. Iniciada a viagem. Levando na bagagem cartas oficiais do Sinédrio, e acompanhado por um grupo de policiais do templo, Saulo iniciou sua viagem. Ia a Damasco para uma campanha anticristã por toda a cidade. Confiava que seria bem recebido pelas autoridades. Afinal, o governador da cidade era amigo do sumo sacerdote (2 Co 11.32). O grupo provavelmente viajava em cavalos e mulas. Levariam cerca de uma semana percorrendo em torno de 240 quilômetros de distância. Saulo tinha bastante tempo para refletir durante a viagem.

2. A viagem interrompida. Por volta do meio-dia (At 22.6), Saulo e o grupo chegavam perto de Damasco. O fato de viajarem na parte mais quente do dia, quando normalmente todos descansavam, demonstra sua impaciência e pressa. Desejava começar a obra de perseguir os cristãos. Será que dúvidas profundas, fruto da meditação, o incomodavam tanto que buscava abafá-las iniciando logo sua obra? Ao aproximar-se de Damasco, "subitamente", brilhou uma luz do céu ao seu redor. Brilhava mais do que o próprio sol escaldante da Síria em pleno meio-dia (At 26.13).

III - A Voz Celestial (At 9.4,5)

1. “Saulo, Saulo, por queme persegues?” O que estas palavras significavam para Saulo? Recebia uma mensagem pessoal do Céu. No Antigo, como no Novo Testamento, quando Deus chamava alguém pelo nome, era sinal de que tinha um cuidado especial por aquela pessoa. E que a chamava para um serviço especial (ver Gn 22.1; 46.2; Êx 3.4; 1 Sm 3.4; Lc 19.5; At 10.3). Sabia que eram pronunciadas por um ser celestial. Portanto, estava sendo acusado de lutar contra Deus (At 5.39 - Saulo não havia seguido o conselho de Gamaliel, seu professor). As palavras continham um desafio à sua retidão de conduta e crença. “Por quê?” Como Saulo, zeloso pela Lei e por Deus, iluminado pelas palavras de Moisés e dos profetas, chegou ao ponto de lutar contra Deus, pensando que servia a Ele.

2. “Quem és, Senhor?” Saulo tinha consciência de que algum ser celestial lhe aparecera. Ele bem conhecia narrativas de acontecimentos semelhantes no Antigo Testamento (Is 6.1-3; Ez 1.27,28; Dn 10.5-8). Não sabia, no entanto, a identidade do visitante. Era um dos anjos, o Anjo do Senhor ou o Senhor Deus em pessoa? Esta era a razão da sua pergunta.

3. “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”. Que susto enorme para Saulo! O ser celestial era o próprio Jesus, considerado por ele um impostor crucificado. Estêvão tinha razão! O crucificado era verdadeiramente o Messias, glorificado e profetizado (At 7.55,56 e Dn 7.13,14). Notemos que Cristo se revelou com o nome humano, tão odiado por Saulo. Não disse: “Sou o Filho de Deus”, nem: “Sou o Messias”. O próprio Jesus de Nazaré foi glorificado (Jo 1.45,46,49,51).

IV – A Advertência Celestial (At 9.5)

“Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões” (At 26.14).

1. A ilustração. Nos dias de Paulo, empregavam-se bois para arar. Os bois, no começo, ficavam parados, dando coice para trás. Por meio de pontas metálicas agudas no madei- ramento do arado e de um aguilhão na mão do arador, inflingia-se cruel sofrimento ao boi rebelde. Até que aprendesse a obedecer ao invés de dar coices.

2. A aplicação. Deus queria Saulo num serviço nobre, mas este resistia. Provocava sofrimentos a si próprio. Longe de obedecer ao Altíssimo, era rebelde. Contra que aguilhões Saulo dava pontapés? A resposta tem conexão com o martírio de Estêvão.

Estêvão foi acusado de blasfemar contra a Lei. Mostrava, porém, a mesma glória do rosto de Moisés ao descer do Sinai com a Lei (At 6.11,15; Êx 34.29). Saulo pensava que Estêvão fosse um apóstata condenado ao inferno. No entanto, enquanto era apedrejado, teve a visão celestial do trono de Deus (At 7.55,56). Saulo considerava Estêvão um inimigo dos líderes judeus. Estêvão, ao invés de amaldiçoá- los, orou invocando perdão para eles (At 7.60). A vida santa dos crentes perseguidos não deixou de causar impressão na consciência de Paulo. Estêvão, acusado de quebrar a Lei, morreu com a paz de espírito dos fiéis à vontade de Deus (At 7.59). Apesar da retidão segundo a Lei exterior e sua paixão pela ortodoxia religiosa, Saulo, por certo, não possuía a satisfação espiritual vista no rosto do mártir.

As palavras do Senhor dão a entender que o Espírito já falava à consciência de Saulo antes de ter este recebido a visão celestial. A voz da consciência por certo estava dizendo: “Paulo, não acha que se enganou? Estêvão não tem cara de blasfemador. Os crentes aos quais você persegue têm vidas puras. Será que eles não têm razão ao afirmar que Jesus é o Messias?” No início, Saulo deve ter rejeitado tais sugestões. Deviam ser do próprio Satanás, procurando desviá-lo de cumprir seu dever. As dúvidas, no entanto, continuavam dando origem a uma cruel luta interior. Pela misericórdia de Jesus elas chegaram ao fim no momento da visão. Saulo realmente sofria na sua luta contra os aguilhões da consciência.

V – As Instruções Celestiais (At 9.6-8)

1. Uma comissão pedida. “Senhor, que queres que faça?” (At 22.10). As palavras indicavam uma entrega incondicional ao Cristo glorificado que lhe apareceu. Tinha sido dominado pela “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo” (2 Co 4.6; Ap 1.16,17; cf. Lc 22.6l,62). As palavras revelam, outrossim, o caráter enérgico de Paulo. Sempre pronto para o serviço. A entrega a Cristo que fez naquele instante caracterizou toda a sua carreira missionária.

2. Uma comissão concedida. “Levanta-te, e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer”. Saulo, cego dos olhos físicos, foi levado pela mão até Damasco. Pretendia entrar na cidade como representante do Sinédrio e ser recebido com distinção e honra. No entanto, sua entrada foi bem diferente: ferido, abatido, trêmulo e já não ardia em fúria contra os crentes. Pelo contrário, estava disposto a aprender humildemente com o mais simples cristão.

3. Uma comissão mudada. “E Saulo levantou-se da terra...” Caíra por terra como judeu orgulhoso e cruel. Levantou-se como crente humilhado e quebrantado. Num só momento, Cristo o transformara de feroz fariseu em verdadeiro discípulo. Daquele momento em diante, Saulo era uma nova criatura em Cristo (2 Co 5.17). Morrera Saulo, o fariseu; ressuscitara Saulo, o crente. A antiga comissão fora repudiada (At 9.1,2) pois Saulo tinha recebido uma nova (At 26.16-18).

VI - A Bênção Celestial (At 9.9-19)

1. Uma alma ferida. A luz celestial temporariamente cegou a Saulo (At 22.11). Foi providencial, dando a Saulo tempo para meditar sobre sua nova experiência. Durante três dias, sem comida nem água, dedicou-se à oração. O

aparecimento de Cristo mudou tudo para Saulo. Precisava de tempo e silêncio para se ajustar à mudança. Seus olhos foram vendados a fim de que os olhos espirituais se acostumassem à luz recebida.

2. Um mensageiro fiel. Após conversar com Saulo, o Senhor apareceu a um discípulo chamado Ananias. Por seu intermédio, completaria a obra de instruir a Saulo, obra que Deus começou pessoalmente. Mesmo havendo a possibilidade de instruí-lo, Cristo lança mão de instrumentos humanos para tal serviço (At 10.3-6). Ananias recebeu a ordem de ir a certo endereço procurar Saulo e ministrar a ele. O discípulo ficou assustado ao receber tal ordem (vv. 13,14). Geralmente existe conexão entre as visões e o estado das pessoas que as recebem. Por isso, é provável que Ananias, tendo ouvido da comissão de Saulo, orasse pela proteção da igreja em Damasco. Por certo, não imaginava que sua oração fosse respondida exatamente daquele modo!

3. A bem-vinda libertação. Obedientemente, Ananias foi andando para a casa onde Saulo estava hospedado - andou realmente pela fé! A singela fé e obediência de Ananias é demonstrada no seu modo de se dirigir ao antigo perseguidor: "Irmão Saulo..." Com a imposição das mãos de Ananias, Saulo foi curado da cegueira. Depois foi batizado na água, e começou a cooperar na igreja.

VII – Ensinamentos Práticos

1. A comunhão dos seus sofrimentos. "Por que me persegues?" Esta pergunta é como espada de dois gumes. Repreende os perseguidores e consola o povo de Deus. Expressa a contínua presença do Senhor com seus servos. É a identificação com os seus sofrimentos. Quando qualquer parte do nosso corpo é ferida, sentimos dores. Assim também o Cristo glorificado fica sendo, mais uma vez, o varão de dores quando qualquer membro de seu corpo sofre. No dia do Juízo, os perseguidores não arrependidos ouvirão: "Em verdade vos digo que,

quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”.

2. O dever da cuidadosa reflexão. “Por que me persegues?” Cristo apela à razão do homem. “Vinde então, e argüi-me, diz o Senhor...” Deus quer levar todos a meditarem profundamente sobre a sua vida e o seu relacionamento com ele.

Oxalá as pessoas meditassem mais! Males são praticados por falta de reflexão. Por falta de se entender as con- seqüências ou as verdadeiras razões do que se faz. A maioria das pessoas são impulsionadas por paixões cegas. Enquanto isso, seu juízo fica adormecido. “O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende” (Is 1.3).

3. As conseqüências de se resistir a Deus. “Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões”. Já explicamos a figura. Vamos considerar as palavras como parábola do relacionamento entre o homem e seu Criador.

3.1. O boi. Por que o homem é comparado a ele? É um animal valioso e depende do dono para suprir suas necessidades. Do boi se exige, com toda a razão, o serviço, que pode ser muito frutífero.

3.2. O aguilhão. O instrumento, por doloroso que seja, é necessário por causa da natureza obstinada do boi. Quais os aguilhões que Deus emprega para amansar a natureza rebelde do homem? Bons conselhos de amigos; sermões bem aplicáveis; aflições; a operação do Espírito Santo sobre a consciência.

3.3. Os coices. O boi estultamente dá coices quando sente o aguilhão, que assim

dói muito mais. Da mesma forma, há pessoas que zombam dos bons conselhos, rejeitam exortações, ficam zangadas quando o sermão ataca seus erros e, embora não possam empregar violência contra o povo de Deus, o perseguem com calúnias, zombarias e críticas. Mesmo assim, é duro recalcitrar contra os aguilhões. "O caminho dos transgressores é áspero". Lutamos contra o nosso próprio bem, quando lutamos contra Deus.

4. A variedade nas conversões. A conversão de Saulo foi súbita, violenta e espetacular. Muitas conversões são assim. Como o carcereiro de Filipos, precisam de um terremoto para despertá-los a fim de reconhecerem seu pecado e a necessidade de salvação. Outras, como Lídia (At 16.14), abrem seu coração com mais naturalidade às suaves influências do Espírito Santo. O que Saulo fez de bom para merecer a salvação? Nada. Pelo contrário, estava empenhado em perseguir a Igreja. Da profundidade da sua experiência podia dizer: "Pela graça sois salvos". A conversão de Lídia, por outro lado, resultou da sua piedosa busca por Deus nas reuniões de oração.

A lição a ser meditada é que Deus trata com os indivíduos de diferentes modos. Alguém disse com acerto: "O Espírito Santo não tem hábitos". Ele é livre e soberano em todas as suas operações. Afinal, a questão não é como alguém foi convertido, e sim, se realmente recebeu a Cristo. Depois, sua vida revelará a Cristo: "Por seus frutos os conhecereis".

5. O mistério da regeneração. "E os varões, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém" (At 9.7). "Os que estavam comigo, viram a luz, sem contudo perceber o sentido de quem falava comigo" (At 22.9). Os homens que acompanhavam Saulo ouviram um som. Mas não entenderam o que era falado. O verbo grego "ouvir" tem o sentido de "entender" também. A tradução depende da regência. Por isso a dúvida que surge em traduções que colocam "ouvir" em ambas as passagens.

Como os acompanhantes de Paulo, hoje, os não-conver- tidos nada

compreendem sobre a vida espiritual: “Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Co 2.14).

Muitas pessoas são espiritualmente cegas. A questão é: Desejam ver realmente ou preferem continuar cegas? A fé é o remédio, porque, em assuntos espirituais, só vemos depois de crermos.

6. Perguntas da alma despertada. O despertamento espiritual de Saulo foi evidenciado nas suas duas perguntas: “Quem és, Senhor?” e “Senhor, que queres que faça?” Estas perguntas servem como teste do nosso crescimento na graça. Temos desejo de saber mais e mais acerca de Cristo? Nossa atitude é de obediência, buscando conhecer a sua vontade para nós?

7. Da morte para a vida. “E esteve três dias sem ver...” (v. 9). Jonas passou três dias no grande peixe. Depois surgiu para um ministério renovado. Cristo ficou três dias sob a terra e, então, ressuscitou para uma nova vida. Da mesma forma, os três dias que Saulo passou na escuridão simbolizam a morte de sua antiga vida e a ressurreição para a nova. Os prazeres anteriores já não existem. Suas atividades passadas terminaram. Seus velhos amigos se foram. No silêncio e na escuridão, a nova vida tomava vulto. Nova luz se acendia em sua alma. A salvação raiava em seu íntimo, e suas forças se reorganizavam para o cumprimento de novo ministério. Os novos amigos já chegavam à porta. Os dias de inatividade forçada podem servir para renovação espiritual.

8. Nada é difícil demais para o Senhor. Leia os vv. 1014, observando como Ananias parece estar explicando suas dificuldades ao Senhor. Como se Deus não conhecesse muito bem a Saulo. Ananias, como muitos de nós, achava difícil considerar um problema muito grande solucionado e e agir com plena fé de que Deus já removera os obstáculos. Saulo parecia tão fora do alcance da graça divina! Os melhores servos de Deus, geralmente, eram pessoas que pareciam fora do alcance da religião.

Se tivéssemos os olhos de Cristo! Nunca consideraríamos ninguém pecaminoso ou endurecido demais para a graça salvadora, revelada em Jesus Cristo.

9. Escolhido para o serviço. "Este é para mim um vaso escolhido..." O mundo é o campo em que Deus opera. E está cheio dos seus instrumentos. Cada ser humano pode ser transformado em instrumento de Deus. O Senhor vê tudo e sabe onde achar vasos para seu serviço. Dois fatos ocorrem nas conversões: o homem recebe um poderoso Salvador e Deus um servo dedicado. Podemos testificar que achamos um grande Salvador? E o Senhor? Pode testificar que, em nós, achou um servo fiel?

10. Sofrimento e serviço. Jesus disse: "E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome". A alegria do Senhor sempre está conosco. Mas, em um mundo imperfeito como é este, não podemos imaginar que passaremos a vida sem dificuldades. Quando sofremos por causa das nossas próprias falhas, isto não é surpreendente. Às vezes, porém, ficamos perplexos quando fazemos o bem, e ainda passamos por momentos difíceis. Pedro disse: "Se, fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus" (1 Pe 2.20).

11. Caloroso aperto de mão no escuro. Quanto valeu a Saulo o toque amistoso da mão de Ananias? E sua voz bondosa? Foi motivo de alegria para o antigo perseguidor ser chamado "irmão". Desta forma, Saulo soube que os cristãos já lhe tinham perdoado.

É só dessa maneira que a obra cristã pode ir adiante. As pessoas necessitam mais de nossa simpatia do que das críticas. Precisam de um caloroso aperto de mão, não de olhar frio.

12. “Eis que ele está orando”. Ananias não tinha razão de temer um encontro com o terrível Saulo de Tarso. O Senhor já lhe explicara: “Pois eis que ele está orando”. A oração era uma evidência da conversão de Saulo. O caráter de Saulo foi marcado, durante todo o seu ministério, pela incessante oração em prol dos convertidos.

A nossa conversão traz o selo da oração?

O Derramamento em Cesaréia

Texto: Atos 10

Introdução (At 10.1-33)

A primeira igreja, fundada após o Pentecoste, era composta quase exclusivamente de judeus. Durante anos, nenhuma tentativa foi feita no sentido de evangelizar os gentios. Apesar do último mandamento de Cristo. Isto nos parece surpreendente! Mas, era difícil remover da mentalidade judaica certos preconceitos seculares. Somente o poder de Deus poderia arrancar deles tais costumes. Antes da Grande Comissão ser efetuada pela igreja judaica e o Evangelho alcançar os gentios, algumas questões teriam de ser solucionadas. Será que judeus e gentios poderiam receber igual salvação, ficando em pé de igualdade? Os crentes judeus poderiam ter comunhão e convívio com os gentios? Os judeus os consideravam “impuros”. Até da sua comida se recusavam participar. Isto por não ser preparada de acordo com a Lei de Moisés.

Deus se pronunciou sobre estas dúvidas. Primeiro, providenciou um contato entre duas pessoas: Cornélio, um gentio interessado no Evangelho, e Pedro, o pregador judeu.

I – Cornélio, Oficial Romano (At 10.1-33)

Cornélio era oficial romano, morador de Cesaréia, capital romana da Palestina. “Piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo, e de contínuo orava a Deus”. O texto dá a entender que Cornélio era um “prosélito da Porta”. Convertido ao judaísmo sem, contudo, assumir todas as obrigações da Lei de Moisés, como é o caso dos “prosélitos da Retidão”.

Alguma preocupação o levou a orar (At 10.30). Com respeito a que orava? Ver Atos 11.14. A conclusão é que Cornélio ansiava por mais luz acerca do caminho da plena salvação. Algo que a sinagoga não poderia lhe oferecer.

Preocupado, foi orar e como resposta recebeu a visita de um anjo. Não para pregar o Evangelho (isto não é atributo deles), mas para indicar onde procurar o mensageiro.

1. O pregador judeu. Cornélio já estava preparado. Ele seria o ponto de contato entre a Igreja e o mundo dos gentios. Deus, então, teria de moldar um pregador judeu para completar seu plano.

Certa vez, Pedro sentiu-se inspirado a fazer uma viagem evangelística na Judéia. No decurso de seu ministério, seguido de notáveis milagres, chegou a Jope. Dispôs-se a passar muitos dias ali (At 9.32-43). Na ocasião, não sabia por que teria de ficar exatamente ali, mas Deus sabia.

Pedro, como Cornélio, tinha um assunto que lhe preocupava. Fizera uma campanha bem sucedida entre os judeus da Judéia. Mas ainda não estava satisfeito. O Mestre o mandara pregar o Evangelho a todas as nações. Portanto,

também aos gentios. Pedro desejava muito levar a mensagem para eles. No entanto, isto envolvia tremendas dificuldades para quem foi criado no judaísmo. Teria de se hospedar com gentios, alimentar-se com sua comida “imunda” e transgredir muitas leis cerimoniais de Moisés. Se ele se dispusesse a tanto, milhares de crentes judeus o considerariam um apóstata.

Pedro esperava, enquanto preparavam sua comida (segundo a tradição judaica). Então, começou a orar sobre o assunto. Decerto, Deus já falava à sua consciência sobre a evangelização dos gentios. Na Bíblia, uma preocupação, uma oração e uma visão muitas vezes se acompanham (Dn 9.1-22).

E Pedro teve uma visão. O lençol representava o mundo; os quatro cantos, os pontos cardeais de onde todas as raças (simbolizadas pelos animais) seriam recolhidas pela pregação de Cristo. O apóstolo ficou perplexo sobre qual seria o significado da visão. Neste momento, chegam os homens pedindo-lhe que fosse pregar na casa de Cornélio, o gentio.

O que Pedro aprendeu de tudo isto? Que chegou a hora marcada por Deus para os gentios entrarem na Igreja (At 10.17-20). Chegou, mediante a obra de Cristo, a época de não haver mais distinção entre judeus e gentios (At 10.28). Era da vontade de Deus que os crentes judeus entrassem nos lares dos gentios. Terem com eles plena comunhão, inclusive nas refeições em comum (At 10.27; 11.2,3). As leis mosaicas sobre alimentação haviam sido abolidas, e todas as que criavam barreiras entre judeus e gentios (Ef 2.13-16; At 15.1,10,11,24,28,29).

II - A Pregação do Sermão (At 10.34-43)

Pedro, chegando em Cesaréia, achou à sua espera uma congregação gentia. Era composta de Cornélio, seus parentes e amigos. Após as apresentações e explicações, Pedro iniciou sua mensagem.

1. A introdução. “E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo”. Para alguns, estas palavras indicam que as opiniões religiosas não importam. As pessoas serão salvas, tendo uma vida de moralidade. Então, por que Deus enviou Pedro a casa do devoto e caridoso Cornélio? Para que, mediante as palavras, ele e sua casa pudessem receber a salvação? Pedro não se referiu à indiferença de Deus quanto ao que cremos, e sim, à nossa nacionalidade.

2. O Cristo que vivia. “A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo (este é o Senhor de todos). Esta palavra, vós bem sabeis, veio por toda a Judéia, começando pela Galiléia, depois do batismo que João pregou”. Estes homens não tiveram contato com ensinadores cristãos. Influenciados pelo judaísmo, naturalmente teriam aceitado a versão dos líderes judaicos com respeito ao Cristianismo. Ficariam, portanto, satisfeitos com a crença que tinham. Pedro, então, usou como ponto de partida os relatórios que por certo tinham ouvido. Explicou mais claramente a vida, morte e ministério de Cristo. Deus primeiro enviou a mensagem ao seu povo Israel. Sendo ele “Senhor de todos”, a mensagem abrange os gentios também.

3. O Cristo que ministrava. Em poucas palavras, Pedro esboçou o poderoso ministério de Cristo: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele”. Jesus foi ungido com o Espírito. A palavra “ungido” vem do costume de ungir com óleo os líderes escolhidos por Deus. Era um símbolo dos poderes espirituais necessários para a sua obra. O óleo simboliza o Espírito Santo e fala de frutificação, utilidade, vida eterna e beleza. Foi assim o ministério de Cristo. Foi ungido com virtude. Cristo não apenas falava acerca de virtude espiritual. Manifestava-a também. Foi ungido para o serviço. Um dos títulos do Messias no Antigo Testamento era “Servo do Senhor” (Is 42.1; 52.13; 53.11; Lc 22.27; Rm 15.8). Foi ungido para destruir as obras do diabo: “... curando a todos os oprimidos do diabo...” Pedro nos avisa que “o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa

tragar". O Senhor Jesus, em seu ministério de três anos e meio, andava por toda a parte, destruindo e frustrando as obras do diabo (Lc 4. 18; 13.16; Hb 2.14,15; 1 Jo 3.8).

4. O Cristo que morreu. "E nós somos testemunhas de todas as coisas que fez, tanto na terra da Judéia como em Jerusalém: ao qual mataram, pendurando-o num madeiro". A palavra "madeiro" é sinônimo figurativo de "cruz". Tem relação com o conceito de Jesus suportar por nós a maldição da Lei (ver Gl 3.13). O sermão de Pedro consistia em relatar a simples história da vida, morte e ressurreição de Cristo. Foi esta a característica da primeira mensagem cristã. Atualmente, o pregador muitas vezes considera a história de Cristo conhecida dos ouvintes. Quando o Evangelho era completa novidade, se fazia necessário primeiro contar os fatos como fundamento para a fé.

5. O Cristo que vive. "A este ressuscitou Deus ao terceiro dia, e fez que se manifestasse, não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós, que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos". Celso, antigo filósofo pagão que atacava o Cristianismo, perguntou por que o Cristo ressurreto não apresentou-se aos sacerdotes judeus e outros inimigos. Assim convenceria a todos da veracidade de suas afirmações sobre si mesmo. Um princípio de Deus ao lidar com o homem é não dar mais luz se ele não andar na que já recebeu: "Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite" (Lc 16.31). Não podemos convencer a quem já resolveu não acreditar. Tal pessoa achará meios de "fugir" da mais clara evidência.

"E nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos". Estas palavras se referem à Grande Comissão (Mt 28.1820; Mc 16.15,16). A autoridade de julgar vivos e mortos é entendida nas palavras: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (At 17.31).

6. O Cristo que salva. "A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os

que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome". Este é o ponto alto do sermão. Com este texto Pedro declara o significado, na vida prática, da morte e ressurreição de Cristo. E explica aos gentios qual o benefício que lhes advém por meio dEle. Qual é uma das bênçãos mais marcantes da Nova Aliança? (Mt 26.28; Hb 8.12).

III - O Efeito do Sermão (At 10.44-48)

1. O derramamento. "E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra". Não houve tempo de chegar ao fim do sermão e fazer o apelo. Ao ouvirem as palavras "receberão o perdão dos pecados pelo seu nome", os ouvintes, com fome espiritual, creram de todo coração, alma e força (Rm 10.17). Como resultado, seus corações foram purificados pela fé (At 15.8,9) e receberam o batismo com o Espírito Santo. Este derramamento do Espírito marcou o nascimento da igreja gentílica.

2. A admiração. "E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios". Os homens que acompanhavam Pedro eram seis crentes judeus (At 11.12). Com que propósito? Pedro sabia que seus patrícios, cheios de preconceitos, não creri- am na conversão dos gentios sem as evidências mais claras. Pedro levou testemunhas, mais do que o mínimo legalmente exigido. O que convenceu tais pessoas, sem sombra de dúvida? "Porque os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus". O comum era a pessoa crer, ser batizada na água e depois receber o Espírito Santo (At 8.14,15; 19.1-6). No caso de Cornélio, porém, a conversão e o recebimento do Espírito foram simultâneos. A explicação é que, se os gentios somente cressem e recebessem o perdão de Deus, os crentes judeus não teriam crido no testemunho deles. E não lhes concederiam o batismo. Não havia, no entanto, como negar a prova do falar em outras línguas. O "porquê" comprova a conexão inabalável entre o receber o Espírito Santo e o falar em outras línguas para os crentes primitivos.

3. O desafio. “Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?” O apóstolo levanta o assunto como um argumento irrecusável. Note as palavras “como nós” (11.15), que forçaram os crentes judeus à seguinte conclusão: no que dizia respeito à salvação eterna, Deus não fazia diferença entre judeus e gentios.

4. A ordem. “E mandou que fossem batizados em nome do Senhor”. Este versículo mostra a importância do batismo em água. Isto se percebe pelo fato de que o batismo no Espírito Santo recebido pelos gentios não os deixou desobrigados quanto a esta ordenança. “Então rogaram-lhe que ficasse com eles por alguns dias”. Queriam ouvir mais sobre o Evangelho. Beber profundamente da fonte de águas vivas aberta para suas almas.

IV – Ensinamentos Práticos

1. O poder unificante da oração. Cornélio e Pedro estavam separados pela situação social, profissão, nacionalidade e distância física. Ambos, porém, oravam. Isto resultou num movimento espiritual que rompeu as barreiras entre judeus e gentios.

A profunda oração penitente, vinda do nosso coração, sanarão as preocupações que perturbam a raça humana. Quando ficamos mais perto de Deus, ficamos mais perto uns dos outros.

2. “Deus não faz acepção de pessoas”. “Deus mostrou- me que a nenhum homem chame comum ou imundo. Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas”. Há pessoas de certas nações que consideram os habitantes de todas as outras um amontoado de raças inferiores. Outras, até crentes, pensam que seu pequeno grupo é a esfera limitada do favor de Deus.

O racismo, ou preconceito racial, não pode ser adotado por crentes. Ninguém foi consultado, antes de nascer, quanto à raça à qual gostaria de pertencer. Portanto, não é base para alguém se orgulhar ou desprezar seu próximo. Deus “de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra” (At 17.26). Nenhum cientista verá diferença entre amostras de sangue de pessoas de todas as raças. Cristo veio oferecer a salvação a todos aqueles que crêem, independentemente de raça (Gl 3.28). A Igreja é uma fraternidade espiritual em que não se reconhecem distinções dessa natureza. Todos somos um em Cristo. O Senhor morreu por todos e haverá no Céu uma multidão incontável de todas as tribos, línguas, povos e nações. Em vista disto, não podemos empregar palavras zombeteiras para descrever membros de outras raças ou nações. Aqui no Brasil, quase todos somos imigrantes ou descendentes deles.

3. Os perigos da rotina. “Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi cousa alguma comum e imunda”. Embora o próprio Deus ordenasse, Pedro recusou, por nunca ter feito assim antes. A rotina e o costume na religião podem levar alguém a desobedecer o próprio Deus a quem adora.

Existem bons costumes, firmados na prática do bem e aprendidos na Palavra de Deus. E nem todas as alterações e novidades são da parte de Deus. Hoje em dia, há o espírito de anarquia desejando acabar com tudo que há de nobre na civilização. Isso sob o pretexto de combater as injustiças sociais. Mesmo assim, qualquer apego ao passado que não permita a disseminação mais ampla e eficiente do Evangelho deve ser rejeitado. A diferença entre o sulco da rotina e a sepultura é questão apenas de profundidade.

4. Corações preparados. Deus preparou tanto Pedro quanto Cornélio para o maravilhoso derramamento que ocorreu na casa deste. Quando pregador e ouvintes chegam à casa de Deus de coração aberto, certamente o culto é uma bênção.

5. A mordomia cristã. Uma característica marcante de Cornélio: todos que estavam no seu serviço, lar ou exército tinham amizade com ele. Era "temente a Deus, com toda a sua casa". Preparando-se para a visita de Pedro, "os estava esperando, tendo já convidado os seus parentes e amigos mais íntimos". Sua comissão no exército era bênção para os soldados. Sua vivenda era bênção para os que trabalhavam ali. Todo crente deve empregar sua posição de autoridade, negócios, lar ou fazenda, não para a própria vantagem, mas para o bem dos que ali trabalham ou moram.

6. Devemos adorar o Criador, não a criatura. Quando Cornélio se prostrou diante de Pedro, para adorá-lo, o apóstolo levantou-o dizendo: "Levanta-te, que eu também sou homem". Pedro rejeitou o eclesiasticismo que coloca o ministro num pedestal, com vestimentas especiais, totalmente separado dos seres humanos comuns. Jesus sempre conversava de forma acessível com as pessoas entre as quais andava. O pregador deve encontrar-se com as pessoas em pé de igualdade, sem perder a dignidade espiritual de quem se dedica a Cristo. O profeta Ezequiel muitas vezes foi chamado "filho do homem". Assim, teria em mente que participava da natureza e tribulações dos seus companheiros de exílio.

Pedro não aceitou a forma de respeito exagerado, dispensado a certos pregadores. Alguns ouvintes chegam ao ponto de abandonar o culto quando o famoso pregador, que esperavam, está em outro lugar. Em tais casos, pode-se dizer: "Retirem-se os que vieram adorar o Dr. X, fiquem os que vieram prestar culto a Deus!" (ver 1 Co 1.12-17; 3.1-18; 4.1-6).

7. Por que freqüentamos a igreja? Nos países onde a igreja é um tipo de "cartório de registros" religioso, todos comparecem de colo, quando criancinha, de mãos dadas, como noivos, e num caixão. A verdadeira razão de irmos à igreja, porém, é a que Cornélio declarou: "Agora pois estamos todos presentes diante de Deus, para ouvir tudo quanto por Deus te é mandado" (At 10.33).

8. A bondade em ação. Pessoas devotas, chocadas com a maldade do mundo, se retiram a um lugar quieto para meditar sobre a prática do bem. Outras, são muito ativas nas ocupações mundanas durante a semana. Aos domingos, visitam a igreja para se sentir bem enquanto escutam o sermão. Outras, vendo realmente quais são as necessidades do mundo, falam acerca da prática da bondade. Tais pessoas devem seguir o exemplo do Mestre, "o qual andou fazendo o bem". Nossa fé seria mais forte, e nossa experiência espiritual mais profunda, se aliássemos a fé à compaixão e à prática do bem.

Quando um pregador começa a praticar aquilo que os outros meramente dizem, logo começa o reavivamento!

9. Palavras de salvação. Se fosse possível ser justo a parte do sacrifício de Jesus, Cornélio seria um bom candidato. A Palavra de Deus, porém, classifica-o como pecador. Cornélio ouviu do anjo que necessitava de "palavras com que te salves, tu e toda a tua casa" (At 11.14).

Naamã zombou da idéia de lavar sua lepra em água. Da mesma forma, existem os que zombam de uma mensagem para curar pecados. No entanto, as palavras são de vida ou

morte quando é Deus quem as pronuncia. Pela Palavra de Deus começou a existir o Universo. Doentes foram curados e mortos ressuscitados. Pela Palavra de Deus, pecadores são purificados. E os que estão mortos nas suas transgressões ressuscitam.

Pedro testemunhou a conversão dos gentios na casa de Cornélio. Entendeu o que significava falar sobre crentes "regenerados", não de semente corruptível, mas da incorruptível, mediante a palavra de Deus que é viva e permanente" (1 Pe 1.23).

Prisão e Libertação de Pedro

Texto: Atos 12

Introdução

No dia de Pentecoste, o Espírito Santo chegou como Administrador da Igreja. Veio para guiar seu avanço e crescimento. Este desenvolvimento continua, a despeito dos vários obstáculos: mal-entendidos (At 2.12,13,41), perseguições dos sacerdotes (cap. 4), seguidores sem consagração (5.1-15), dificuldades na igreja (6.1-8), as violências de Saulo de Tarso (9.1,31) e os preconceitos judaicos (cap. 10).

Agora, vemos a tentativa das autoridades civis de esmagarem o movimento cristão. Mas, ao término do capítulo podemos dizer: “O cadáver de Herodes jaz na sepultura, mas a verdade de Deus avança em triunfo!”

I – A Brutal Perseguição (At 12.1-4)

1. O perseguidor. Na Palestina reinava Herodes Agri- pa I, membro da família

real judaica e neto de Herodes Magno (que procurou matar o Menino Jesus). Herodes Agripa recebeu o trono por ordem do imperador romano Cláudio. Foi uma recompensa por serviços prestados aos romanos. Logo estava na posição de todos os reis judeus: devendo seu trono aos favores dos romanos. Tinha de agradar romanos e judeus. Gozava a vida em meio aos luxos e prazeres dos pagãos. Ao mesmo tempo, procurava obter a reputação de piedoso judeu religioso. Sem dúvida, já tinha ouvido acerca dos cristãos. Estes eram considerados uma seita fanática, apóstata, perigosa e sem possibilidade de ser recuperada para o judaísmo. O rei Herodes, político habilidoso, logo descobriu a maneira fácil e barata de obter popularidade nacional. E também a reputação de ser zeloso pela religião: destruindo o Cristianismo. E assim lemos: "E por aquele mesmo tempo o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja, para os maltratar".

2. O mártir. "E matou à espada Tiago, irmão de João". Para perseguir o Cristianismo era necessário resolver qual método seria adotado. O imperador romano Deocleciano, por exemplo, imaginou pôr fim ao Cristianismo destruindo as Sagradas Escrituras. Então, promulgou um decreto para a busca e apreensão de todas as Bíblias encontradas em seu vasto império.

Herodes usou a estratégia de acabar com os líderes. Acreditava que a morte dos pastores dissiparia o rebanho. O primeiro a sofrer com esta perseguição foi o apóstolo Tiago. Certa vez ele declarou poder beber o cálice de sofrimento como prova de fidelidade a Cristo (Mt 20.20-23).

Por que Tiago foi morto e Pedro libertado? Tiago já tinha completado a obra destinada a ele. Em relação a Pedro, Deus tinha outros planos. Deus é glorificado no martírio de alguns servos e na libertação de outros.

3. O prisioneiro. O rei ficou popular devido seu suposto zelo pela religião israelita. Encorajado por esta popularidade, resolveu executar o apóstolo mais destacado: Pedro. E queria aproveitar bem a ocasião. "E, vendo que isso

agradara aos judeus, continuou, mandando prender também a Pedro. E eram os dias dos asmos. E, havendo-o prendido, o encerrou na prisão, entregando-o a quatro quaternos de soldados, para que o guardassem, querendo apresentá-lo ao povo depois da páscoa". A chegada da Páscoa adiou o processo mediante o qual Pedro seria condenado à morte. Como judeu ortodoxo, Agripa não ousaria quebrar a lei religiosa, aplicando a pena capital durante a festa sagrada. Assim, Pedro ficou os sete dias da festa na cadeia. Guardado por 16 soldados que se revezavam em grupos de quatro, durante as quatro vigílias da noite. As precauções exageradas foram tomadas devido a Pedro já ter escapado da prisão em outra ocasião (ver At 5.19).

II – As Incessantes Orações (At 12.5)

1. A igreja sem saída. A igreja ficou abalada pela natureza repentina, ativa e vigorosa desta nova perseguição. Humanamente falando, nada podia fazer. Os membros se sentiam indefesos e sem saída. Perderam Tiago, e Pedro aguardava execução. Não sabiam qual seria o próximo golpe contra eles. Estavam como os antigos israelitas. Cercados entre as montanhas, com o mar bravio na frente e o exército egípcio atrás. Os cristãos não viam solução. Mas serviam o mesmo Deus que fez caminhos secos através do mar Vermelho!

2. A igreja apela ao Senhor. Contudo, os cristãos tinham o recurso dos que não podem ajudar a si mesmos: a oração. "Mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus". O recurso da oração sempre está disponível. Às vezes é a última possibilidade, mas é a melhor. É lamentável que muitos, em situações difíceis, reservem a oração como último recurso. Depois de tentarem todas as demais saídas.

Em meio a uma tempestade, o capitão do navio aconselhou os passageiros a orarem. Então, certa senhora gritou com medo: "Orar! Quer dizer que tudo já está perdido?" Na vida dela, a oração era a última coisa a ser considerada.

Deveria ser a primeira, como no exemplo dos que oravam em favor de Pedro.

A oração era “contínua”. O texto não declara se todos oravam durante todo o tempo. Ou se organizaram uma “corrente de oração”, em que as pessoas entravam e saiam cedendo lugar a outras. Certamente havia um culto contínuo de oração. Eles não sofriam fraquezas ou limitações quanto à fé, provocadas por discussões e teorias. Não questionavam a boa-vontade de Deus em atender orações com respeito a situações temporais. Viviam em ardente fervor de amor e fé. E acreditavam sem limitações que, para Deus, todas as coisas são possíveis.

3. A oração unida vence as circunstâncias. Qual foi a causa da libertação de Pedro? O propósito de Deus ou as orações da igreja? Certamente Deus sempre deseja abençoar os seus fiéis. A oração é o meio ordenado por Ele para se invocar essas bênçãos. Quando Deus se propõe a realizar uma libertação milagrosa, derrama também um espírito de oração sobre os cristãos. A obra de Deus exige cooperação espiritual dos seus servos. Entendemos, pelo v. 5, que as orações eram eficazes, poderosas e plenamente segundo a vontade de Deus.

III – A Espantosa Libertação (At 12.6-11)

1. O apóstolo dorme. “E quando Herodes estava para o fazer nessa mesma noite comparecer, estava Pedro dormindo, entre dois soldados, ligado com duas cadeias, e os guardas diante da porta guardavam a prisão”. Os dias da Páscoa se passavam, e o apóstolo permanecia no cárcere. Por certo, a fé de Pedro estava sendo grandemente provada. Chegou a última noite da festa. Na manhã seguinte, Pedro enfrentaria a zombaria de um processo público seguido de morte certa. Agora, parecia se cumprir a profecia dada por Cristo: “Estenderás as tuas mãos; e outro te cin- girá, e te levará para onde tu não queiras”. Pedro enfrentou a provação com calma espiritual. O apóstolo, que estava para ser executado na manhã seguinte, dormia tranqüila- mente na sua cela. Tinha esse privilégio por estar no centro da vontade de Deus - o lugar mais seguro do

mundo!

2. O anjo aparece. A esperança da igreja quanto à libertação de Pedro parecia estar com o prazo esgotado: "E eis que sobreveio o anjo do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão; e, tocando a Pedro na ilharga, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E caíram-lhe das mãos as cadeias". Nem sempre Deus liberta de modo sobrenatural os que estão na prisão por amor a Ele. Para a Igreja Primitiva, porém, a ameaça da perda de Pedro se constituía em grave crise. A vida de Pedro era preciosa para a existência da Igreja. Ele ainda seria bênção para muitas pessoas, inclusive em gerações futuras (mediante as epístolas, por exemplo). Era oportuno para o Onipotente erguer sua bandeira contra o orgulho triunfante e as potências deste mundo, através de um mensageiro celestial. A presença do anjo foi acompanhada por uma luz brilhante.

3. O anjo é ponderado e firme. O anjo poderia ter mandado Pedro fugir, salvando sua vida. Ou ter arrancado o apóstolo pela porta, num gesto repentino. Mas fez tudo de modo a revelar que Deus domina as circunstâncias, não havendo, portanto, lugar para o pânico. Mandou Pedro se vestir, sem esquecer nenhuma peça de roupa necessária para atravessar a cidade à noite. O anjo dava a entender que os soldados não seriam problema, e que tudo estava sob controle. Os planos e propósitos de Deus são tão firmes e seguros que não há correria! Pânico e preocupação não devem perturbar a vida espiritual de quem está dentro dos planos dEle!

4. O anjo se aparta de Pedro. "E, quando passaram a primeira e segunda guarda, chegaram à porta de ferro, que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e, tendo saído, percorreram uma rua, e logo o anjo se apartou dele". Pedro foi acompanhado pelo anjo até a rua. Percebendo que estava realmente livre, foi deixado pelo anjo, para agir por conta própria. Um milagre foi necessário para tirar Pedro do cárcere. Agora, andava pelas ruas da cidade sem depender de milagre algum. Deus distribui as intervenções sobrenaturais conforme a necessidade. Não faz o que nos capacitou a fazer. Quando possível,

exige nossa cooperação para completar o que iniciou de forma sobrenatural. Quando Jesus ressuscitou Lázaro, realizou o que ninguém poderia. O humanamente possível - a remoção da pedra e das ataduras que prendiam o corpo - exigiu das pessoas presentes.

IV - A Volta Inesperada (At 12.11-17)

1. Pedro ficou atônito. "E Pedro, tornando a si, disse: Agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes, e de tudo o que o povo dos judeus esperava". Não foi à toa que Pedro ficou emocionado com tantas experiências espantosas! Só depois que o anjo o deixou foi que reconheceu sobriamente tudo quanto lhe acontecera. Assim é conosco, depois de alguma experiência especial com Deus. Passadas as emoções, ficam os tesouros sólidos derramados por Deus para vivermos melhor. Devemos ponderar sobre quão grande salvação recebemos através de Jesus Cristo. E quais as maravilhas da graça, santificação e glória que acompanham nossa vida cristã.

2. Rode ficou atônita. "E, considerando ele nisto, foi à casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos, onde muitos estavam reunidos e oravam". Nos primeiros tempos do Cristianismo, quando não havia templos, como hoje, as pessoas se reuniam em casas particulares. O lar da mãe de Marcos, o escritor do evangelho, era um lugar onde havia cultos. Talvez fosse o cenáculo onde Cristo participou da Última Ceia. "E, batendo Pedro à porta do pátio, uma menina chamada Rode saiu a escutar: e, conhecendo a voz de Pedro, de gozo não abriu a porta, mas, correndo para dentro, anunciou que Pedro estava à porta". Na sua alegria impulsiva, até esqueceu de abrir a porta! A mulher samaritana também deixou o cântaro e correu para a cidade, transbordando de emoção (Jo 4.28).

3. A igreja ficou atônita. "E disseram-lhe: Estás fora de ti. Mas ela afirmava

que assim era. E diziam: É o seu anjo". Provavelmente imaginavam ser o anjo de Pedro (Mt 18.10). Percebemos que até pessoas de profunda espiritualidade às vezes ficam "tardos de coração para crer" (Lc 24.25). Esta lentidão no crer indica que os cristãos oravam sem fé? Acho que não. Estavam como os apóstolos que, tendo reconhecido o Mestre ressuscitado, de tão alegres e maravilhados achavam tudo incrível (Lc 24.41). Há uma lição prática e importante aqui: Rode, baseada na sua experiência, testificava ser Pedro o que estava em pé no portão. Os discípulos procuravam minar esta convicção mediante argumentos. Mas foi em vão. O raciocínio não pode acabar com o testemunho de uma experiência real.

"Mas Pedro perseverava em bater, e, quando abriram, viram-no, e se espantaram. E, acenando-lhes ele com a mão para que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão, e disse: Anunciai isto a Tiago e aos irmãos. E, saindo partiu para outro lugar". Por certo, todos falavam ao mesmo tempo. Pedro tinha de dar seu testemunho da maneira mais concisa possível antes de afastar-se. Nota-se que Pedro atribuiu diretamente ao Senhor sua libertação. Não mencionou o anjo. Seus pensamentos foram além do instrumento, até a mão divina. A mão que manipula todos os instrumentos, humanos ou angelicais. O Tiago referido é o irmão de Jesus, líder da igreja de Jerusalém e provável escritor da epístola que traz seu nome. Pedro "saindo partiu para outro lugar". Tinha de se esconder de Herodes até acalmar a reviravolta causada pelo seu milagroso escape.

Pedro não temia entregar sua vida em prol do Evangelho. Mas não tinha a mórbida e fanática vontade de provocar o martírio que tem caracterizado algumas pessoas. A coragem sem prudência é insensata temeridade. Pedro foi salvo milagrosamente para cumprir o propósito total de Deus para ele, na terra.

V – O Julgamento Severo (At 12.18-23)

O rei, furioso, mandou executar os guardas. Não eram culpados pela prisão, nem pelo escape de Pedro. Mas o cruel déspota ordenou que fossem mortos. Onde a maldade domina, o sofrimento dos inocentes é problema eterno. Teria sido melhor os soldados sofrerem pela causa de Cristo do que no serviço dos perseguidores.

Algum tempo depois, Herodes recebeu alguns emissários da cidade de Tiro. Eles queriam reconciliação com o rei. Vestido em roupas prateadas que brilhavam ao sol (segundo narra o historiador Josefo) o rei proferiu um discurso. Os estadistas, acostumados a tratar os reis como seres semidivinos e sabendo como Herodes amava a bajulação, clamavam: “Voz de Deus, e não de homem!”

O orgulhoso e egoísta rei Herodes agradou-se dos louvores. Queria mesmo para si toda a honra e glória. Antes da multidão terminar de aplaudir, um anjo do Senhor “feriu” o rei, que morreu literalmente comido por vermes. Entretanto, “a palavra de Deus crescia e se multiplicava”. Os homens vêm e vão, mas a Palavra do Senhor permanece para sempre.

VI – Ensinamentos Práticos

1. A prova da fé. Por que o Senhor esperou sete dias, antes de libertar Pedro? Uma razão seria a prova e o desenvolvimento da fé do apóstolo. Certamente Pedro tornou-se um cristão bem mais forte depois de se ver face a face com a morte. Teria Pedro desejado a liberdade antecipada, sendo poupado de alguns dias de suspense. Sem dúvida, sua resposta seria: “De modo nenhum! Durante aqueles dias aprendi que o horário de Deus é o melhor. Aprendi a ter paciência, humilde e obediente confiança. Foram lições que eu necessitava”.

Jesus adiou deliberadamente sua visita a Marta e Maria, quando lhe informaram sobre a doença de Lázaro. Terá sido bom para elas? Ver João 11.1-6,14,15.

2. A força dos fracos. O pequeno grupo cristão parecia fraco quando confrontado pelo poder de Herodes. Este contava com o apoio do império romano. Pedro estava nas mãos de 16 soldados, seguro por duas correntes, três portas com sentinelas e ameaçado pela cruel determinação de Herodes. Ainda havia a expectativa maldosa do povo. Esperavam pela execução de Pedro como excitante complemento aos festejos da Páscoa. Que poderiam fazer os cristãos? Podiam orar, pois é a força dos fracos: "Mas a igreja fazia contínua oração..." Essa pequena palavra, "mas", na posição certa pode erguer a pessoa do profundo vale da derrota para as radiantes alturas da vitória. A situação pode ser desesperadora, a causa, perdida, mas sempre podemos orar!

3. Deus não se apressa. Deliberadamente sem pressa, o anjo libertou Pedro. Suas atitudes estavam de acordo com a natureza do Deus onipotente que não se apressa. Afinal, seus planos e propósitos são certos e seguros. Deus é muitas vezes lento em executar seus juízos (2 Pe 3.9). E a libertação de seus servos pode parecer demorada. Quando estamos na fornalha das aflições, naturalmente desejamos uma rápida libertação. Temos pressa em ver o fim da provação. Deus, no entanto, age num ritmo solene e lento, à altura da sua sabedoria e majestade. Ele nos deixa ali, enquanto cumpre seu propósito para o bem, através dos sofrimentos. Quando se fabrica peças de louça, os vasos são moldados e pintados, e então colocados numa grande fornalha. A abertura da fornalha é tampada, e o calor, aplicado pelas horas necessárias. Depois, abre-se a fornalha. Da mesma maneira, Deus permite que seus filhos permaneçam na fornalha das provações. Ele mesmo a deixa fechada, até que o calor tenha completado sua obra de nos deixar belos e firmes. Jó disse que, depois de provado por Deus, sairia como ouro (Jó 23.10).

Podemos aplicar este príncipio às calamidades mundiais. Durante as guerras que se alastram pela face da terra, muitos são tentados a dizer: "O Senhor abandonou este mundo". No entanto, em meio aos eventos e acontecimentos do mundo, Deus está operando sem pressa. Ele tem um plano total e bem pensado. Seus moinhos moem devagar, pois Ele está produzindo uma obra perfeita e completa. Deus não se detém mais do que o necessário, nem negligencia a causa dos seus

fiéis. As promessas de Deus sempre se revelam no horário destinado por Ele, para nosso próprio bem.

4. O toque divino. O anjo tocou em Pedro, e este se levantou, livre das cadeias. O mesmo anjo tocou no rei Herodes. Este, que perseguia Pedro e atribuía a si mesmo a glória pertencente a Deus, adoeceu e morreu. No primeiro caso, o toque do anjo trouxe libertação; no segundo, doença e morte dolorosa. Este contraste sugere-nos três lições: O toque divino tem duplo efeito. A operação de Deus entre os homens traz vida ou morte, bênção ou castigo. Para alguns, a pregação do Evangelho traz a salvação; para os que o rejeitam, acaba sendo um meio de endurecimento e condenação (2 Co 2.15-17). O mesmo pilar de fogo e nuvens era luz para os israelitas e trevas para os egípcios (Êx 14.19,20). A mesma arca que trouxe destruição aos filisteus e a Uzá, trouxe bênçãos para o lar de Obede-Edom (1 Sm 5 e 6). O efeito depende das pessoas tocadas. Pedro era um fiel servo de Deus. Por esta razão, o toque divino transmitia a ele vida e bênçãos. Herodes era um perseguidor desalmado, orgulhoso, exigindo para si honras divinas. Eis o motivo pelo qual o toque do anjo lhe foi para condenação. O mesmo sol que faz os pomares frutificarem, forma os grandes desertos. O mesmo fogo que amolece a cera, endurece o barro. O efeito das palavras e atos do Senhor depende do indivíduo. Os dois efeitos são partes complementares do mesmo plano e propósito. A libertação de Pedro e a morte de Herodes serviam ao mesmo propósito: o progresso espiritual da Igreja de Cristo. Na libertação de Pedro foi exaltada a misericórdia de Deus; na morte de Herodes, a sua justiça. Todos os atos e caminhos de Deus são perfeitos. Seja qual for a atitude dos homens diante deles, Deus sempre será glorificado.

5. Uma bela ilustração espiritual. O Dr. Maclaren percebe na narrativa da libertação de Pedro bela figura da morte do cristão. Ele diz: "A morte, também, é um mensageiro da parte de Deus à alma que ama a Ele. Chega perto dos servos de Deus, e o seu toque é suave, embora seus dedos sejam gelados. Remove apenas as cadeias que nos prendem, e nós mesmos somos emancipados pelo seu toque. Leva-nos até o portão que nos dá entrada à Cidade, e o portão se abre por si só, sem resistência. Então, logo que nossos pés tocam na calçada das ruas de ouro transparente da Cidade, no meio da qual flui o rio das águas da vida, o anjo nos deixa ali. E ali veremos a face que resplandece como o sol

em todo o seu fulgor, e vamos cair em nós, na eternidade, e saberemos que verdadeiramente o Senhor enviou o seu anjo para nos libertar dos nossos inimigos e de todos os males, para todo o sempre”.

6. A falsa glória. Um espectador superficial, olhando o ímpio Herodes em roupas prateadas, poderia ser tentado a pensar: “Qual a vantagem de uma vida religiosa? Veja só como este déspota sensual recebe os louvores da multidão!” Dentro em breve, porém, os vermes estariam comendo aquelas roupas festivas.

Assim também o pecado. Debaixo da próspera aparência exterior, ele corrói a alma humana. A vida do pecador é como a dos gafanhotos místicos, descritos na primeira parte do capítulo 9 de Apocalipse. Causam grande impressão, mas depois de cinco meses desaparecem. Parecem ter coroas de ouro, mas João toma o cuidado de dizer precisamente: “Havia umas como coroas semelhantes ao ouro”.

O pecado apresenta grandes ofertas, mas nunca dá o que promete. As coroas do pecado nunca são sólidas e verdadeiras. São como coroas semelhantes ao ouro. O pecado se cerca de brilhantes promessas. Os pecadores, no entanto, nunca recebem o preço pelo qual se venderam ao mal.

7. A violência não resolve problemas. Herodes não sabia como solucionar o problema do desaparecimento de Pedro. Então, resolveu matar algumas pessoas. Isto não o ajudou a recuperar o prisioneiro. Apenas sentia que sua autoridade tinha sido vindicada. Métodos semelhantes continuam sendo empregados, de modo fútil e ilógico, nos problemas internacionais, sociais e raciais. Deus ajude que o mundo venha a adotar os métodos de Cristo para solucionar os problemas!

Uma Chamada para a Obra Missionária

Texto: Atos 13

Introdução

Quando os turcos invadiram Constantinopla, a igreja de Santa Sofia foi transformada em mesquita maometana. Os símbolos cristãos foram cobertos por uma camada de tinta. Colocaram no lugar deles inscrições muçulmanas. No entanto, o quadro da ascensão, com a figura de Cristo estendendo as mãos e proferindo a bênção, está reaparecendo através da tinta.

Isto serve como ilustração do triunfo final de Cristo e sua mensagem! “Camadas de tinta” acrescentadas durante os séculos querem esconder as verdades da Igreja Primitiva. Os fracassos durante sua história e todas as negações e contradições das teorias modernas não podem apagar sua presença. Mesmo nos períodos críticos dos acontecimentos mundiais, podemos ter certeza da sua promessa: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”.

I – Uma Igreja Missionária em Ação (At 13.1-5)

1. Súplica. Vv. 1,2. Um grupo de mestres de profetas (que exerciam o dom de falar sob inspiração) dedicavam- se a um período especial de oração e jejum. É provável que o restante da igreja estivesse orando também. Os acontecimentos subseqüentes indicam a busca de luz sobre o programa missionário da igreja. Oravam em gratidão pelo que Deus realizara entre os gentios daquela cidade (Antioquia). E também, em favor das multidões não evangelizadas da Ásia Menor e Europa.

2. Revelação. "E, servindo eles ao Senhor [em oração e adoração], e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado". O Espírito Santo falou através de um dos profetas. Por mensagem profética direta ou por meio de mensagem em línguas com a respectiva interpretação. Ver 1 Coríntios 14.5.

Este texto traz algumas lições.

2.1. O lugar ocupado pelo Espírito Santo na era atual. Nos evangelhos, lemos que Jesus em pessoa vocacionou, ensinou e dirigiu os discípulos. Antes de partir, prometeu o Espírito Santo para ocupar seu lugar aqui. O livro de Atos demonstra o cumprimento dessa promessa (8.29; 10.19; 15.28; 16.6,7; 20.23). Neste livro, percebemos o Espírito Santo administrando e guiando a Igreja.

Estamos vivendo na era do Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade. Segundo o plano divino, cabe a Ele tornar real às almas humanas a redenção operada pelo Filho. O Espírito faz isso mediante a vocação, justificação e salvação das almas. Hoje os cristãos são acompanhados pelo Espírito Santo, assim como os antigos apóstolos desfrutavam da presença de Jesus.

2.2. O Espírito Santo inspira as missões. Notemos a palavra "apartar". A tendência natural das igrejas, naqueles dias como hoje, era estabelecerem-se

como grupos firma

dos. Não prestavam a devida atenção à expansão missionária. A igreja em Jerusalém começou a se acomodar como grupo firme, centralizado naquela cidade. O Senhor, então, quebrou aquela organização e fez os pedaços se espalharem por toda a Palestina. Agora, de entre os ministros de Antioquia, retiram estes dois para uma missão especial.

2.3. Provavelmente, a mensagem no Espírito confirmava uma vocação. Muitos têm sido enganados por mensagens, presumivelmente inspiradas, entregues por terceiros. É mais seguro agir de acordo com o princípio: Deus fala à pessoa sobre sua vocação antes de confirmá-la em culto público. A vocação de Paulo e Barnabé se referia a uma obra para a qual o Espírito já os tinha chamado. Assim, o Espírito confirma publicamente o que as pessoas chamadas já sabem no seu íntimo.

3. A ordenação. "Então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram". Aqui é descrito o culto de consagração. A igreja solene e oficialmente reconheceu a vocação missionária dos irmãos. Deus opera juntamente com sua igreja. Ela deve reconhecer publicamente a vocação para o ministério recebida da parte de Deus. Nenhum obreiro pode ser "independente" no sentido de prescindir das orações, conselhos e apoio de seus irmãos em Cristo. Observe a combinação: "... os despediram" e "... enviados pelo Espírito Santo". Ver também Atos 15.28, que demostra como a igreja deve trabalhar em harmonia com o Espírito Santo.

II – Oposição ao Esforço Missionário (At 13.6-8)

O Evangelho já havia sido pregado em Jerusalém, Judéia e Samaria. Desarraigado pela mão feroz de Saulo, o perseguidor, estabeleceu-se na grande

cidade de Antioquia. O propósito do Evangelho era ser transplantado. Antioquia, que veio a ser um centro missionário, foi o ponto de partida para Paulo. Ele, ainda como assistente de Barnabé, iniciou suas viagens missionárias. Estas resultaram na implantação de igrejas na Ásia Menor, Macedônia e Grécia. Primeiramente, os missionários passaram por Chipre, onde Barnabé nasceu e foi criado. “Tinham também a João [Marcos] como cooperador”. Marcos era filho de uma senhora cristã em cujo lar havia cultos, Atos 12.12. Por certo, foi Pedro quem o levou a Cristo, pois chama-o de filho espiritual (1 Pe 5.13). Barnabé (parente de Marcos, Cl 4.10) visitou Jerusalém, com Saulo. Certamente Marcos os ouviu falar do despertamento espiritual de Antioquia. Então, sentiu forte desejo de ir pregar aos pagãos. Assim sendo, os missionários o aceitaram como auxiliar. Os acontecimentos seguintes nos levam a supor que Marcos partiu antes de esperar a hora determinada por Deus (At 13.13; 15.37-39).

Ninguém se aplica à obra dinâmica de evangelização sem se ver confrontado pela oposição do inimigo, de uma forma ou de outra. Assim foi a experiência de Barnabé e Saulo.

1. Buscando a luz. O governador da ilha, Sérgio Paulo, é descrito como “varão prudente”. Chamou a Barnabé e Saulo, porque desejava ouvir a palavra de Deus. Esta entrevista foi concedida em Pafos, capital da ilha. O procônsul romano tinha em sua companhia um impostor judeu que alegava possuir conhecimentos e poderes sobrenaturais. Isto não depõe contra a inteligência do procônsul. Sérgio Paulo, como muitos romanos, perdeu sua fé na brutal idolatria da tradicional religião romana. Ele tateava em sua busca de contato com o poder invisível que controla o destino dos homens. E, como muitos, procurava tais conhecimentos através dos que alegavam possuir a mística sabedoria religiosa do Oriente (hoje pessoas cultas, decepcionadas com igrejas frias e nominais, procuram a religião através da Ciência Cristã, Teosofia e outras seitas místicas falsas, baseadas na filosofia pagã do Oriente). Um impulso induziu o governador a ter consigo o mágico judeu. Naturalmente o mesmo impulso o levou a mandar chamar os novos ensinadores. A terna sinceridade e poder espiritual dos apóstolos por certo estavam comovendo a cidade.

2. Opondo-se à luz. "Mas resistia-lhes Elimas, o encantador (que assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul". A posição de encantador particular de um governador romano era honrosa e lucrativa demais para ser perdida sem luta. Elimas enfrentou os apóstolos em controvérsia acirrada. Fez tudo quanto pôde com argumentos, insultos e - provavelmente - blasfêmias, buscando persuadir Sérgio Paulo de que a nova fé era absurda. E, assim como Janes e Jambres, mágicos de Faraó, se opuseram a Moisés e Arão, este mágico opôs-se a Barnabé e Saulo (2 Tm 3.8).

Como é descrito este homem? Chamado de "encantador", ou seja, alguém que alega possuir segredos com os quais pode controlar os poderes do mundo invisível (cf. At 8.9-11). É chamado falso profeta, isto é, alguém que falsamente alegava ser porta-voz e mensageiro da parte de Deus. Seu título "Elimas" é derivado de uma palavra árabe que significa "o sábio". Sua nacionalidade judaica é mencionada enfatizando a apostasia daquele que já tivera a oportunidade de conhecer o verdadeiro Deus através da Lei e dos Profetas.

III – Uma Vitória Missionária (At 13.9-12)

1. Condenação. Paulo imediatamente reconheceu o verdadeiro caráter daquele homem. Então, fixou em Elimas um olhar penetrante, devido o seu discernimento e indignação espirituais. Paulo disse: "Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor?" Lucas informa que o apóstolo não foi movido por paixão humana, porém, estava "cheio do Espírito Santo". Como porta-voz de Deus, revelou ao apóstata seu verdadeiro estado íntimo. Assim, ele pode- ria reconhecer suas trevas e converter-se a Deus em tempo. Devemos imitar o apóstolo neste tipo de denúncia? Não. A não ser que tenhamos absoluta certeza de que Deus nos guia a falar assim. Senão, a atitude certa seria a descrita em Judas 19.

2. Castigo. Sob a inspiração do Espírito Santo e como agente de Deus (ver At 5.3-5), o apóstolo pronuncia a sentença do castigo divino: "Eis aí, pois, agora contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo". E assim foi: "E no mesmo instante a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão". A expressão "por algum tempo" indica a misericordiosa limitação do castigo. Oferecendo, também, oportunidade para o arrependimento. Esperamos que, ao abrir os olhos físicos, os espirituais tenham contemplado o Sol da Justiça (ver também At 9.8).

3. Convicção. "Então o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor". Este poder espiritual, tão surpreendente e irresistível, produziu profunda convicção na mente do governador. O incidente é uma ilustração de como o missionário conseguiu "obediência dos gentios, por palavra e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus" (Rm 15.18,19).

IV – Ensinamentos Práticos

1. A vocação missionária. Num sentido geral, é plano de Deus que todos os cristãos sejam missionários. Devemos fazer todo o possível para divulgar o Evangelho através do testemunho e da influência. O livro de Atos mostra que todo cristão é um missionário (8.1; 11.19-21). O mesmo livro de Atos fala de uma vocação mais específica à obra missionária. Neste caso, a pessoa é chamada para dedicar todo o tempo a uma obra e região discriminadas. Quanto aos cristãos estarem vocacionados para testificar, não há dúvidas. É o segundo tipo de vocação que desperta a freqüente pergunta: De que consiste uma vocação para o campo missionário? Além das experiências, tais como as visões, temos os seguintes elementos como parte de uma vocação específica para a obra em campo estrangeiro:

1.1. O conhecimento e o sentimento da necessidade de salvação dos perdidos. Isto pode se desenvolver mediante a leitura da Palavra ou por meio de livros e conferências acerca da obra missionária.

1.2. O testemunho do Espírito Santo no íntimo. Levando alguém a reconhecer sua vocação para a obra num campo missionário específico. Ver Atos 10.19; 16.6.

1.3. Qualificações especiais, espirituais, intelectuais e físicas. Estudando a vocação dos servos de Deus, veremos que os vocacionados possuíam qualificações específicas para a obra. Lendo Atos, percebemos que Paulo estava bem equipado para ser apóstolo aos gentios. A pessoa que não consegue aprender uma língua estrangeira ou se adaptar à vida em novas condições deve pensar profundamente acerca da realidade de sua vocação.

1.4. A confirmação pelos irmãos. Barnabé e Saulo foram enviados, não somente pelo Espírito Santo, como também pela igreja. Quando alguém realmente tem vocação para servir no campo missionário, geralmente será reconhecido pelos líderes espirituais. Nada há de escondido que não venha a ser revelado.

1.5. A providencial cooperação das circunstâncias. Aquele que é realmente vocacionado, pode ter certeza de que o próprio Senhor, no tempo certo, abrirá o caminho e suprirá as necessidades.

Como podemos rceber uma vocação especial à obra de Deus?

Devemos nos consagrar totalmente ao Senhor. Com plena disposição tanto para ir como para ficar e servir a Deus “aqui mesmo”. Devemos fielmente cumprir

aqueles deveres e ministérios que já estão bem perto de nós. Ver Lucas 16.10.

2. A obrigação missionária. A tarefa suprema da Igreja é compartilhar Cristo com os que não o conhecem. Nunca foi achado um substituto para o evangelismo. Sempre que a paixão da Igreja pelos perdidos se esfria, logo perde terreno em todas as fronteiras espirituais.

Algumas das razões pelas quais uma igreja do tipo do Novo Testamento deve testificar de Cristo:

2.1. Assim Deus é glorificado. "Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto..." Uma igreja com frutos espirituais constantes e específicos são evidências da presença do Deus vivo.

2.2. O nosso serviço mostra que somos discípulos. João 15.8. Profissão de fé e alegações, facilmente pronunciadas, nunca provarão que somos discípulos de Cristo. O mundo se convencerá de que Jesus é real para nós quando avançarmos em nome dEle, sem contar o sacrifício pessoal. Só acreditará ao ver o Senhor através dos que professam ser seus seguidores.

2.3. O serviço cristão é o melhor modo de se reter a gloriosa realidade da experiência cristã. Certo homem estava morrendo congelado nas montanhas de neve, nos Alpes. Perdeu o caminho e resolveu deitar contra um toro coberto de neve, para adormecer esperando a morte. Ao deitar sua cabeça contra o toro, viu que não parecia mais um toro. Limpando a neve que cobria o objeto, percebeu tratar-se de um homem que, segundo pensava, já tinha morrido. Examinando-o, porém, descobriu sinais de vida. Com tremenda energia começou a trabalhar para salvá-lo. Fazia tudo que podia, rolando-o, esfregando-o e dando-lhe palmadas, durante duas horas, até despertar o outro. Ele próprio, neste ínterim, já estava radiante de vida; o sangue já corria em

todas as partes do seu corpo. Obteve esta renovação ao procurar colocar vida em outra pessoa!

A melhor maneira do cristão conservar viva a sua espiritualidade é ajudar outra pessoa a ter vida espiritual.

2.4. Somos cooperadores de Deus. "Sem mim nada podeis fazer", disse Cristo. E, num certo sentido, o Senhor pode dizer: "Sem vocês, a minha obra não será feita". Jesus Cristo, por si só, é suficiente para a salvação do mundo inteiro. Sua vontade, porém, é que a mensagem da salvação seja transmitida por seres humanos. Certo estadista japonês disse: "Não adoramos o Imperador, mas o amamos com total dedicação. No ataque contra Port Arthur, o comandante pediu voluntários para cortarem as defesas feitas de arames farpado. E avisou que nenhum deles voltaria, nem poderia carregar uma arma. Cada um se chegaria aos arames com um alicate, cortaria um ou dois fios e cairia morto. Outro tomaria seu lugar e conseguiria cortar mais um ou dois fios. Apesar disto, os voluntários poderiam saber que, por cima dos cadáveres deles, os exércitos do Imperador marchariam até a vitória. Regimentos inteiros se ofereceram para participar destas façanhas que eram de morte certa. Se vocês, os cristãos amassem o seu Deus tanto quanto amamos o nosso Imperador, já há muito tempo teriam conquistado o mundo para ele".

3. A mensagem missionária. "Porque por vós soou a palavra do Senhor" (1 Ts 1.8). Paulo descreve a natureza destacada e de grande alcance do testemunho dado pelos tessalonicenses. E emprega a palavra (traduzida por "soou") que literalmente significa o sonido alto e claro de uma trom- beta. A ilustração é muito aplicável. A Igreja é a trombeta de Deus. Através dela, Ele faz ouvir sua voz no meio dos barulhos confusos deste mundo. Assim como o capitão do navio faz uso do megafone para dar suas ordens em meio à tempestade, a voz de Deus deve ser transmitida através das vozes de seus fiéis. O Evangelho precisa passar por lábios humanos a fim de atingir ouvidos espiritualmente tampados.

Que qualidade de som deve proceder da trombeta? A nota deve ser:

3.1. Clara. Não pode existir confusão ou falta de certeza na mensagem dada. A clareza da voz não deve ser estragada pelos tremores do medo.

3.2. Penetrante. Assim como a nota do clarim é ouvida pelo campo de batalha afora, acima do barulho da luta, o mundo pagão também precisa escutar o testemunho da Igreja. E o poder espiritual nas vidas dos cristãos dará impacto e repercussão à sua pregação.

3.3. Harmoniosa. A pregação e o testemunho devem ser livres de discórdias, repreensões e revelações descaridosas. A música penetra muito mais do que os sons discordantes. O testemunho cristão penetra melhor quando é harmonioso, gracioso, gentil e belo.

3.4. Estimulante. O Evangelho não é uma suave harpa para fazer os pecadores dormirem. É uma trombeta para despertá-los da letargia do pecado.

O sopro no interior da trombeta produz o tom. A presença do Espírito Santo em nossa vida torna nosso testemunho claro, inteligível e harmonioso. Assim, dos nossos lábios repercutirá a palavra do Senhor.

4. Missões e a crise mundial. A confusão dia após dia se multiplica no mundo. A apostasia moral e espiritual impera. Talvez estas condições possam levar alguém a desanimar nos trabalhos da igreja. No Novo Testamento, porém, tais condições são consideradas um argumento em prol de esforços espirituais intensificados. "Remindo o tempo; porquanto os dias são maus", foi o conselho de Paulo em Efésios 5.16. A situação espiritual é difícil no momento. Devemos,

portanto, ser firmes em empregar nossos talentos na causa de Deus (Mt 25.14-16). E procurar todas as oportunidades para servirmos a Ele. Quando Paulo escreveu aquelas palavras, a Igreja era um pequeno grupo espalhado, vivendo no meio do mais escuro paganismo. Confrontavam o poderio maciço do Império Romano, estavam cercados por idolatria, falsa filosofia e todas as formas de depravações. E Paulo manda avançar.

Quando o exército babilônico estava acampado ao redor de Jerusalém, faltando pouco tempo para a subjugação do restante de Judá e o cativeiro da nação inteira, o profeta Jeremias fez algo que parecia um ato de loucura: comprou um terreno. Comprar terras num país ocupado por invasores inimigos: que falta de bom-senso! Assim devem ter pensado os judeus. Mas esta transação, feita por ordem do próprio Deus, era um ato de fé. Com isso os israelitas fiéis foram ajudados a crer na futura restauração de Judá (Jr 32.615). Hoje em dia, as forças da imoralidade e da descrença parecem tomar posse do coração de todos os habitantes do mundo. Mas a vontade do Senhor é que seus seguidores continuem ganhando terreno para Ele.

Certo cristão disse a um amigo que muito se interessava por missões: “Este assunto de missões já está-me dando nos nervos”. Respondeu o amigo: “Dizem que há dois tipos de nervos - os sensórios (que transmitem sensações) e os motores (que transmitem movimento). Em que tipo de nervo o assunto está tendo mais influência?” Em nossos dias, as missões e o evangelismo em geral precisam despertar os nervos motores do povo de Deus. Pois a situação da Igreja atual é: “Evangelizar ou perecer!” Este é o desafio lançado aos servos de Cristo nestes dias de crise mundial.

Paulo, um Homem de Coragem

Texto: Atos 14

Introdução

Paulo, escrevendo aos coríntios, simplesmente disse: “Uma vez fui apedrejado...” (2 Co 11.25). Alguns comentadores vinculam uma experiência especial a este acontecimento. Pensam que, ao estar semimorto, Paulo teve a experiência descrita em 2 Coríntios 12.1-4, de ser levado até ao terceiro céu. Para nós, o mais importante da experiência é a visão da coragem e perseverança espiritual de Paulo. Não inventava teorias ao dizer: “Pois que por muitas tribul ações nos importa entrar no reino de Deus” (At 14.22).

I – Condenados como Desordeiros (At 14.1-5)

O trabalho missionário de Paulo consistia em visitar primeiro a sinagoga dos judeus. A nação judaica recebeu orientação divina por milhares de anos, sendo preparada para a vinda do Messias. Ela deveria ser a primeira a aceitar Cristo. Além disso, a sinagoga, estabelecida há anos no meio da comunidade pagã, seria um ponto missionário ideal para a nova fé. Parece, no entanto, que os judeus escutavam apenas com um pouco de tolerância cortês. Quando alguns membros

da sinagoga se converteram, começou a luta.

Os judeus logo procuraram indispor os gentios contra Paulo. Mas os apóstolos continuavam a pregar, e Deus, a operar. Os judeus, com sua propaganda, nada conseguiram. Então, planejaram uma agressão física contra os pregadores. A violência deles apenas demonstrava que não tinham argumentos que impedissem o progresso do Evangelho.

Paulo, conhecendo o objetivo do tumulto armado, deixou a cidade. Tinha medo? Não. Sua conduta em Listra refuta esta idéia. Paulo não tinha nenhuma paixão mórbida pela perseguição. O cristão pode ter cuidado e cautela juntamente com sua coragem. É a vontade de Deus que lhe distingue nas escolhas quanto o momento de avançar ou escolher outra direção.

II – Revelados como Benfeitores (At 14.6-10)

Deus concedeu oportunidade ao apóstolo de ser ouvido e romper as barreiras da superstição em terras pagãs. Para isto permitiu que “os sinais do apostolado... sinais, prodígios e maravilhas” (2 Co 12.12) acompanhassem a atuação de Paulo (ver At 19.11; Rm 15.18,19; cf. Mc 16.17-20; Hb 2.3,4). Paulo ficou pouco tempo em Listra. Logo Deus operou um milagre convencendo o povo de lá sobre a presença do poder divino com os visitantes. Consideremos a pessoa em favor de quem foi operada o milagre de cura. Ele era:

1. Homem sincero e digno de dó. Era “leso dos pés, coxo desde o ventre de sua mãe, o qual nunca tinha andado”. O escritor inspirado, fez uma tríplice descrição, mostrando que o homem estava além de qualquer socorro humano. Por certo, havia muita gente ao redor de Paulo enquanto pregava. Sua atenção, no entanto, se concentrou neste triste caso. Este olhar penetrante e simpático é típico do verdadeiro Cristianismo que atende pecadores, doentes e pobres. Um

cientista poderia ter descrito os aspectos técnicos do caso incurável. Um moralista poderia ter se referido aos horrorosos vícios dos pais que causaram um nascimento tão desregrado. E o homem do mundo, na sua busca de prazeres, teria achado revoltante ver na calçada um corpo tão deformado. Paulo, o cristão, olhou-o com simpatia. Viu nele alguém que Cristo podia salvar e curar.

2. Homem que recebeu um grande privilégio. "Este ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos, e vendo que tinha fé para ser curado, disse em voz alta: Levanta-te direito sobre teus pés". Como aquele pagão possuía fé para receber a cura? A resposta está nas próprias palavras de Paulo: "A fé é pelo ouvir, ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17). Existe o dom da fé (1 Co 12.9). Neste caso o cristão recebe, de modo milagroso, fé sobrenatural para uma grande obra. Porém, o modo normal de desenvolver nossa fé é alimentar-nos das promessas de Deus. A fé é uma qualidade invisível. Então, por meio de que dom espiritual Paulo conseguiu ver a fé deste homem? Ver 1 Coríntios 12.10.

3. Homem distinguido por ricas misericórdias. "E ele saltou e andou". Emocionado com a chegada do poder divino em sua vida, colocou-se em pé de um só pulo. Imaginemos os movimentos e o júbilo estático deste homem. Pela primeira vez em sua vida era capaz de andar! Por certo, veio a ser cristão, um entre aqueles que rodeavam Paulo depois do apedrejamento (v. 20).

III - Adorados como Deuses (At 14.11-18)

A multidão ficou desenfreadamente entusiasmada. Não se informaram quanto à origem do grande milagre. Interpretaram o acontecimento dentro de suas próprias categorias pagãs. Erraram em três pontos:

1. Quanto à conclusão. "E as multidões, vendo o que Paulo fizera, levantaram a sua voz, dizendo em língua licaônica: Fizeram-se os deuses semelhantes aos

homens, e desceram até nós". O incidente pode ter lembrado os habitantes de uma antiga fábula da região. Segundo a fábula, Baucis e Filemon, casal de velhos, viviam numa choupana em pobreza total. Então, Júpiter e Mercúrio, deuses da mitologia grega, passavam disfarçados pela Ásia Menor. O casal ofereceu aos visitantes a proteção do seu teto. Os habitantes mais ricos não se importaram com os estranhos. Em sinal de agradecimento, as "divindades" transformaram a choupana em rico templo. O casal servia como sacerdotes. Enquanto isso, uma inundação arrasou as casas dos que não demonstraram generosidade.

2. Quanto à identificação. V. 12. Barnabé, de aparência digna e venerável, fez os habitantes de Listra pensarem que fosse Júpiter, pai dos deuses, segundo a mitologia. E Paulo, com sua maior eloqüência, ganhou o título de Mercúrio, deus da eloqüência. A situação era perigosa para os apóstolos! Bons pregadores têm sido estragados pela quase "adoração" dos bem intencionados mas sem sabedoria espiritual.

3. Prestaram o culto errado. Talvez o sacerdote local compartilhasse da crença e entusiasmo do povo. Ou, pensava na fortuna certa. Afinal, logo que a notícia sobre a visita dos "deuses" ao santuário se espalhasse, muitos acor- reriam para lá com suas ofertas. Seja como for, o sacerdote concordou com as exigências populares (uma fraqueza comum de sacerdócios, ver Êx. 32.1-5) preparando sacrifícios para oferecer aos supostos "deuses".

Os apóstolos, ao saberem disto, irromperam em horror à idolatria. E de forma mais aguda ao serem transformados em objeto de adoração pagã. Agüentavam com paciência a oposição e ameaças dos pagãos por onde quer que passassem. Mas este ato de superstição pagã os chocou profundamente. É como se dissessem: "Podem nos perseguir com zombarias e açoites, e suportaremos tudo - mas não procurem nos fazer de divindades". Contrastar com Atos 12.20-23.

Paulo e Barnabé, com verdadeira humildade, não toleraram os olhares do povo

se dirigindo ao pregador e não a Cristo. Ver Atos 10.25,26; 3.11,12.

IV – Apedrejados como Malfeitores (At 14.19-21)

Os judeus da Antioquia e Icônio vieram falar mal dos apóstolos. Então, os habitantes de Listra pareciam arrependidos do erro cometido. A mesma multidão que ia prestar honras divinas aos apóstolos, agora, procurava enterrar Paulo sob chuva de pedras. Será que Paulo, durante aqueles momentos, se lembrava da cena registrada em Atos 7.57-60?

O apedrejamento de Paulo nos sugere algumas lições:

1. A inconstância da natureza humana. Os apedrejadores de Paulo eram os mesmos que queriam adorá-lo pela cura do aleijado. Certo dia, as multidões de Jerusalém gritavam "Hosana!" diante de Jesus. Poucos dias mais tarde estavam clamando: "Crucifica-o!" Quando Napoleão marchava pela Suíça, foi aclamado com tanto entusiasmo que seu amigo Bourienne disse: "Deve ser uma alegria ser saudado com tantas expressões de admiração entusiasta!" Napoleão, porém, respondeu: "Isto é o de menos. A mesma turba inconseqüente poderá, mediante uma pequena mudança de circunstâncias, ter igual prazer em aplaudir meu enforcamento!"

2. O preço da fidelidade. O povo de Listra foi persuadido facilmente a apedrejar Paulo. Talvez isso não ocorresse caso Paulo não fosse zeloso e fiel, impedindo o culto que lhe seria prestado. Nossa lealdade a princípios religiosos por vezes nos custa algum sacrifício. A veracidade da nossa fé é comprovada quando nos dispomos a abrir mão de vantagens para sermos fiéis.

3. A graça de Deus. Deus respondeu às orações dos fiéis, restaurando Paulo de tal maneira que pôde levantar e continuar a obra (v. 20; 2 Tm 3.10,11).

4. A coragem de Paulo. Paulo, ao invés de fugir da cidade, deliberadamente voltou. Por quê? Sua obra ali não estava completa. Por certo haveria uma longa noite de instruções finais. Depois avançaria para a cidade seguinte. Quando Paulo estava a caminho do sagrado dever, nenhuma ameaça o detinha. Ver Atos 20.22-24; 21.10-14.

V - Ensinamentos Práticos

1. Perturbações inevitáveis. "Entraram juntos na sinagoga dos judeus... E dividiu-se a multidão da cidade..." Enquanto Paulo e seus companheiros cumpriam o ritual tradicional da sinagoga, tudo ia bem. Mas ao pregar a Cristo, produzindo-se conversões, a paz da sinagoga se perturbava e o povo da cidade ficava dividido.

Paulo não chegou à cidade com a intenção de perturbar a sinagoga ou causar separação. Porém, muitas vezes, estas são conseqüências inevitáveis de se anunciar corajosamente a verdade. Foi a isso que Jesus se referiu quando disse: "Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada" (Mt 10.34).

Por que o mensageiro zeloso provoca oposição? Porque ninguém quer ser perturbado quanto à sua maneira de viver. O mundo odeia os que demonstram um padrão de piedade melhor do que o seguido. Quem deseja trazer benefícios ao mundo deve abrir mão da popularidade e boa reputação. Cem violinos tocando em tom discordante, e um bem afinado, só demonstraria como é desagradável o barulho discordante. Os cem violinistas inferiores, porém, ficariam zangados. Achariam que o maestro estava estragando tudo. Para a

maioria, o erro praticado por muitos acaba sendo certo. Alguns servos de Deus têm sido acusados de transtornar o mundo. Na realidade desejam colocar o mundo na situação certa.

2. Adorando o sucesso. A tentativa em Listra de cultuar Paulo e Barnabé demonstra a tendência humana de adorar os heróis. Qualquer coisa que aparenta sucesso ganha o tributo do mundo. Grandes generais, inventores ou pensadores muitas vezes são alvos de homenagens exageradas, que nenhum ser humano deve aceitar. Nem o pregador está isento disso. Pode ter muitos críticos, mas sempre terá um grupo de amigos. Para estes, ele é o homem mais importante da cidade. Por mais fraco que seja, o sermão inspirará e ajudará algum ouvinte que vai agradecer ao pregador.

Um velho pregador disse: “Ninguém recebe mais elogios do que o pastor”. Esta doçura é perigosa. Embora os elogios possam encorajar a alguns, estragam a outros, que ficam orgulhosos, intolerantes e intoleráveis. Esta tentação ameaça qualquer obreiro que ocupe uma posição de destaque na igreja.

Certa vez, Mussolini perguntou a um químico francês qual o gás mais perigoso. O perito respondeu: “Incenso” (louvor). Foi uma resposta sábia! Certo evangelista conhecido falou da “desvantagem da fama”. Sabia que as notícias de uma campanha evangelística bem sucedida lhe trariam muitos elogios. No entanto, qualquer revés despertaria um coro de críticas. Os mesmos que desejaram adorar a Paulo acabaram apedrejando-o, deixando-o como morto.

Por outro lado, não devemos sonegar encorajamento aos obreiros. Pregadores desanimados têm se dedicado à obra com renovado vigor ao receber palavras de sincera e honesta apreciação cristã.

3. O clamor dos pagãos e a resposta do Evangelho. “Fizeram-se os deuses

semelhantes aos homens, e desceram até nós". Expressões de ignorância supersticiosa. Mas, ao mesmo tempo, a revelação da fome que durante toda a história do mundo jaz no fundo dos corações. Em todas as nações e civilizações, existem antigas histórias sobre o aparecimento de deuses em forma humana. E por quê? Porque o ser humano, em geral, tem acalentado instintiva- mente a esperança do Criador aparecer na terra para ensiná- lo e ajudá-lo. Em torno destas esperanças têm sido tecidas as fantásticas histórias da mitologia na Índia e outras civilizações. O povo tem fome de histórias sobre visitas de deuses à terra. E os sacerdotes têm suprido a demanda. O ser humano sempre ansiou pela presença de alguém sobre quem possa descansar sua alma. Esta fome da alma não é menos real que a do recém-nascido.

O clamor do mundo pagão sempre foi: "Oxalá os deuses baixassem até nós em forma de homens". A resposta a este desejo foi dada quando "o Verbo se fez carne, e habitou entre nós... Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens" (Jo 1.14; Fp 2.6,7).

Aquele que criou os mundos, veio do Céu para a terra a fim de revelar, redimir e regenerar.

4. Heroísmo missionário. Houve dias de forte sentimento anti-estrangeiro na China. Nesse período, o capitão de um vapor subia e descia o rio langtzé. Certa vez, Ele parou e recebeu a bordo alguns missionários, cobertos de lama que lhes havia jogado um grupo de perseguidores. Observou a condição humilhante das moças entre o grupo. Com linguagem profana, disse não entender por que os missionários não deixavam aqueles pagãos irem para o inferno, se assim preferiam? Por certo era a atitude de muitos oficiais romanos da Ásia Menor, vendo os humilhantes maus tratos sofridos por Paulo.

É assim que o mundo considera as coisas. Jesus Cristo, porém, veio ao mundo oferecer um padrão bem diferente. Apesar do cruel apedrejamento, Paulo voltou

para a cidade e continuou sua obra entre os pagãos. Aqueles missionários continuaram a sofrer muitas coisas lá na China. Até merecerem o respeito e a admiração de muitos chineses.

Temístocles, general ateniense, propôs um meio de ação num concílio de guerra. O comandante-chefe espartano ficou tão zangado, que levantou sua bengala em atitude ameaçadora. “Pode ferir”, disse o nobre ateniense, “mas o importante é escutar minha estratégia!” Esta é a atitude de qualquer pessoa que está proclamando a verdade, especialmente os missionários da cruz.

Uma Controvérsia na Igreja Primitiva

Texto: Atos 15

Introdução

O crescimento rápido da Igreja causou sua primeira dificuldade (At 6). O mesmo pode ser dito do problema estudado neste capítulo. Milhares de gentios foram trazidos à Igreja pelo ministério de Paulo. A liderança era composta predominantemente de judeus. Logo surgiu a questão do relacionamento entre os gentios e a Lei judaica. Sob a liderança do Espírito Santo, a crise foi ultrapassada com sucesso. A liberdade no Evangelho foi conservada como herança para todas as gerações. O mesmo Espírito Santo, operando em homens piedosos, continuará guiando a Igreja através das tempestades. Até que todos os cristãos sejam recolhidos ao Lar celestial.

I – Ameaçada a Liberdade dos Gentios (At 15.1-5)

1. A doutrina dos judaizantes. "Então alguns que tinham descido da Judéia ensinavam assim os irmãos: Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos" (15.1,5). O texto se refere a um partido da igreja de Jerusalém. Os membros deste partido são chamados de judaizantes. Era um

grupo preso às antigas formas, cerimônias da Lei de Moisés e tradições nacionais. Tanto que não aceitava a fé cristã separada da nacionalidade judaica e do ponto de vista judeu. Alguns, de fato, eram mais fariseus do que cristãos (v. 5).

Tinham a seguinte posição: “Antes de um gentio se tornar cristão, precisa tornar-se judeu e observar a Lei de Moisés”. Os judaizantes ouviram sobre o crescimento da igreja gentia em Antioquia. E também da implantação de igrejas gentias na Ásia Menor pelo ministério de Paulo. Temiam que os gentios chegassem ao controle da Igreja, diminuindo a influência judaica. Por certo estes homens, conhecedores do Antigo Testamento, pensavam assim: “As Escrituras nos ensinam que ninguém pode pertencer ao povo de Deus sem ser circuncidado (Gn 17.9-14). Será tolerável reduzir a santa Lei de Moisés a uma letra morta? Ousaremos arriscar as maldições pronunciadas sobre quem despreza a Lei? (Dt 27.26). Permitir que os gentios recebam a salvação sem a observância da Lei é apostasia. Afinal, tal posição despreza a inspiração da Palavra e destrói os alicerces da moral. A doutrina que diz ser a Lei de Moisés desnecessária para a salvação tenderá à frouxidão moral na vida dos convertidos gentios”.

2. A ameaça dos judaizantes. Paulo notou que o Cristianismo era ameaçado pelos ensinamentos judaicos. Se a salvação fosse mediante as obras da Lei, a morte expiatória de Cristo teria sido desprezada e rejeitada (Gl 2.21; 5.1-6). O apóstolo teve profundo discernimento espiritual. Percebeu que uma doutrina de salvação segundo a fé mais a Lei acabaria deixando a fé de lado. O poder espiritual do Evangelho se perderia, tornando a fé sem eficácia (Gl 3.1-3). A fé evangélica não seria uma religião para todas as nações, porém, uma fraca seita judaica. Sem poder espiritual para romper a casca dura do paganismo. Os gentios entenderi- am que aceitar a nacionalidade judaica nada teria a ver com seu destino eterno. E, nesta objeção, teriam razão (Gl 3.28; 5.6; 6.15).

3. O apelo contra os judaizantes. Paulo decidiu resistir as tentativas de submeter os gentios à Lei de Moisés como meio de salvação. Paulo falou sobre este assunto na igreja, levando-o a Deus em oração (Gl 2.1,2). Depois resolveu

apelar aos apóstolos e anciãos da igreja-mãe em Jerusalém. Por que Paulo foi a Jerusalém, já que Antioquia tinha uma igreja independente? Suas razões parecem ter sido as seguintes: Paulo desejava cooperar com o grupo judeu; desejava evitar uma total separação entre judeus e gentios; os judaizantes eram membros da igreja de Jerusalém. Paulo buscava o apoio daquela igreja para seu ministério entre os gentios. Desta forma os judaizantes não teriam forças para transtornar as igrejas estabelecidas entre os gentios. Paulo queria se entender com os primeiros apóstolos, que estavam em Jerusalém.

II – Defendida a Liberdade dos Gentios (At 15.6-21)

1. A liderança de Paulo. Paulo era o líder nesta controvérsia por ser o apóstolo aos gentios (Gl 2.8; Rm 11.13). Tinha grande amor por eles, não podendo vê-los despojados da liberdade espiritual dada por Cristo. Paulo foi usado por Deus para libertar o Cristianismo das faixas berçárias do judaísmo. Tais roupagens infantis foram necessárias quando o Cristianismo nasceu. Veio à luz no berço do judaísmo (é o cumprimento das profecias, cerimônias, símbolos e sabedoria do Antigo Testamento). Paulo, contudo, sabia que estas faixas seriam transformadas em faixas sepulcrais, caso a Igreja não progredisse de acordo com o plano de Deus. Usando outra ilustração: Paulo foi chamado para transplantar o Cristianismo do terreno judeu para o gentio.

2. O testemunho de Pedro. Vv. 6-11. Seu argumento pode ser resumido da seguinte maneira: Na Antiga Aliança, circuncisão e observância à Lei mosaica eram exigidas do povo de Deus. O Senhor, porém, salvou os gentios e os batizou no Espírito Santo sem exigir tais coisas. Iniciou, assim, um novo tempo. Agora a única condição para a salvação, tanto de judeus como de gentios, era a fé em Cristo (At 10.44-48).

3. O testemunho de Paulo e Barnabé. V. 12. O argumento sugerido pelo que Paulo e Barnabé contaram é: Deus salvou os gentios, operando milagres no

meio deles sem exigir a observância da Lei de Moisés. Deus os aceitou e testificou este fato aos corações deles. O que mais poderia ser necessário? A lógica dos fatos comprovava que não era necessário os gentios se tornarem judeus a fim de serem salvos.

4. O parecer de Tiago. Vv. 13-21. O Tiago aqui mencionado foi líder da igreja e presidente da conferência. Seu parecer teve grande efeito por observar as regras do judaísmo. Era respeitado até por judeus não cristãos. Tiago concordou com Paulo. Afirmou ser a obra que o próprio Deus fez entre os gentios prova suficiente da sua vontade. A conversão a Cristo não precisava passar pelo judaísmo.

III – Garantida a Liberdade dos Gentios (At 15.22-28)

1. A vitória da liberdade dos gentios. Vv. 22,23. Os apóstolos presentes, bem como a maioria da igreja, votou em favor do parecer de Tiago. Ficou resolvido que alguns membros da igreja acompanhariam Paulo e Barnabé de volta a Antioquia (centro do movimento missionário entre os gentios). Eles tornariam a decisão conhecida. Podemos ter a certeza de que judaizantes não votaram em favor de tal decisão. As epístolas de Paulo aos Coríntios e aos Gálatas nos fazem uma revelação. Os judaizantes, mais tarde, continuaram procurando subverter a autoridade de Paulo. Se esforçavam para desviar seus convertidos de volta à observância da Lei como meio de salvação.

2. A censura aos judaizantes. V. 24. Os líderes da igreja em Jerusalém revelaram não dar o mínimo apoio à atitude arrogante e perturbadora dos judaizantes. Eles afirmaram terem estes últimos transtornado espiritualmente os gentios com seus ensinos desautorizados.

3. A recomendação de Paulo e Barnabé. "Os nossos amados Barnabé e Paulo.

Homens que já expuseram as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo". A diferença entre judaizantes e os grupos de Paulo foi reconhecida pelos membros do concílio pelo discernimento. Nada havia de heroísmo naqueles ensinadores da Lei. Não arriscaram suas vidas em prol do Evangelho. Pelo contrário, procuravam derrubar o que outros edificavam com tantos sacrifícios. Paulo e Barnabé já haviam demonstrado motivos sinceros e a realidade de suas experiências espirituais. O fizeram mediante a disposição de enfrentar todos os perigos por amor a Cristo.

Os judaizantes procuravam minar a influência de Paulo em Corinto. Tentavam desacreditar a sua autoridade, sua sinceridade e menosprezavam o seu ministério. O apóstolo apelou aos seus sofrimentos por amor a Cristo, como prova de que seu ministério e motivos eram genuínos (2 Co 11.22-27).

4. A decisão do Espírito Santo. "Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação; das quais coisas fazeis bem se vos guardardes".

A expressão "pareceu bem ao Espírito Santo" significa: O Espírito Santo, na sua atuação entre os gentios, já testemunhara que estes foram libertos do jugo da Lei mosaica (At 10.44-48). O Espírito Santo, cuja orientação foi prometida aos apóstolos e outros líderes, já testemunhara ao coração deles que os gentios deviam ser livres do fardo (Mt 18.20; Jo 16.13). Os gentios foram isentos da obrigação de observar os costumes judaicos. Este foi um exemplo da autoridade para ligar e desligar (proibir e permitir) prometida aos líderes da Igreja (Mt 16.19; 18.18).

IV – Regulada a Liberdade dos Gentios (At 15.29)

A liberdade dos gentios não significava estarem livres para praticar o mal. Os apóstolos, ao libertarem os gentios dos fardos desnecessários, indicaram que existiam também alguns necessários.

1. Fardos desnecessários. Decorar e observar todas as leis do judaísmo. Criadas com base na Lei de Moisés, visando o merecimento da salvação, era um fardo desnecessário aos gentios. Estes convertidos já possuíam a vida e a liberdade espiritual. Por que enterrar esta vida com formulários mortos?

2. Fardos necessários. Os gentios viviam sob a graça e não sob a Lei. O que não significava liberdade para praticarem o pecado. Não eram sujeitos à Lei quanto à prática de boas obras e cerimônias religiosas a fim de serem salvos. Viviam sob a graça de Cristo. Agora praticariam as boas obras por causa de terem sido salvos. Estavam livres da aliança de Moisés, mas ainda permaneciam sob o jugo gracioso de Cristo. E este jugo significa uma vida de amor e santidade. Para evitar mal-entendidos, o concílio esclareceu os cristãos gentios. Sua liberdade seria regulada por duas leis:

2.1. Da santidade. Foram mencionados dois pecados que os gentios daquela época estavam muito inclinados a praticar: a incontinência e a idolatria. Os cristãos gentios sempre eram tentados de irem a festas nos templos idólatras (com familiares ou amigos). Lá poderiam voltar aos antigos pecados de idolatria e incontinência. Estes eram estreitamente ligados ao culto pagão. A Igreja, naqueles dias, tinha que tomar seu rumo entre dois perigos: o legalismo, paralisante escravidão às leis, por parte dos judeus; e o antinomismo, ou seja, total independência da moral e virtude, por parte dos pagãos.

2.2. Da caridade. Os judeus não comiam carne se o sangue não tivesse sido retirado, nem a de animais estrangulados ou que morriam por doença. Os cristãos gentios teriam que conviver com judeus cristãos, estes acostumados às antigas observâncias. A comunhão diária seria bem mais possível se os gentios fizessem concessões com respeito à alimentação. Isto não significa que o tipo de

alimento que alguém come tem alguma coisa a ver com a salvação (Rm 14.14,17,20). Os gentios tinham que seguir a lei do amor, evitando escândalo moral aos seus irmãos judeus (Rm 14.21).

V – Ensinamentos Práticos

1. A Lei e a graça. Quando judaizantes queriam sobrecarregar os gentios com o sistema mosaico, Pedro protestou: "Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar?" (At 15.10). Poderia ter mencionado a libertação de muitos gentios dos tremendos fardos impostos pelos sacerdotes pagãos. E que não deveriam ser submetidos de novo a sistemas de exigências para "merecerem a salvação". Quando certo missionário pregava a Lei aos hindus, estes lhe responderam: "Temos uma religião que nos sobrecarrega com exigências quanto a dinheiro, gado, sacrifícios, mortificações, jejuns, orações, lavagens e romarias. E cumprimos tudo. Temos um rei que exige pesados impostos, e nós fazemos tudo quanto ele nos pede. E agora você vem com tremendas exigências que sobrepujam tudo isso".

Há ocasiões em que pregar a Lei é necessário, para levar os ouvintes à convicção de pecados. Porém, antes de tudo, o Evangelho é o oferecimento da livre graça de Deus. O Evangelho não aceita o conceito de um Deus sem misericórdia. Um Deus que exige rituais, flagelações e boas obras mediante as quais seja gracioso para conosco. Não. Deus já revela sua natureza de graça e misericórdia. E quer nos justificar, de tal modo que sirvamos a Ele sem medo de perder a salvação. A Lei diz: "Faça isso, e viverá". O Evangelho diz: "Receba a vida, e faça". A Lei diz: "Pague!" O Evangelho diz: "Está pago!"

2. A liberdade cristã. Agostinho, grande estudioso da igreja antiga, disse certa vez: "Ame a Deus e faça o que quiser". A primeira vista, esta declaração parece um pouco arriscada. Mas pensando bem, quem ama a Deus não vai querer

desagradá-lo mediante a desobediência à sua Palavra. Aquele que verdadeiramente ama a Deus está livre da Lei e vive sob sua graça. Sua nova natureza espiritual não desejará fazer nada contrário à vontade revelada de Deus. Existem leis civis hoje em dia para punir mães que tratam com crueldade aos seus filhos. Há, porém, milhares de mães que desconhecem tais leis e tratam seus filhos com bondade. Explicação: Já têm a lei do amor maternal escrita nas suas consciências. Quem foi transformado pela graça tem a lei de Deus escrita no seu coração (Jr 31.33). E, com grande alegria, faz aquilo que é certo.

Naturalmente, o antigo sistema de lei e ritual era necessário. Funcionava como "mestre-escola", restringindo e educando Israel até a vinda do Messias. Este lhe ofereceria um grau mais alto numa escola espiritual mais avançada (Gl 3.24-26; 4.1-6). Mas os judaizantes insistiam que os convertidos gentios guardassem a Lei. Era como forçar um leitor experiente a decorar o abecedário, ou uma borboleta voltar a ser lagarta.

3. Enfrentando os riscos. Barnabé e Paulo foram descritos assim: "Homens que já expuseram as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (v. 26). A verdadeira fé sempre nos conclama a aceitarmos os riscos de uma vida de dedicação. Hebreus 11 descreve até que ponto os servos de Deus se arriscaram para viverem à altura da sua fé. A religião tem sido definida como "apostar sua vida no fato da existência de Deus". A definição tem o propósito de fazer todos entenderem que a verdadeira religião é basear nossa vida na fé em Deus. Não devemos permitir nada em nossa vida que estrague a comunhão com Cristo. Não devemos sonegar nada a Ele. É nEle, como Salvador, que nossa vida tem seu verdadeiro significado, no tempo e na eternidade. Somente o que entrega sua vida nas mãos de Cristo sabe o que é a vida em abundância. E os que arriscam sua vida por amor a Cristo chegam a conhecê-lo num relacionamento particularmente profundo "à comunicação de suas aflições" (Fp 3.10).

4. O valor da controvérsia. Podemos tirar duas lições da conferência em Jerusalém.

4.1. Nem sempre é possível fugir da controvérsia. Grandes doutrinas, como a da Trindade, encarnação, justificação pela fé e outras tantas, saíram como ouro puro da fornalha do debate religioso. Verdades bíblicas, depuradas por heróis da fé, que debatiam com a Bíblia na mão até fixar as doutrinas. Isto, naturalmente, se refere às controvérsias inevitáveis com respeito a princípios bíblicos fundamentais.

4.2. A melhor maneira de solucionar diferenças doutrinárias é através de conferências. Reunidos em espírito de amor cristão e santa humildade. Assim muitas diferenças de opinião serão esclarecidas, e mal-entendidos, dissipados. Servos de Deus, com Bíblia na mão e Cristo no coração, descobrem que as doutrinas não são difíceis. A harmonia entre eles remove falsas impressões recebidas uns dos outros mediante terceiros. O caminho, então, fica claro para todos mutuamente chegarem ao entendimento da verdade divina.

5. Autoridade escrita. Ao dar o seu parecer, Tiago se referiu ao testemunho e à experiência de Pedro: "Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome". Embora confiasse na realidade da visão que Pedro recebeu na ocasião, tomou o cuidado de citar a autoridade das Sagradas Escrituras: "E com isto concordam as palavras dos profetas; como está escrito..." O cristão espiritual presta atenção às opiniões e experiências dos seus irmãos na fé. Há muita coisa que cada um aprende do outro. O apelo final, no entanto, é nada menos do que à autoridade das próprias Sagradas Escrituras. A religião tem mais necessidade de autoridade do que qualquer outra esfera da vida. Nenhuma área da vida humana pode passar sem autoridade. Senão, rapidamente se transforma em anarquia e confusão.

Paulo e Silas na Prisão

Texto: Atos 16

Introdução

Paulo e Silas cantavam na prisão à meia-noite. Temos aqui uma boa lição espiritual. Ela nos deixa preparados para aqueles dias escuros que, mais cedo ou mais tarde, vêm tentar cada indivíduo, lar ou nação. E assim nosso cântico espiritual pode animar a outros que estão nas trevas. As cadeias públicas não contêm uma centésima parte dos prisioneiros que existem no mundo: nos lares, ruas, lojas e até nos templos. Há ao nosso redor uma multidão de prisioneiros: da maldade, da consciência acusadora, dos vícios. Precisam tanto de nossos cânticos cristãos! E ninguém está tão profundamente atolado na iniqüidade que fique totalmente indiferente a esta música! Ninguém está tão acorrentado que não possa pelo menos inclinar o ouvido para captar a melodia!

I - A Cruel Perseguição (At 16.16-24)

1. Uma misericordiosa libertação. As perseguições que Paulo sofreu vieram da parte dos judeus. Agora temos a primeira perseguição movida contra ele exclusivamente pelos gentios. Uma adivinha endemoninhada seguia Paulo e

Silas clamando, maliciosamente ou sobrenaturalmente constrangida: "Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo". Parece que Satanás, às vezes, empregava o truque do testemunho para causar empecilhos ao Evangelho. Leva alguns de seus agentes a se pronunciarem seguidores da obra evangelística. Seu objetivo é desacreditar o Evangelho, fazendo com que o povo em geral tenha péssima impressão dos cristãos. Se aquela pobre possessa tivesse continuado a gritar atrás de Paulo, todos teriam dito: "Aí vai uma das convertidas dele!" Isto não seria um elogio à obra de Paulo. O Senhor Jesus não convidava nem permitia a continuação do testemunho de demônios (ver Mc 1.23-25). Dias depois, Paulo já não aturava esta publicidade indesejável, e expulsou o demônio da mulher: "Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela".

2. Uma falsa acusação. Paulo, e qualquer outro cristão, pensaria tratar-se de uma bendita libertação para a jovem. Mas seus donos (era escrava) tinham outro ponto de vista: o apóstolo estragou os dotes de uma boa adivinhadora, cortando-lhes a fonte de lucros. Tirando vantagem do fato de os judeus não gozarem do favor de Roma, prepararam a seguinte acusação: "Estes homens sendo judeus, perturbaram a nossa cidade. E nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos". Os donos da escrava não contaram a verdade de que Paulo, num instante, expulsou um poderoso demônio. A lei romana nada dispunha contra isso. Portanto, inventaram a acusação política de perturbarem a paz da cidade ensinando costumes ilícitos. Os líderes judeus usaram a mesma estratégia para obter a condenação de Jesus pelo magistrado romano (ver Lc 23.1,2; comp. At 24.5). O Evangelho interfere nos lucros dos que se dedicam ao tráfico imoral. Quando isso ocorre, sempre aparecem queixas insinceras contra a interferência nos direitos do indivíduo, bem como oposição ferrenha (ver Lc 8.33-37; At 19.23-27).

3. Um aprisionamento brutal. Os magistrados não se deram ao trabalho de investigar o assunto. Logo deram a sentença, mandando açoitar os apóstolos e lançá-los na prisão. No escuro da parte mais profunda do cárcere, seus sofrimentos físicos aumentaram pela posição incômoda. Foram presos no tronco, instrumento de tortura e humilhação. Nem por isso os esforços evangelísticos de Paulo e Silas foram impedidos. No cárcere, seguiu-se um culto

fora do comum.

II -Um Culto de Louvor Fora do Comum (At 16.25-29)

1. A confiança inabalável. "E, perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam". Estes dois pregadores estavam na prisão, mas a prisão não estava neles! Não oravam apenas, o que seria natural com as costas ensangüentadas, mas também cantavam louvores a Deus! A fé cristã revela sua nobreza de caráter quando triunfa sobre as circunstâncias. E as pessoas se regozijam numa situação que provocaria gemidos nos menos espirituais. Estes homens estavam servindo ao Deus "que dá salmos entre a noite" (Jó 35.10; cf. At 5.40,41). É bem possível que estivessem num estado de enlevo espiritual que os fez insensíveis aos sofrimentos. Os relatos da Igreja Primitiva descrevem mártires tão conscientes da presença de Cristo que parecem insensíveis às torturas. Comparar o êxtase de Estêvão, em Atos 7.55,56. Não é de admirar que "os outros presos os escutavam". Estavam acostumados às lamentações, gritos de dor e maldições rogadas contra as autoridades lá, no fundo da prisão. Mas louvores, orações e cânticos se constituíam em novidade para eles!

2. A prisão abalada. "E de repente sobreveio um tão grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram". Deus geralmente fala numa voz mansa e tranqüila dentro da consciência. Mas às vezes fala em trovões, terremotos e relâmpagos. Quando o Senhor quis falar com Lídia, abriu mansamente o coração dela para deixar o Evangelho entrar (At 16.14,15). Para falar ao carcereiro, Deus necessitou de um terremoto. Então, sacudiu-lhe o coração endurecido e o dos criminosos inveterados que ali estavam, despertando assim sua consciência à necessidade da salvação. Deus sacode o terreno onde pisam os homens. Faz seus planos e prospectos tremer. Ameaça-os com perdas e até deixa-os enlutados, a fim de levá-los a pensar na salvação e na eternidade.

3. O carcereiro abalado. Quando o carcereiro viu a porta aberta, seu primeiro impulso foi tirar a própria vida. Assim, evitaria a degradação pública seguida pela pena de morte (ver At 12.6-10,18,19). Esta imediata tendência ao suicídio era típica na civilização romana daqueles tempos. Havia um senso desesperado de que a vida nada valia e total ignorância de qualquer esperança além dela. Na realidade, alguns filósofos contemporâneos recomendavam o suicídio àqueles que achavam intoleráveis os fardos da vida diária. As palavras de Paulo ao carcereiro, porém, representam a mensagem evangélica a todos os que pensam no suicídio: "Não te faças nenhum mal!"

III – Um Culto Evangelístico Fora do Comum (At 16.30-40)

1. A grande pergunta. Nesta altura, um medo diferente tomou conta do carcereiro. Enquanto pensava no terremoto, as palavras da jovem adivinhadora lhe vieram à mente. Então, aqueles homens eram realmente servos do Deus Altíssimo, e o terremoto, a expressão de sua ira. Lembrava os cânticos de louvor e de triunfo que os prisioneiros cantavam em tão difícil situação. Tal atitude seria mais uma prova de serem eles dotados com poderes sobrenaturais. Assim deve ter arrazoado o carcereiro consigo mesmo. Então, lembrando os maus tratos que ele mesmo dera aos dois servos de Deus, a consciência do carcereiro começou a açoitá-lo e deixá-lo aterrorizado. Todas estas circunstâncias fizeram surgir nos seus lábios a grande pergunta que se esconde em cada alma humana: "Que é necessário que eu faça para me salvar?" O que significa ser salvo? De acordo com o uso que o Novo Testamento faz da palavra, significa "estar seguro, preservado". O carcereiro quis ser preservado da ira do Deus a quem Paulo servia. O Deus que sacudira a terra. Ser salvo, portanto, significa estar em relacionamento certo com o Deus santo e com a certeza de que já nenhuma condenação nos aguarda na eternidade.

Significa ser feito são, curado. O terremoto despertou na consciência do carcereiro a lembrança da maldade de sua vida. Agora, passava diante dele como um panorama. Ser salvo, então, significa ser curado daquela doença espiritual chamada pecado, que causa a morte da alma.

Resumindo: a salvação nos liberta do poder e da culpa do pecado. O pecado nos faz culpados diante de Deus. Pecando, empregamos faculdades dadas por Deus, para desonrar ao próprio Criador. O pecado contamina a alma. O abuso das energias que Deus nos deu reage contra a alma, enfraquece a vontade, dá origem a maus hábitos que se multiplicam e fortalecem e produz má disposição.

2. Uma resposta clara. "Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e a tua casa". O que significa crer no Senhor Jesus Cristo? É crer em fatos concernentes a Cristo (1 Co 15.1-8). O Cristianismo é uma religião baseada em eventos reais e históricos que ocorreram há mais de l9 séculos. Eles fazem parte vital do plano de Deus para a salvação dos homens.

Significa, também, confiar totalmente em Cristo para a salvação. E ser unido a Ele num relacionamento pessoal.

3. Uma conversão real. "E, tomando-os consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus". O carcereiro sentia três coisas antes desconhecidas a ele: a simpatia, a gratidão e o arrependimento que raiaram em sua alma. Depois de lavar as feridas dos prisioneiros, submeteu-se ao rito do batismo para a lavagem das chagas da sua alma (ver At 22.16): "E, levando-os a sua casa, lhes pôs a mesa; e, na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa". A crueldade fora transformada em hospitalidade e amor. "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; quem não ama a seu irmão permanece na morte" (1 Jo 3.14). Houve grande alegria naquela vida! Não existe no mundo alegria tão grande como a de quem recebeu o perdão e começou nova vida.

IV – Ensinamentos Práticos

1. O ministério do cântico. Um jovem tenor cristão, visitando Chicago, foi conhecer museus e outros pontos de destaque com seu hospedeiro. Este disse-lhe depois: "Agora já lhe mostrei o que temos de melhor; talvez seja bom visitar o que temos de pior". Levou o cantor a um lugar onde se reuniam os piores elementos cantando modinhas indecentes. Finalmente, pediram que ele contribuísse com uma canção. Não sabia o que fazer - não queria profanar sua arte sagrada em tal lugar. Depois pensou: "Coragem! Preciso desfraldar a minha bandeira cristã neste lugar infernal!" E assim, cantou com tons claros e doces: "Ó Amante Salvador" e "Mais Perto Quero Estar". Acabando de cantar, a turba que se reunia para o pecado se escoou em silêncio. O dono do local colocou os ponteiros do relógio em meia-noite, apagou as luzes, enxugou os olhos e foi para casa. A doce voz do tenor fez com que o local se tornasse por demais celestial para o proprietário continuar suas atividades indignas.

É uma bênção cantarmos juntos na igreja. Há, porém, grande necessidade de os cânticos de Sião chegarem às esquinas das ruas, prisões, hospitais. Assim, transmitiremos a mensagem de esperança àqueles que estão amarrados pelo pecado, enfermidades e desespero.

2. Cantando na prisão. Paulo e Silas na prisão são exemplos para os cristãos que se acham em situações difíceis. Muitos podem testificar que receberam experiências semelhantes às do salmista: "Invoquei o Senhor na angústia; o Senhor me ouviu, e me pôs em um lugar largo" (Sl 118.5). A palavra "tribulação", no hebraico, quer dizer literalmente "lugar estreito", "aperto". Algumas verdades se notam com respeito àqueles cânticos na prisão. Verdades que se aplicam ao se cantar em qualquer situação difícil.

2.1. Não é fácil cantar na prisão. Precisamos muita graça divina para conseguirmos agir assim. Quando nos sentimos bem é fácil dizer a um irmão abatido: "Fique animado, Deus está dirigindo tudo". Excelente! Mas sabemos pregar assim a nós mesmos quando atravessamos períodos de desânimo?

2.2. Cantar na prisão, embora difícil, é uma possibilidade real, porque "posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Fp 4.13).

2.3. Os que sofrem por serem fiéis à sua consciência cristã recebem grande consolo. Reconhecem o privilégio de sofrer por amor a Cristo e experimentar a comunhão dos seus sofrimentos. A música de uma marcha animada dá mais vigor a soldados cansados. O soldado da cruz, nas longas marchas neste mundo, renova suas forças cantando louvores.

2.4. Muitas vezes, cantar assim traz grandes resultados. Os cânticos de Paulo e Silas levaram a conversões. A realidade do Cristianismo é demonstrada, de modo convincente, pela perseverança dos cristãos durante uma severa provação.

3. O Espírito de triunfo. Nos dias de Paulo, o melhor que os filósofos ofereciam aos cansados e sobrecarregados era uma filosofia de vida, uma explicação arrazoada acerca da natureza da vida. Os conselhos deles basicamente se resumiam no conceito de "agüentar tudo com um sorriso amarelo". Não foi, porém, nenhuma filosofia ou teoria religiosa que levou Paulo e Silas a cantarem com vitória. Era o poder do Espírito Santo, que transmite júbilo espiritual. Certo jovem quis uma entrevista com Phillips Brooks, o grande pregador. Desejava esclarecimento para um problema que o deixava perplexo. Procurou termos para sua pergunta de forma a deixar clara a natureza da sua dúvida. Chegou o dia tão esperado de passar uma hora com Phillips Brooks. A experiência daquele contato foi tão radiante que se sentiu transformado. A vida era novamente algo glorioso. Finalmente, caminhando para casa, lembrou-se da pergunta. "Isto não importa mais" - disse o jovem. "Já descobri que me faltava, não a solução para um problema específico mas um contato com um espírito triunfante".

Jesus não veio ao mundo tanto para dar à raça humana um novo sistema de ética (embora o tenha dado também). Seu objetivo maior era transmitir poder da parte de Deus, a fim de libertar os homens dos seus pecados. E também sustentá-los triunfantemente acima de todos os males e provações da vida (ver Jo 16.33).

4. Um Evangelho sólido para um mundo abalado. "Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo". Foi esta a resposta de Paulo a um homem amedrontado. Um homem que sentia abalado o terreno debaixo dos seus pés e clamou: "Que é necessário que eu faça para me salvar?"

A receita de Paulo é válida para qualquer período de transtorno. Quem lê jornais percebe que vivemos dias de uma civilização com alicerces abalados, dias de rompimento da antiga ordem das coisas. Os alicerces seculares estão sendo sacudidos. E as situações mais estáveis estão mudando. Em nenhum lugar, e em nenhum assunto, podemos ter certeza de estabilidade. O terreno é vulcânico, e pode haver erupções materiais ou espirituais a qualquer momento. Hoje, estamos presenciando o cumprimento das palavras: "E na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas" (Lc 21.25,26).

Em meio às tensões da situação do mundo, os homens clamam: "Que é necessário que eu faça?" Não há receita melhor do que: "Crê no Senhor Jesus Cristo". O mundo dos nossos dias é confrontado com a escolha: ou Cristo, ou o caos. Somente aqueles que já receberam a salvação e vivem na esperança da vinda do Senhor podem ser otimistas em dias como estes.

Paulo, o Pregador

Texto: Atos 17; 18.1-11

Introdução

Tradições antigas dizem que a aparência física de Paulo nada demonstrava do poder espiritual que possuía. Certamente poucos viajantes das estradas do Império Romano vislumbraram o futuro, aquele pregador itinerante causando poderoso impacto sobre a história do mundo. Não cre- riam no poderoso império em escombros enquanto os escritos de Paulo continuavam a transformar o mundo pelos séculos. Jamais notariam no pobre pregador um poder de alcance mundial.

Paulo, no entanto, tinha consciência de levar consigo uma mensagem mais poderosa que qualquer força material: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”. Em nosso estudo, veremos como esta fé foi constrangendo o apóstolo a cumprir sua missão, e como produziu resultados.

I – Paulo Prega em Tessalônica (At 17.1-9)

Paulo, conforme seu hábito, iniciou as pregações na sinagoga. Foram convertidos alguns membros e grande número de gentios piedosos, ouvintes da sinagoga. E então começaram as desavenças. Os líderes judeus, movidos de inveja, atiçaram uma turba contra Paulo. Por que escolheram este tipo de oposição à verdade? Porque uma turba não pensa. Apenas é guiada cegamente e grita o que seus líderes gritam. Não achando Paulo, levaram seu hospedeiro e alguns dos cristãos diante do magistrado. As acusações eram as seguintes: “Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui”. Havia uma partícula de verdade na acusação: o mundo anda transtornado mesmo. E o Evangelho procura levar o mundo de volta à posição correta diante de Deus. Os meios empregados são espirituais e pacíficos; não carnais e violentos. O método dos inimigos do Evangelho foi diferente: “Tomaram consigo alguns homens perversos dentre os vadios, e, ajuntando o povo, alvoroçaram a cidade”. Os homens “vadios” nunca seriam consultados em questões legais, políticas ou sociais. A inveja, porém, lança mão dos instrumentos mais indignos para atacar a virtude.

II – Paulo Prega em Beréia (At 17.10-15)

“E logo os irmãos enviaram de noite Paulo e Silas a Beréia; e eles, chegando lá, foram à sinagoga dos judeus”. Beréia ficava a 80 quilômetros de Tessalônica. Poderíamos imaginar que a experiência em Tessalônica faria Paulo evitar as sinagogas. Paulo, porém, tinha um zelo espiritual que vencia o receio humano. E o fazia mais do que vencedor na obra evangélica. A fidelidade dele não deixou de produzir frutos, porque “estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica”. Suas mentes não eram tão mirradas pelos preconceitos, e os coração tinham menos maldade. A nobreza do caráter dos judeus de Beréia foi revelada em dois aspectos:

1. Escutaram com cuidado. “De bom grado receberam a palavra”. Os judeus de Beréia estavam dispostos a ouvir. É o ouvinte que faz o bom pregador. Quando a congregação fixa sua atenção na mensagem, o pregador se sente constrangido a

pregar. A expectativa ajuda a produzir inspiração. Os judeus de Beréia fizeram Paulo entregar toda a mensagem que nele havia, e assim, ajudaram-no a pregar. Pregador e ouvintes ajudaram-se mutuamente. Os ouvintes queriam ouvir tudo, até a última sílaba. É esta atitude que Paulo considerava nobre - a lealdade à verdade, a libertação dos preconceitos, a excelência mental e a nobreza espiritual.

2. Examinaram com paciência. "Examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim". A essência da mensagem de Paulo aos judeus foi que Jesus tinha inaugurado o Novo Concerto. Que ele cumprira espiritualmente todas as promessas do Antigo Testamento. Os bereanos não rejeitaram a mensagem por ser nova. Eles pesquisaram o Antigo Testamento para ver se a "nova luz" sobre a religião era fiel à Bíblia. E se Deus já tinha anunciado tais acontecimentos pelos seus profetas. Receberiam qualquer verdade que viesse da parte de Deus, comprovada nas Escrituras. As Escrituras nunca poderão mudar porque representam a verdade eterna da parte de Deus. Há, porém, alturas da verdade divina que nunca foram atingidas. E profundidades nunca sondadas.

A conseqüência natural desta investigação das Escrituras, com o coração aberto para receber a verdade, foi que "creram muitos deles" (v. 12).

III - Paulo Prega em Atenas (At 17.16-34)

Atenas era o centro cultural do Império Romano. Nenhuma cidade dava tanta ênfase às artes, à poesia e à filosofia como a de Atenas. Ao mesmo tempo, era uma das cidades mais idólatras de todo o Império Romano: "E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria". Um antigo historiador disse que havia 3000 ídolos na cidade. O provérbio popular daqueles dias era: "Há mais deuses do que homens em Atenas".

Paulo esperava Timóteo e Silas, que ficaram em Beréia. Enquanto isso pregava a judeus e gentios, na sinagoga e na praça. Paulo se interessou pelas almas em Atenas, não pelas vistas turísticas. Paulo, despertando o interesse de alguns pensadores de Atenas, marcou um encontro para declarar a sua doutrina. Tomou como ponto de partida a existência de um altar dedicado “ao deus desconhecido”. O apóstolo lhes anunciou o verdadeiro Deus, a quem os pagãos procuravam, tateado cegamente.

Os filósofos prestavam atenção, enquanto Paulo falava de Deus em termos gerais. Quando, porém, mencionou a ressurreição de Jesus, interromperam-no com risadas de zombaria. Consideraram Paulo um lunático querendo introduzir uma ilusão no meio de muitas ponderações sensatas. Muitos gregos acreditavam na imortalidade da alma. A ressurreição, no entanto, não era uma realidade filosoficamente aceitável (ver 1 Co 1.23). Alguns ouvintes procurando manter um nível de cortesia, disseram: “Acerca disso te ouviremos outra vez”. Poucos acreditaram na mensagem.

Paulo, corajoso para enfrentar perseguições, ficou muito triste diante tanta indiferença espiritual. Chegou a Corinto “em fraqueza, e em temor, e em grande tremor”. Estava ainda mais resoluto em não apelar para a cultura e a filosofia. Proclamaria apenas a simples mensagem de “Jesus Cristo, e este crucificado” (1 Co 2.1-5).

IV - Paulo Prega em Corinto (At 18.1-11)

Saindo de Atenas, Paulo chegou ao grande centro comercial e internacional: a cidade de Corinto. O maior centro de imoralidade de todo o Império Romano. O ministério de Paulo em Corinto pode ser considerado em três etapas diferentes.

1. O início. Vv. 1-4. Com um decreto imperial, muitos judeus foram expulsos de

Roma. Entre os refugiados que vieram morar em Corinto, Paulo achou Áquila e Priscila. Estes tornaram-se seus leais cooperadores. Paulo passou a morar e trabalhar com o casal. Eles dividiam o tempo entre fabricar tendas e pregar ao povo. Os que cressem teriam reservada no Céu uma morada, não feita por mãos humanas.

A tradição judaica exigia que os mestres religiosos oferecessem de graça os serviços espirituais. Por isso, cada rabino aprendia uma profissão para se sustentar. Paulo era firme em não aceitar ofertas daqueles que procurava ganhar para Cristo. Seu objetivo era merecer a confiança do povo. E comprovar que seus motivos eram sem interesse de ganhar dinheiro. Pregava nas sinagogas e outros lugares onde escutassem sua mensagem.

2. O progresso. Paulo, em Atenas, preocupava-se com seus convertidos em Tessalônica. Eles enfrentavam perseguições. Desejava saber se os novos cristãos estavam firmes na fé. Silas e Timóteo chegaram com notícias de como os convertidos davam excelente testemunho da fé (ver 1 Ts 1.3,7-10). Estas boas novas, juntamente com a presença dos dois companheiros, deram novo ânimo ao apóstolo. Sua pregação aos judeus foi feita com redobrado vigor (v. 5). "Mas resistindo e blasfemando eles, sacudiu os vestidos, e disse-lhes: O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo, e desde agora parto para os gentios" (v. 6). Paulo reconheceu ter chegado a hora de não perder mais tempo em esforços comprovadamente infrutíferos. Porém, antes de deixar o trabalho na sinagoga, Paulo podia dizer: "Estou limpo". Fez o melhor que podia. Mesmo assim, não foi para muito longe. E sempre estava pronto para atender

os que queriam, sinceramente, saber alguma coisa sobre a fé. Ficou na casa ao lado da sinagoga (v. 7).

3. Permanência. Paulo trabalhava com grande sobrecarga (1 Co 2.3). Sem dúvida, sempre havia ameaças contra sua vida. Nestas condições, Cristo lhe concedeu uma visão, conclamando-o a continuar no ministério, prometendo-lhe

proteção (18.9). O coração da mensagem era: "Não temas, mas fala, e não te cales". Com o ânimo renovado, Paulo continuou na obra durante 18 meses, e o resultado foi: "A igreja de Deus que está em Corinto" (1 Co 1.2). Tal resultado é nada menos do que um milagre. Se levarmos em conta que Corinto era a fossa negra do Império Romano, quanto à moral e à religião.

V – Ensinamentos Práticos

1. Um elogio indireto. A acusação: "Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui" foi um louvor indireto ao poder do Cristianismo. Mesmo os judeus movidos por inveja não podiam minimizar a causa evangélica. Não podiam dizer que se tratava de uma "bolha de emoções de curta duração", "fogo de palha" ou "um surto de fanatismo que logo se consome e só deixa cinzas". Perceberam que se tratava de uma força de alcance mundial. Nós, os cristãos, por vezes nos tornamos medrosos, acanhados, tímidos e interessados em proteger a nós mesmos. Isto ocorre quando perdemos a visão da grandeza da causa que abraçamos. Ser alvo de críticas injustas não é agradável. No entanto, é melhor do que o desprezo e a falta de interesse. Há mais esperança de conversão para os oponentes violentos do que para os espiritualmente indiferentes.

2. A mente aberta. Os bereanos examinaram as Escrituras. Procuravam descobrir se os ensinamentos de Paulo eram verdadeiros e baseados em fatos. Não queriam saber se as novas doutrinas estavam de acordo com os preconceitos e costumes deles. Não se interessaram em criticar a retórica de Paulo ao apresentá-las. Só desejavam averiguar se os ensinos eram verdadeiros.

Jesus nos deu a entender que podemos tirar das Escrituras tanto coisas novas quanto velhas (Mt 13.52). É nosso dever conservar-nos abertos a quaisquer doutrinas que não tínhamos percebido. Desde que sejam averiguadas nas Escrituras.

John Robison, um dos líderes puritanos que fundaram a colônia precursora dos Estados Unidos, advertiu seus seguidores. Deviam segui-lo na medida em que fossem fiel a Cristo. Que sempre recebessem de outros líderes cristãos qualquer verdade que Deus revelasse através de sua Palavra. Disse que os seguidores dos grandes reformadores não queriam avançar um passo além do que aqueles homens de Deus conseguiram ver. Embora os próprios reformadores, luzeiros brilhantes e ardentes nos seus dias, se mostrassem dispostos a receber mais doutrinas bíblicas. Tanto quanto estavam dispostos a aceitar aquelas que conseguiram perceber em sua época.

Ter mente aberta não significa entregar a consciência cristã e o discernimento espiritual a qualquer mestre que apareça. Os bereanos tinham fome pela verdade, mas exigiam as provas bíblicas de tudo quanto Paulo ensinava.

3. Os homens que ficam para trás. "No mesmo instante os irmãos mandaram a Paulo que fosse até ao mar, mas Silas e Timóteo ficaram ali". Paulo, centro do movimento e alvo das perseguições, seguia as instruções do Mestre ao se afastar para outra cidade (Mt 10.23). Ao mesmo tempo, devemos honrar a Timóteo e Silas, os homens que ficaram para trás. Detiveram-se para ajudar os novos cristãos a enfrentarem a tempestade. Paulo fez a obra do evangelista pioneiro. Mas reconheceu ser necessário deixar atrás homens firmes que continuassem a obra.

Nenhum elogio é exagerado para o evangelista que desperta espiritualmente uma cidade inteira. Mas, quão permanente seria o resultado sem a obra paciente, contínua e regular dos pastores e professores da Escola Dominical? Precisamos dos pioneiros, que iniciam a obra. Porém, não podemos ficar sem os que edificam e fortalecem os frutos da obra de despertamento.

4. O "deus desconhecido" do século vinte. O altar ao "deus desconhecido", da

praça de Atenas, poderia ser erigido hoje em muitas praças públicas da nossa civilização moderna. Para milhões de pessoas, o Deus da Bíblia é o "Deus desconhecido". Consideremos as várias classes de pessoas para as quais Deus é desconhecido:

4.1. Os que deliberadamente escolhem o caminho do pecado. "Qualquer que peca não o viu nem o conheceu" (1 Jo 3.6). O arrependimento é o primeiro passo para o que deseja conhecer a Deus. Jesus disse: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá..." (Jo 7.17). Muitas pessoas não conhecem a Deus porque não desejam conhecê-lo.

4.2. Os que se julgam sábios aos próprios olhos. Alguns intelectuais de nossos dias se orgulham em chamar-se "agnósticos". Estes falsos sábios, tão satisfeitos com a própria ignorância, não se esforçam para se livrar dela. Nos seus escritórios filosóficos, chamam Deus de o "Grande Desconhecido".

4.3. Os formalistas. Muitos passam por rituais eclesiásticos sem qualquer experiência de conhecer a Deus e sem entender, também, o significado daquilo que repetem (1 Jo 4.22). Lutero conversou com um lenhador no bosque, perguntando qual era a sua crença. O lenhador disse: "Creio em tudo aquilo que a Igreja ensina". Infelizmente, quando Lutero perguntou o que a Igreja lhe ensinava, descobriu que o homem nem sabia.

4.4. Para os que o procuram fora da revelação bíblica e de Cristo. Milhões de não-cristãos alegam que crêem em Deus. Mesmo assim, não sabem dizer nada se alguém lhes pergunta: "Que tipo de Deus? O que Ele faz? Como se sente? O que diz?" É só na Bíblia e mediante a pessoa de Jesus Cristo que se pode descobrir as palavras e a vontade de Deus. Jesus Cristo veio trazer este conhecimento. Revelou a divindade em sua natureza visível na terra (Jo 17.3).

Quem se dedica a uma obra religiosa logo descobre que há muitos demônios soltos pelo mundo afora. Tal descoberta não deve deixá-lo desanimado. Afinal de contas, se o mundo estivesse em perfeito juízo, já não precisaria de pregador. E, justamente pelo mundo ter se desviado do bom caminho, o trabalho de um guia é tão necessário. É por causa das enfermidades mortíferas da alma que se procuram médicos para cuidar dela. Quanto mais desligada de Deus estiver uma comunidade, mais urgente é a necessidade de um homem para trabalhar ali.

5. Os limites do esforço evangelístico. Salomão ensina que há tempo para tudo. Será que há tempo certo para se abandonar uma obra evangelística? (ver At 18.6). Missionários têm desperdiçado energia e ânimo em campos que não dão frutos. Continuam, dizendo tratar-se de fé, quando na verdade recusam admitir o fracasso. Se há certeza de que Deus deseja a permanência do obreiro, então ele deve ficar. Existem casos de se esperar 14 ou 18 anos para surgir o primeiro convertido. Depois a obra teve penetração.

Perguntaram a Oscar Wilde, escritor de peças teatrais, qual foi o sucesso de certa peça. Ele respondeu: “A peça foi um grande sucesso, mas o auditório um fracasso”. Queria dizer que achou a sua própria obra escrita uma maravilha, apesar do público a ter rejeitado. Só após um trabalho pastoral cheio de amor cristão podemos dizer: os ouvintes são um grande fracasso. Só então nos será permitido sacudir o pó de debaixo dos pés e deixar o local.

6. A graça de Deus basta. Comparando Atos 18.9 com 1 Coríntios 2.3, podemos imaginar que Paulo sofreu momentos de decepção e desânimo, que fizeram necessária uma visão celestial para ajudá-lo. Às vezes tendemos a colocar o pregador num pedestal, sem levar em conta que ele também tem de passar por provações. O próprio Spurgeon, um dos pregadores mais famosos da história da Igreja, no século passado, disse: “Muitos irmãos vivem sem grandes êxtases espirituais, e sem depressões. Quase gostaria de ter a vida pacífica deles, porque sofro altos e baixos, e, embora tenha maior júbilo espiritual do que muitos outros, também sofro depressões que poucas pessoas sabe- riam entender. Esta semana foi, em muitos sentidos, a mais vitoriosa da minha vida,

mas no fim veio um horror de grandes trevas, acerca do qual só vou dizer o seguinte: dou graças a Deus que, mesmo na minha hora mais negra, por baixo de mim ainda descobri os braços eternos”.

James Gilmour, famoso missionário pioneiro na Mongólia, escreveu numa carta: “Hoje me sinto como Elias no deserto. Será que estou falando a verdade quando digo que senti certa tendência ao suicídio? Aproveito esta oportunidade para dizer que, em todas as ocasiões, deve haver dois missionários juntos. Não pensava assim há umas poucas semanas. Mas então não havia percebido até que ponto sou um indivíduo fraco”.

A natureza humana é fraca. Porém, com a ajuda de Deus podemos vencer as fraquezas e os desencorajamentos. Paulo tinha motivos para sentir desânimo em certas ocasiões. No entanto, nunca se entregou ao pessimismo. Não devemos concentrar nossas atenções nas fraquezas dos grandes homens. Devemos, sim, contemplar a graça de Deus que os transformou em heróis da fé.

7. A fé vence o medo. “Não temas, mas fala, e não te cales”. Guardar silêncio quando devemos falar é covardia. E o medo que nos silencia é quase sempre exagerado. Não é pecado sentir o receio imposto pelo perigo. Só seremos derrotados se nos entregarmos a este medo. O melhor remédio é fazer o que tememos, e o medo foge.

O medo não precisa ser um empecilho ao nosso testemunho. Sentir certo receio (desde que ele não impeça nossa atuação) é espiritualmente mais sadio do que o excesso de confiança em nós mesmos.

É fácil dizer: “Não temas”. No entanto, isto não dá coragem a ninguém! A menos que se dê uma razão sólida contra o temor. A mesma voz que disse a Paulo: “Não temas”, acrescentou: “Porque eu sou contigo”.

8. A profunda prova da espiritualidade. Depois de sofrer tanta oposição em Tessalônica e zombaria em Atenas, "foi Paulo impulsionado pela palavra, testificando aos judeus que Jesus era o Cristo" (18.5). As circunstâncias difíceis poderiam ser um argumento para Paulo silenciar. Mas a Palavra do Senhor estava nele como um fogo ardente. A força motivante do ministério de Paulo era "o amor de Cristo nos constrange" - um forte impulso de anunciar a Palavra e se esforçar em favor da conversão de outros. Eis uma boa prova da profundidade de nossa fé. É o vaso transbordante que vai derramar algo do seu conteúdo ao redor. Demonstramos a realidade de nossa experiência religiosa quando nos sentimos constrangidos a compartilhar a fé.

Texto: Atos 19

Introdução

Comercialmente, Éfeso era o grande mercado da Ásia Menor. Os rios e o mar tinham abundância de peixes. A população era imensa e heterogênea, e sua posição geográfica, privilegiada. Mercadorias de várias partes do mundo estavam ali para redistribuição por terra e mar. Segundo um escritor judeu, contemporâneo de Paulo, a população inteira merecia ser enforcada por suas chocantes imoralidades. Mencionou assassinatos, dissipação, concupiscência, gula e bebedeiras existentes no recinto do grande templo de Diana. A vizinhança do templo cheirava o acúmulo das poluições de toda a Ásia Menor.

Religiosamente, Éfeso era o centro do culto à deusa Diana. Sua imagem, que alegavam ter caído do céu, ficava no santuário interior. O templo era uma das construções mais magníficas daquela era histórica. O culto à deusa muitas vezes era acompanhado por violentas expressões de libertinagem e devassidão. A cidade era a capital das artes mágicas, astrologia, encantamentos, exorcismo de demônios, invocações de espíritos e demais formas de superstição e impostura mágica.

Éfeso constituiu-se num desafio espiritual para Paulo. No entanto, quando o apóstolo deixou a cidade, a fabricação de ídolos tinha sofrido grande recesso. Tanto que o sindicato dos artífices fez uma tentativa violenta de expulsá- lo

(19.21-41).

I - A Preparação (At 18.18-28; 19.1-7)

1. A obra de Áquila e Priscila. Paulo, ao voltar para sua igreja de origem, passou por Éfeso. Lá deixou estes dois obreiros cristãos. Eles se constituíam em fiéis testemunhas de Cristo (18.18-21).

2. A obra de Apolo. Vv. 24-28. Um ensinador bem instruído na fé cristã ("o caminho do Senhor"). Porém, só conhecia o batismo nas águas. Áquila e Priscila perceberam que sua mensagem era incompleta. Então, explicaram-lhe o Evangelho mais profundamente. Ele aceitou de bom grado o que lhe faltava. Passou a anunciar a experiência cristã completa e, mais tarde, deu continuidade à obra em Corinto.

3. A transformação da congregação de Apolo. 19.1-7. Paulo, já na sua terceira viagem missionária, chegou a Éfeso. Encontrou ali uns cristãos que, provavelmente, foram seguidores da pregação de Apolo. Tinham o mesmo problema. Possuíam fé acerca de Cristo, sem a plena conversão, seguida do batismo em Cristo. Paulo notou que entendiam a obra do Senhor de forma incompleta. Isto pela falta de poder espiritual deles. Nada sabiam acerca do Espírito Santo. Após receberem instrução sobre a plenitude do Evangelho, foram batizados na água e demonstraram os dons espirituais, o falar em línguas e a profecia, considerados provas irrefutáveis do pleno batismo no Espírito Santo. Assim, Paulo completou a obra de Apolo.

II – A Evangelização em Grande Escala (At 19.8-10)

1. Pregando na sinagoga. Paulo, como era de seu costume, levou o Evangelho primeiramente aos judeus. Ele já havia pregado na sinagoga em sua primeira visita (18.19). Agora, trabalhou ali durante três meses. Os judeus, povo da promessa, deviam ser os primeiros a aceitar o Messias. No entanto, Paulo fez uma descoberta. Em Éfeso, como nas demais cidades, os piores inimigos deste movimento espiritual indispensável eram os antigos religiosos, ortodoxos e institucionalizados. Finalmente, os judeus de Éfeso repudiaram a mensagem e falaram mal do "Caminho" diante do povo. Por que a religião de Jesus era freqüentemente chamada o "Caminho"? Porque o Cristianismo não consiste apenas de doutrinas a serem aprendidas e cridas. Indica também um caminho de virtude prática a ser seguido na vida diária. É o caminho para o Céu através dos sertões deste mundo.

2. Separação da sinagoga. Paulo não trabalhou em vão. Houve muitas conversões entre judeus e gentios freqüentadores da sinagoga. Os líderes judeus repudiaram o Evangelho abertamente. Paulo afastou-se da sinagoga. Formou, então, uma congregação que se reunia diariamente numa escola. Foi um caso de separação necessária. O ato de Paulo significa um rompimento com a sinagoga e corajoso apelo aos gentios; ver também Atos 13.44,46;18.5-7.

3. Expansão fora da sinagoga. V. 10. Paulo continuou as reuniões durante dois anos. Isto resultou na transformação de Éfeso no centro de onde partiu a evangelização da Ásia Menor. Provavelmente realizaram-se viagens evangelísticas ao redor de Éfeso, estabelecendo pontos de pregação. Além disso, muitos que visitavam Éfeso se convertiam ali. Ao voltarem para casa, iniciaram congregações em suas cidades de origem. Assim surgiu a igreja de Colossos.

III – A Demonstração Milagrosa (At 19.11,12)

"E Deus pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias. De sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades

fugiam deles, e os espíritos malignos saíam". Ver também Atos 5.14,15; Romanos 15.18,19; Hebreus 2.3,4. Esses milagres especiais foram concedidos com os seguintes propósitos:

1. Para derrotar Satanás. Éfeso era uma cidadela co- nhecedora do poder do diabo (cf. Ap 2.13). O Senhor, então, concedeu a Paulo algumas "munições" espirituais peculiares. O objetivo era destruir a fortaleza de Satanás, onde muitas almas estavam cativas.

2. Para desmascarar embusteiros. Em Éfeso havia mágicos alegando possuir capacidade de curar enfermos e expulsar demônios. Como distinguir entre os milagres falsos e o poder do Evangelho? Deus, então, concedeu milagres extraordinários a Paulo. Assim como o sol brilha mais do que uma vela, o poder de Deus brilhava mais que o dos falsificadores. Estes realizavam seus milagres através de truques e sugestões.

Deus enviou Moisés à corte do Faraó. Para isto concedeu-lhe poderes tão maravilhosos que os mágicos egípcios, forçados, reconheciam: "Isto é o dedo de Deus" (Êx 8.19; cf. 7.1-13).

3. Para propagar o Evangelho. Paulo era desconhecido em Éfeso. O poder de Deus fez a diferença. Senão o classificariam entre os inúmeros mestres de religião, filósofos e importadores de seitas que infestavam a cidade. Surgiram, então, as curas milagrosas. E todos começaram a falar sobre o pregador. Observe como Deus adaptou a natureza dos milagres ao modo de pensar dos efésios. O povo estava acostumado a ver mágicos aplicarem objetos, ditos sagrados e amuletos ao corpo do doente, para curá-lo. Deus operou milagres especiais por meio de Paulo. Isto causou forte impressão, de tal maneira que as atenções se voltaram para o que o apóstolo anunciava. Milagres nem sempre produzem conversão (Lc 16.31), mas fazem com que o povo preste atenção à mensagem pregada. Os milagres podem ser chamados "anúncios" (sinais) sobrenaturais para a pregação do Evangelho.

4. Para libertar os prisioneiros de Satanás. Paulo ministrou a cura, por meio deste ministério, a pessoas ausentes às reuniões e moradoras de cidades distantes. Note-se, porém: não era Paulo quem operava os milagres. Deus os operava através das mãos de Paulo. O apóstolo era um simples instrumento. Ele não fazia uso de Deus. Deus é quem fazia uso de Paulo. Entende-se que era necessário fé da parte dos que recebiam os lenços (ver Mt 9.20-22). Não eram amuletos. Eram, sim, lembretes aos doentes e espíritos de enfermidade de que Paulo tinha feito a oração da fé.

IV - A Poderosa Convicção (At 19.13-20)

Exorcistas ambulantes (que ganhavam a vida expulsando demônios) visitavam a cidade. Ouviram falar de Paulo, e foram a uma de suas reuniões. Viam Paulo expulsando demônios e queriam saber o "nome" que lhe deu poder (os efésios acreditavam que expulsariam demônios pronunciando algum nome de divindade). Aproximando-se mais de Paulo, devem tê-lo ouvido dizer: "Em nome de Jesus, sai dele!" Concluíram que o segredo jazia no emprego do nome de "Jesus". Acreditando possuir o segredo, foram praticar sua última novidade. Só que, não possuindo a fé real em Jesus, diziam: "Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega". Não podiam expulsar demônios em nome do "Jesus a quem conhecemos e a quem servimos".

O diabo não se ilude com rituais vazios, nem com o pronunciamento de fórmulas decoradas. Ainda que a fórmula tenha o próprio nome de Jesus. O espírito maligno respondeu através da sua vítima: "Conheço a Jesus, e bem sei quem é Paulo; mas vós quem sois?" Dizendo assim, fez a vítima pular sobre os falsários que usavam o nome de Jesus para suas conveniências. Foram surrados e expulsos da casa com as roupas rasgadas. Homens sem espiritualidade não podem produzir resultados espirituais.

Qual o resultado do desmascaramento destes curandeiros falsos?

1. Veio temor sobre o povo. A santidade do nome de Jesus foi manifesta. Isto despertou temor, ou seja, profunda reverência religiosa em todos que souberam do acontecido. Ninguém ousaria se juntar ao grupo dos cristãos para professar o nome de Jesus leviana ou insinceramente. Ver Atos 5.11,12,13.

2. O nome de Jesus foi glorificado. Talvez o mais importante do incidente foi: "E o nome do Senhor Jesus era engrandecido". Era comum em Éfeso pronunciar-se o nome de um deus, anjo ou espírito sobre os aflitos. Havia dúzias de nomes considerados sagrados que se invocavam assim. A derrota dos filhos de Ceva, portanto, serviu a um duplo propósito. Deu publicidade ao nome de Jesus exaltando-o acima dos outros (Fp 2.9). Distinguiu o nome de Jesus dos nomes dos ídolos e falsas divindades. Demonstrou aos pagãos que o nome de Jesus é santo. Não podia ser utilizado pelos insinceros e ímpios negociantes de magias. Todos souberam que somente pessoas santificadas podem invocar o nome santo.

3. A igreja recebeu nova convicção. Muitos interessados no Evangelho não romperam completamente com o passado. Continuavam com algum objeto do paganismo e da magia. Vendo o que aconteceu aos que procuraram combinar o nome de Jesus com a prática da magia, temeram. Tomados de convicção espiritual, confessaram publicamente seus atos. E queimaram seus livros, que valiam uma fortuna. A situação nos dá algumas lições. A confissão é o princípio da vitória sobre o pecado. Boa parte da força que o pecado tem é devido ao fato de ser sigiloso. Os ídolos secretos do coração devem ser apontados pelo nome, expulsos e queimados. Muitas cidades precisam de um mutirão público para a queima total de literatura danosa. Necessitamos do fogo divino para consumir as páginas mortas do nosso passado pecaminoso. Fazer esta queima agora evita a queima futura descrita em 1 Coríntios 3.12-15.

4. A Palavra de Deus obteve vitórias. "Assim a palavra do Senhor crescia

poderosamente e prevalecia". Devemos notar que não era Paulo quem crescia e prevalecia (ver 1 Co 3.6). É a mensagem de Deus que recebe a honra, não o mensageiro. O versículo contém duas ilustrações da Palavra de Deus. (1) Um poder vital: a Palavra "crescia". Plantada em Éfeso como pequena semente, cresceu como grande árvore carregada de frutos (ver Mt 13.31,32). (2) Um poder vitorioso: "prevalecia". Triunfou sobre as falsas seitas e doutrinas daquela cidade pagã.

V – Ensinamentos Práticos

1. Falando mal do Caminho. V. 9. O Cristianismo é caluniado por muitos tipos de inimigos. As ciências são usadas para argumentar contra a fé cristã: a biologia, a astronomia, a psicologia, as ciências econômicas, a sociologia. Se o cristão espera anular todos os ataques contra a fé antes de pregar o Evangelho, jamais começará.

Jesus avisou seus seguidores para esperarem oposição. Na igreja, alguns se queixam dos problemas, de que vivemos em tempos difíceis. Mas é importante sabermos que a Igreja foi edificada para agüentar tudo isso. A promessa de que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" dá a entender que ataques infernais foram previstos. Porém, a Igreja foi equipada com poder sobrenatural para a vitória contra as hostes malignas.

As mentiras contra o Cristianismo não o tornam falso. Muita lama já tem sido jogada contra a Igreja. Mas sai facilmente com escova depois de um tempo para ela secar!

2. Qual é o Jesus que pregamos? Os sete exorcistas queriam resultados, lançando mão do nome de Jesus, pregado por Paulo. O resultado foi

humilhação e fracasso: "Conheço a Jesus, e bem sei quem é Paulo; mas vós quem sois?" respondeu o espírito maligno. Podemos pregar em nome do Jesus anunciado por Wesley, Whitefield, Moody, Finney e Spurgeon. Mas, se não temos nossa própria comunhão, obedecendo e sendo dirigidos pelo Senhor, as forças do mal poderão prevalecer contra nós.

O Cristo desses homens de fé precisa ser também nosso. O poder que possuíam deve ser nosso. A consagração deles deve ser também a nossa. Assim, derrotaremos as forças malignas nos dias atuais, como eles nos seus dias. O nome de Jesus é poderoso. Mas não tem efeito quando repetido como por um papagaio. Só porque alguém soube que o nome de Jesus operou na vida ou ministério de algum grande homem de fé.

3. Jesus e os falsários. Jesus não é um nome que pode ser usado para os falsários tirarem vantagem. Muitos desejam abusar deste nome para obterem seguidores e apoiadores. E multidões seguem falsas seitas por amor ao nome de Jesus. Mais cedo ou mais tarde, porém, aquilo que é falso será desmascarado e castigado.

João escreve: "Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo" (1 Jo 4.1). Acrescenta também a seguinte prova de doutrina: "E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus". Isto inclui crer na sua morte expiatória, na sua ressurreição e na sua ascensão ao Céu. É muito importante descobrir, também, qual o relacionamento pessoal de todo mestre religioso com o Senhor Jesus Cristo.

4. O arrependimento que rompe com o pecado. Vv. 18,19. Consideremos três lições sobre o arrependimento. Quem quer desviar seus passos do mau caminho precisa agir com decisão e prontidão. Há assuntos que precisam de muita deliberação e reflexão. Mas, quando a casa pega fogo, ninguém fica sentado refletindo sobre o assunto. E nenhum incêndio é tão perigoso como o que

irrompe na natureza corrupta do ser humano. Quando alguém abandona o pecado, deve queimar todas as pontes pelas quais poderia voltar. Depois da travessia do mar Vermelho, o Egito deve ser esquecido para sempre. Ninguém, ao abandonar a jogatina, deve guardar seus equipamentos pensando: "Vou deixar isso para sempre. Mas guardo estas coisas para o caso de eu mais tarde pensar de modo diferente e querer voltar à jogatina". Muitos, segundo parece, conservam o pecado em "estufa" enquanto experimentam a virtude para ver se vão gostar dela. O arrependimento às vezes inclui a restituição. As brigas devem chegar ao fim; as calúnias, ser dissipadas; o dinheiro obtido ilicitamente, devolvido.

5. Livros proibidos. Os cristãos devem abandonar totalmente os seguintes tipos de livros:

5.1. Livros que dão um falso conceito da vida humana. Existem novelas cristãs que inspiram a alma e a mente. As populares, na sua maioria, sutilmente atacam as virtudes básicas de uma sociedade sã. E, também, as instituições que têm promovido o bem-estar moral e espiritual. Não devemos ficar fascinados com a palavra impressa e seus estilos agradáveis. Nem tudo que se lê é verdade, por mais bem escrito e apresentado que seja.

5.2. Livros que contém uma mistura de coisas instrutivas e imorais. Qual parte fica com o leitor? A parte podre! O coração da maior parte das pessoas é como crivo: deixa passar as partículas de ouro e conserva as grandes cinzas.

5.3. Livros que corrompem a imaginação. Certo escritor disse: "Seria melhor ser um assassino do que ser escritor de um livro imoral. O assassino mata o corpo uma vez, mas o escritor de um livro imoral pode ir assassinando almas enquanto existir o livro".

5.4. Livros que transtornam e abalam a fé. O pensador ateu David Hume cria nas Escrituras até que leu vários livros de homens ímpios. Seu objetivo era se preparar para um debate do qual tinha que participar. Conta-se que Voltaire, outro filósofo pagão, decorou uma poesia profana com cinco anos de idade, e nunca mais escapou da sua influência perniciosa.

Paulo Despede-se dos Efésios

Texto: Atos 20.17-38

Introdução

Um ministro fiel, ao deixar o rebanho, pode despertar mais a consciência da igreja do que durante todo o tempo em que passou ao lado das ovelhas. Os que dormem em meio ao som dos moinhos, às vezes, despertam de repente quando cessa o barulho. Não há dúvida que palavras de despedida, do fundo do coração, podem revelar aspectos da personalidade não percebidos. A despedida de Paulo, dirigida aos presbíteros da igreja de Éfeso, mostra as razões mais profundas que impulsionavam o grande apóstolo.

I - Um Histórico Pessoal (At 20.17-21)

Atos l9 dá-nos um exemplo histórico do ministério de Paulo. Aqui, o próprio Paulo resume historicamente o mesmo ministério, do ponto de vista das convicções e sentimentos próprios. “Vós bem sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós”.

Paulo era humilde e bondoso de espírito. Apesar dos freqüentes atentados, pregava publicamente e de casa em casa, não diluindo a sua mensagem para evitar oposição. Nem procurava agradar o gosto popular para ganhar algo com isso. Em toda e qualquer ocasião, reiterava as grandes verdades do Evangelho, “a conversão a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo”.

II - Expectativas Pessoais (At 20.22-25)

“E agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer”. O próprio Espírito Santo o constrangia a avançar de vitória em vitória na vida cristã. E agora o levava a Jerusalém, apesar das conseqüências. A viagem era da vontade de Deus. Paulo só não entendia o porquê. Mais tarde, porém, compreendeu. Ir a Jerusalém era o caminho para Deus conceder seu grande desejo de ministrar em Roma (At 19.21; Rm 1.9-13). Deus planejava o modo certo de proteger seu servo contra todas as ciladas e levá-lo em segurança para Roma.

Uma coisa Paulo sabia acerca da visita a Jerusalém: “O Espírito Santo de cidade em cidade me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações”. Em cada grupo de cristãos que visitava, saía uma mensagem profética declarando este fato (21.4,10,11).

“Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus”. Nas palavras do apóstolo entrevemos batalhas espirituais travadas e vencidas. O v. 13 menciona uma caminhada de Paulo acima de 30 quilômetros a sós. Pode ter sido um tipo de Getsêmane espiritual para ele. Um período durante o qual resolveu firmemente ir a Jerusalém, apesar das conseqüências.

Pouca coisa prova tanto o caráter de um homem quanto ele saber que alguma desgraça o aguarda. Paulo, como qualquer ser humano, deve ter sentido tremores, mas firmou-se no cumprimento do dever. O que lhe deu coragem para enfrentar o pior foi a consciência de estar no centro da vontade de Deus.

III – Aconselhamentos Pastorais (At 20.26-31)

Paulo, sentindo que não teria outra oportunidade de estar com aqueles presbíteros, lembrou-lhes que a sua missão, entre eles, já está cumprida. Agora teriam que cumprir a deles. “Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos” (Ez 3.17-21). “Porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus” (a vontade divina com respeito à salvação do homem).

Paulo nunca diminuiu ou escondeu algo de sua mensagem por covardia, preguiça ou desejo de louvores. Não seguiu suas preferências pessoais na escolha de tópicos a pregar.

Paulo demonstrou seus motivos espirituais, despertando os presbíteros a cumprirem fielmente seus ministérios. “Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue” (ver Jo 21.15; At 13.2; 1 Pe 5.1,2). Seria um grande pecado negligenciar o povo de Deus, comprado a tão alto preço. Paulo adverte sobre dois perigos. Primeiro, contra a intrusão de falsos mestres, chamados “lobos cruéis”. Estes vivem às custas do rebanho e não em prol dele (Ap 2.1,2). Segundo, contra os que causariam separações na igreja, ensinando doutrinas contrárias às Escrituras (Rm 16.17,18; 1 Tm 3.6; 2 Tm 1.5; 1 Jo 2.26; 4.1,3,5).

Quanto à vigilância do rebanho, Paulo cita seu próprio exemplo (v. 31). O ditado conhecido diz: “A eterna vigilância é o preço da liberdade”. Este cuidado

também é necessário para a união espiritual dos membros da Igreja.

IV - Aplicações Práticas (At 20.32-38)

1. A bênção proferida por Paulo. Paulo, depois de advertir e exortar os presbíteros, entrega-os aos cuidados de Deus: "Agora pois, irmãos, encomendo-vos a Deus [que os ajudará no cumprimento do dever] e à palavra da sua graça [que os protegerá contra as doutrinas falsas]; a Ele que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados". As separações são dolorosas, portanto, o mais encorajante que podemos dizer é: "Encomendo você ao Senhor".

2. O altruísmo de Paulo. "De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem o vestido". Paulo contrasta seu exemplo com o dos falsos obreiros, que atraem discípulos atrás de si mesmos, visando ganhos (1 Tm 6.5-10; Rm 16.17,18; 2 Pe 2.14,15). Paulo não permitiu que a mínima cobiça obs- curecesse sua visão das almas necessitadas. Não permitiu que nenhum interesse em ouro ou prata diminuísse sua paixão pelas almas.

As ações de Paulo confirmaram seu testemunho: "Vós mesmos sabeis que para o que me era necessário a mim, e aos que estão comigo, estas mãos me serviram".

3. O exemplo de Cristo. "É necessário... recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber". O apóstolo não se limita a chamar a atenção para sua própria vida cristã. Como João Batista, faz de sua pessoa apenas um ponto de contato que indica um outro: o Senhor Jesus Cristo, perfeito modelo. Todos reconheciam que seus deveres e inspiração procediam da sua crença na pessoa divina. A caridade que não é acesa com fogo celestial será facilmente apagada pelos ventos da terra. O que não se firma em Deus não tem eterna durabilidade. As palavras de Cristo, citadas por Paulo,

não se acham nos evangelhos. Porém, causaram impressão nos seguidores de Cristo e foram repetidas por eles. A felicidade de dar só é conhecida pela experiência.

V – Ensinamentos Práticos

1. "... e pelas casas". Paulo lembra os presbíteros de que ensinou publicamente e também de casa em casa. As concentrações evangelísticas sempre serão necessárias. Mas depois precisarão ser apoiadas por visitação de casa em casa e evangelismo de crianças. Alguns planos de extensão da Escola Dominical atingem os filhos de famílias desvinculadas da igreja. Tais reuniões são feitas em casas particulares de modo mais íntimo. Certa igreja obteve 543 conversões em seis meses por meio desse trabalho. Há igrejas que se dedicam a dar retoques finais a crentes já muito bem doutrinados. Isto quando a maior necessidade é procurar os perdidos nas esquinas e ao longo das estradas.

2. O poder de um propósito supremo. Paulo, constrangido pelo Espírito Santo, exemplifica o poder e o impacto de um propósito sublime e dominante. Em cada cidade que passava, surgiam profecias de sofrimentos reservados em Jerusalém. Em cada igreja, seus amados convertidos lhe imploravam que evitasse tal acontecimento. Além disso, havia a incerteza quanto à exata forma da provação. Tudo isso bastaria para desencorajar e fazer voltar atrás um homem mais fraco. Paulo, no entanto, sentia que a vontade de Deus era aquela mesma. Para ele, isso decidia a questão em todas as circunstâncias.

O mundo está cheio de vozes contraditórias. Há ocasiões em que não sabemos a direção que devemos tomar. Um amigo sugere caminhar para lá; outro para cá. A voz da vontade própria aponta as vantagens terrenas, enquanto a do dever fica sempre ao nosso lado. O que o mundo chama de bom senso procura arrazoar conosco. Mas, exigências de consagração aguardam a nossa decisão. Em tais casos, é triste a situação do homem que não tem um propósito nobre para

controlar os seus passos. Ele fica como navio sem leme, à mercê dos ventos e ondas. Bem-aventurado o homem resoluto em procurar a vontade de Deus em tudo. Esse tem a garantia de um caráter forte e uma vida vitoriosa. Paulo, na sua vida espiritual, demonstrou tenacidade de propósito. Isto não permitia que qualquer obstáculo o impedisse de chegar ao seu alvo espiritual. Seu exemplo continua a falar, conclamando-nos a seguirmos adiante: “Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”.

3. A convicção em meio à incerteza. “E agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer”. Paulo não tinha certeza quanto ao que lhe aconteceria exatamente. Porém, tinha a convicção de estar dentro da vontade divina. A certeza depende de circunstâncias externas; a convicção espiritual, do conhecimento da natureza de Deus, nosso bondoso, santo e justo Pai celestial. E também da nossa comunhão com Ele enquanto seguimos o caminho indicado.

Jesus disse a seus discípulos: “Vós sabeis para onde vou, e conheceis o caminho”. Tomé, o pessimista, retrucou: “Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?” (Jo 14.5). O Senhor queria dizer que o mais importante era o ponto de chegada. Sabendo isso, era fácil escolher o itinerário. Jesus respondeu: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida”. Os discípulos não conheceriam ainda o destino final, invisível e espiritual. O caminho, no entanto, podiam conhecer de imediato. Tratava-se apenas de andar sempre pertinho do próprio Jesus. É só seguir a Ele para então chegar ao destino final, incompreensível agora com nossas mentes humanas.

É difícil planejar a vida para o futuro mais distante. Como Paulo, entramos em nossos amanhãs sem saber o que vai acontecer. Porém, andando com Deus teremos a certeza de que cada passo nos leva para mais perto do que nos está reservado: o Lar celestial. Esta comunhão com o Senhor produzirá em nós a fé que “é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem”.

4. “E o Deus... vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá” (1 Pe 5.10). Paulo, no meio dos perigos e prenúncios, dizia calmamente: “Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira...” Não ficou perturbado, nem se desviou do seu curso. Muitas coisas ameaçam nos perturbar ou desviar da carreira cristã: tristezas, notícias boas e emocionantes, mudanças de residência. Coisas deste tipo podem nos levar a perder o apego a coisas que considerávamos importantes. Nesta vida, mais cedo ou mais tarde, encontramos coisas que ameaçam alterar nosso curso.

Daniel orava regularmente. O rei assinou um decreto proibindo a oração durante 30 dias. Será que Daniel ficou confuso, perturbado e com dúvidas quanto ao que devia fazer? Nada disso. “Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa (ora havia no seu quarto janelas abertas da banda de Jerusalém), e três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como também antes costumava fazer” (Dn 6.10). Daniel sentia que não podia alterar seu costume diário de oração, nem abafar sua consciência religiosa.

Existem os que oram durante os anos de labuta e pobreza. Porém, chegando a prosperidade deixam de orar. Outros servem a Deus enquanto tudo vai bem, mas se desviam quando o caminho parece difícil. Bem-aventurado o que se firma no Senhor. Seu coração é fortalecido contra mudanças e imprevistos deste mundo tão fugaz. Não se deixar abalar facilmente é sinal de um caráter forte.

Para evitar abalos e transtornos é preciso encarar as coisas na perspectiva certa, diante das realidades eternas. Às vezes, erramos ao considerar importante o que não tem significado diante de Deus. Ou ao não darmos valor àquilo que Deus considera de máxima importância. Há momentos em que os eventos e circunstâncias nos querem perturbar. Então devemos, em espírito, nos assentar em lugares celestiais e examinar tudo do ponto de vista divino. Então, os altos e baixos desta curta vida serão nada em comparação com as coisas que Deus preparou para os que o amam.

5. A vida é uma carreira. "Contanto que cumpra com alegria a minha carreira". Qual a finalidade da nossa presença neste mundo? Esta pergunta antiga já recebeu muitas respostas. Para o prazer, obter fama, conquistar riquezas, acumular virtudes etc.

Paulo entendia a vida como carreira. Uma corrida em direção ao alvo. Situação que exigia esforços, todos na mesma direção e levando a uma única finalidade. E ninguém consegue fazer nada que valha a pena sem adotar este ponto de vista. As vidas que procuram o comodismo são insignificantes. O homem que transforma a situação, pela graça de Deus, é o que com perseverança assume a corrida que lhe foi preparada. Devíamos procurar completar a carreira que Deus propôs com senso de dever, obrigação e fidelidade. Assim haveria menos egoísmo, desperdício, fraquezas e coisas das quais nos arrependeríamos amargamente na velhice.

Feliz o homem que pode dizer no fim da sua vida: "Acabei a carreira... Desde agora, a coroa da justiça me está guardada..." (2 Tm 4.7,8).

6. Todo o desígnio de Deus. Alguém comentou que cada pregador tem dois ou três assuntos favoritos. Referia-se à

tendência de cairmos na rotina, falando sobre o que mais nos agrada. Essa tentação deve ser resistida. Para agradar aos ouvintes, ou à própria consciência, culpada em certos assuntos, damos ênfase demasiada a certas partes do desígnio de Deus. Ao ponto de diminuirmos outras partes, causando perigos às almas dos ouvintes. Talvez não conheçamos nem entendamos todos os detalhes do desígnio de Deus e da sua vontade revelada nas Escrituras. Mas continua sendo nosso dever anunciar tudo quanto entendemos. E isto nos ajudará a entender e anunciar muito mais ainda.

7. Cuida de ti mesmo. Quanto mais o pregador ou professor absorve o Espírito de Cristo, mais benefício os ouvintes obterão do seu ministério. Aquele que descuida de sua própria alma, nunca saberá cuidar dos outros. Talentos, personalidade e esforço especial podem ajudar o obreiro a executar parte de sua obra. A verdade, porém, é que somente o que tem profunda espiritualidade e comunhão com Cristo chegará ao fim da jornada.

8. O Espírito Santo e o ministério. "O rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos [ou vigilantes]..." Cristo, indo embora deste mundo, confiou ao Espírito Santo a tarefa de constituir os ministros da igreja. Na Igreja Primitiva, a orientação do Espírito Santo sempre era procurada na seleção dos líderes e oficiais.

Infelizmente, a nomeação e demissão de ministros, no decurso dos séculos, tem sido freqüentemente influenciada por agrados e desagrados pessoais. Por "politicagem", conveniências e outros aspectos meramente humanos e carnais. Embora os membros da igreja votem, a verdade é que não têm condições de fazê-lo sem ouvir a voz de Deus sobre o assunto. E a única maioria aceita por Deus é a companhia dos que obedecem à orientação do Espírito. Em muitas igrejas, a obra do Senhor seria muito melhor se o assunto da escolha do ministro fosse devolvido ao Espírito Santo.

9. A bem-aventurança de dar. "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber". Por que há mais bênção e felicidade em dar? O dar é divino. O próprio Deus é doador e por isso "ama ao que dá com alegria" (2 Co 9.7). O dar é cristão. Estas palavras de Cristo são uma boa descrição de sua vida. Ele andava fazendo o bem, e disse aos discípulos: "De graça recebestes, de graça dai" (Mt 10.8). É angelical, porque está escrito que os anjos são espíritos ministradores (Hb 1.14). O dar enobrece. Quem sempre recebe fica mesquinho e egoísta. Quem dá aos outros e serve ao próximo desenvolve um caráter que o traz mais perto de Cristo. O dar receberá galardão. Embora os que ofertem dêem pouca atenção à recompensa própria (Mt 25.31-46).

Paulo Vai a Jerusalém

Texto: Atos 21 e 22

Introdução

Muitos críticos modernos desprezam o Cristianismo. Dizem ser a religião dos fracos que não têm coragem de enfrentar a batalha da vida. Segundo eles, os ensinamentos do Cristianismo minam o dinamismo do homem. Deixa-o sem caráter, de tal maneira que prefere cantar hinos, trazendo à mente os sonhos de um mundo futuro. A vida de Paulo, porém, modelo para outros cristãos, desmente este falso conceito. Estes capítulos de Atos demonstram o contrário. Paulo possuía força moral para menosprezar os sofrimentos e a própria morte enquanto cumpria seu dever. Tudo devido à sua devoção a Cristo. O apóstolo sempre vivia à altura da exortação que deu aos outros: “Vigiai, estai firmes na fé: portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos” (1 Co 16.13).

I – A Firme Resolução de Paulo (At 21.1-17)

A terceira viagem missionária de Paulo chegava ao fim. Ele se aproximava de Jerusalém. Iria cumprimentar os irmãos na fé e entregar a oferta levantada para os cristãos necessitados. Naturalmente, teria prazer em rever a cidade santa.

Embora tivessem surgido, cidade após cidade, profecias acerca da sua prisão em Jerusalém. Como ele mesmo disse: “E agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer; senão o que o Espírito Santo de cidade em cidade me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações” (20.22,23).

Paulo, embora corajoso, não se lançava estultamente em meio a perigos. E, por certo, deve ter havido um tempo durante o qual se perguntou: “Será que devo ir? É a vontade de Deus para mim, que eu enfrente o ódio e a violência dos judeus ali?” É possível que Paulo tenha feito a longa caminhada a Assom meditando e orando acerca do assunto (20.13). Depois disso, podia dizer: “Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus” (20.24). Paulo, como seu Mestre, foi em direção a Jerusalém para enfrentar tudo quanto ali o aguardava (Lc 9.51).

1. O apelo amigo. Em Tiro e Cesaréia, Paulo ouviu novamente o Espírito profetizando sua prisão (21.4,11). Paulo aceitou tais mensagens como advertências divinas para se preparar a enfrentar o pior (Jo 16.1,2). Muitos cristãos, no entanto, entendiam que se tratassem de admoesta- ções contra a sua ida à cidade santa. Conforme o próprio Lucas relata: “E, ouvindo nós isto, rogamos-lhe, tanto nós como os que eram daquele lugar, que não subisse a Jerusalém”. Os amigos de Paulo fizeram como Pedro que, com as melhores intenções, queria dissuadir o Mestre de ir a Jerusalém (Mt 16.22).

2. A resposta heróica. “Mas Paulo respondeu: Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus”. A resposta não foi dada

sem experiência de como é o sofrimento e a morte. Durante 20 anos Paulo conviveu com o sofrimento e o risco de morte. Não havia a esperança secreta de

ambos serem evitados. A profecia no Espírito era certa. A resposta não tinha o tom do desespero. Paulo, facilmente, poderia deixar de ir a Jerusalém, escapando do que o aguardava. Não havia atitude de jactância na resposta. Como quando Pedro quis cobrir suas fraquezas com grandes promessas (Lc 22.33). A resolução de Pedro foi feita num impulso e baseada nas próprias forças. A de Paulo era fruto de muita oração e deliberação.

A atitude resoluta de Paulo foi repetida por Lutero, muitos séculos mais tarde. Um príncipe alemão advertiu Lutero do perigo de ir à Dieta de Worms, para comparecer diante dos representantes do Papa. Então o reformador respondeu: "Mesmo se houvesse tantos diabos ali quanto há telhas nas casas em Worms, eu haveria de ir para lá".

Paulo tinha motivos fortes para entrar deliberadamente na "boca do leão". Os judaizantes espalharam boatos maliciosos, que Paulo desejava refutar, para o bem da Igreja (ver o debate dos judaizantes em At 15). Estes boatos ameaçavam virar os cristãos judeus contra o ministério do apóstolo. Isto causaria um rompimento entre os dois setores da Igreja: judaico e gentio. Paulo estava disposto a dar sua vida para evitar tal separação trágica e anticristã.

Havia outro motivo divino impulsionando Paulo. Ele não o conhecia até que chegou em Jerusalém. Paulo teve uma experiência perturbadora (23.1-10), durante a qual talvez tenha duvidado se estava realmente dentro do plano de Deus. "E na noite seguinte, apresentando-se-lhe o Senhor, disse: Paulo, tem ânimo: porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma" (23.11). Era, portanto, a vontade de Deus que Paulo se tornasse prisioneiro dos romanos. Processado diante do próprio César, cumpriria sua comissão aos gentios e na presença de reis (At 9.15).

3. A submissa obediência. "E, como não podíamos convencê-lo, nos aquietamos dizendo: Faça-se a vontade do Senhor". Perceberam que Paulo não agia ou falava como quem está fora da vontade de Deus. Portanto, não desejavam que a

afeição para com ele os levasse a persuadi-lo a não cumprir o dever.

II – O Grave Perigo de Paulo (At 21.27-34)

Ler também 21.18-26. Paulo, chegando em Jerusalém, foi dar seu relatório aos líderes da Igreja. Estes lhes deram parabéns pela obra missionária. Ao mesmo tempo, avisaram-no que milhares de cristãos judeus interpretavam mal sua obra. Pensavam ser ele um tipo de anarquista religioso. Alguém que instigava os judeus, pelo mundo afora, a abandonarem a Lei de Moisés.

Os líderes sugeriram que ele fizesse concessões a esses cristãos judeus. Assim desmancharia tais acusações e comprovaria não ser destruidor das tradições do Antigo Testamento. Paulo, então, patrocinou as despesas de quatro homens que haviam feito um voto segundo a Lei de Moisés. O apóstolo permaneceria no Templo durante sete dias, até oferecerem os sacrifícios que indicavam o cumprimento do voto. Assim, ninguém diria que Paulo era inimigo das tradições.

O apóstolo aceitou por não estar em jogo a liberdade espiritual dos gentios. Sempre estava disposto a entrar em acordo caridoso com os outros. Desde que não precisasse abrir mão de verdades fundamentais (1 Co 9.20). Os acontecimentos que se seguiram ilustram as tribulações de um homem justo.

1. Paulo falsamente acusado. Do ponto de vista dos cristãos judeus, o plano foi um sucesso. Paulo estava no Templo. Porém, entre um grupo de judeus da Ásia Menor, alguém reconheceu o apóstolo. Ele, considerado um rabino apóstata que pregava um Messias crucificado: "E quando os sete dias estavam quase a terminar, os judeus da Ásia, vendo-o no templo, alvoroçaram todo o povo e lançaram mão dele".

Fizeram as seguintes acusações contra Paulo:

1.1. Conduta antipatriótica. “Este é o homem que por todas as partes ensina a todos, contra o povo [de Israel]”. Ele era o que ensinava e escrevia serem os gentios tão bons quanto os judeus. E ia de lugar em lugar, causando tumultos, exigindo a intervenção de soldados romanos. Até então, para os judeus ortodoxos, quem se convertia ao Cristianismo era um traidor à nação e à família. Como um soldado que, em plena luta, deserta dos camaradas e passa para o lado do inimigo.

1.2. Blasfêmia. “Ensina... contra a lei”. Comparar 21.2125. Acusavam Paulo de dizer que a santa Lei fora cancelada para dar lugar aos ensinamentos de Jesus, o crucificado.

1.3. Sacrilégio. “Ensina... contra este lugar [o Templo]... e profanou este santo lugar” (“Porque tinham visto com ele na cidade a Trófimo de Éfeso, o qual pensavam que Paulo introduzira no templo”). Os gentios podiam entrar na parte do Templo chamada “átrio dos gentios”. Mas, entrar no “átrio de Israel” era uma ofensa que acarretava a pena de morte.

2. Paulo quase assassinado. Vv. 30-34. Qualquer israelita que profanasse o Templo seria castigado com “a surra do apóstata” (linchamento judaico). Mesmo um romano não escaparia da pena de morte. Se Paulo estivesse no átrio público, seria esquartejado, mas, no átrio sagrado não podia ser morto assim. O povo “religioso” não o assassinaria num lugar sagrado!

Sem ouvirem explicações, os judeus arrastavam Paulo pelos 15 degraus, para o lugar público. Enquanto isso, os levitas e guardas do Templo procuravam fechar as portas atrás da multidão furiosa. Assim evitariam o derramamento de sangue no átrio sagrado. O clamor despertou a fúria de todos e muitos acorreram de

várias partes do Templo. Dentro de mais uns instantes o chão seria manchado com sangue.

O sentinela romano, do palácio que dominava uma esquina do Templo, soou o alarme. A multidão, ouvindo a rápida aproximação dos soldados pesadamente armados, cedeu caminho a eles. Sabiam, por experiência, como agiam os romanos. Paulo foi deixado aos cuidados dos guardas. Estes devem ter imaginado que Paulo fosse algum criminoso da mais baixa espécie. Para ser atacado assim pela multidão! Pouco sabiam acerca das questões religiosas dos judeus.

Paulo, preso e acorrentado, ficou com o ânimo quebran- tado? Resolveu nunca mais pregar aos seus compatriotas mal-agradecidos? Desejou invocar contra eles a vingança de Roma? Não. Seu pedido foi: “Rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo” (v. 39). Percebe-se que Paulo guiava sua vida pelo lema: “Quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho” (Rm 1.15).

III – Ensinamentos Práticos

1. O caminho da dedicação. Vemos, neste trecho de Atos, Paulo percorrendo mais um pouco o caminho da dedicação. Compare as recomendações dadas em 21.4 sobre a ida a Jerusalém com o que Paulo sofreu da multidão. Alguns, baseados nesta comparação, acham que o apóstolo estava fora da vontade de Deus. Que ele errou ao avançar até Jerusalém apesar dos avisos quanto ao perigo. A resposta é que sofrer adversidade não indica, de modo algum, estar alguém fora da vontade de Deus. Pelo contrário, sabemos que os que desejam uma vida de dedicação a Jesus Cristo sofrerão perseguições. E o próprio Jesus Cristo anunciou com respeito ao seu servo Paulo: “E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome” (At 9.16).

Como alguém pode, então, saber que o seu sofrimento está de acordo com a vontade de Deus? Primeiro, pelo fato de a consciência estar em perfeita paz com Deus. Segundo, o próprio Deus dará uma confirmação de uma maneira ou outra (At 23.11; Gn 45.4-7).

2. Tirando conclusões apressadas. Certo dia, os judeus da Ásia viram Paulo andando na cidade com um gentio. No dia seguinte, viram Paulo no Templo. Conclusão: Paulo introduziu um gentio no Templo para profanar o lugar sagrado! Aquela fraca evidência, juntamente com o ódio deles, bastou para tramarem a morte de Paulo!

Nossos evolucionistas modernos tomam um dente com uns pedaços de ossos e "produzem" o tipo de animal que lhes faltava na sua série de "elos evolucionários". Da mesma forma osjudeus da Ásia conseguiram edificar acusações de sacrilégio, deslealdade e blasfêmia baseados em dois incidentes insignificantes e desconexos: "Porque tinham visto com ele na cidade a Trófimo d'Éfeso, o qual pensavam que Paulo introduzira no templo".

É fácil demais fazer uma suposição errada! Uma palavra aqui, um gesto ali, um olhar acolá e a imaginação cheia de suspeitas, preconceitos e prevenções pode produzir o quadro. Uma situação que não tem conexão alguma com a realidade. Devemos evitar fazer mau juízo do nosso próximo. Juízos baseados nas mínimas evidências fartamente interpretadas por nós ao lembrarmos repetidas vezes o que foi dito ou feito. "Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça" (Jo 7.24). O amor "não suspeita mal" (1 Co 13.5).

3. Caráter e reputação. "Este é o homem que por todas as partes ensina a todos, contra o povo e contra a lei, e contra este lugar". Estas palavras mostram a reputação que Paulo tinha entre certos grupos. No entanto, certamente não descrevem fielmente o seu caráter. E há uma grande diferença: o caráter é o que somos, a reputação é o que dizem ou pensam que somos. Uma pessoa de bom caráter pode, por algum tempo, ter péssima reputação devido às calúnias de

inimigos. Jesus Cristo, sem pecado, a revelação na terra da perfeição de Deus, foi descrito como pecador, violador do sábado e foi acusado de expulsar demônios pelo poder do diabo. Podemos tomar a seguinte atitude: cuidemos do nosso caráter, pela graça de Deus, e Deus cuidará da nossa reputação.

4. Há tempo para ceder. Paulo teria preferido ser isento de cumprir o voto judaico. Acreditava que a lei cerimonial de Levítico fora plenamente cumprida por Cristo. Agora, precisava ser interpretada espiritualmente. Mesmo assim, por amor à paz e à harmonia espiritual da Igreja, concordou com a sugestão de Tiago. Não negou qualquer verdade fundamental. Apenas soube evitar ferir as convicções espirituais de milhares de cristãos em Jerusalém.

Não podemos abrir mão de certas convicções essenciais. Porém, muitas vezes, é um ato de amor cristão submeter nossos conceitos aos costumes espirituais da maioria. Há pessoas de disposição tão imperiosa que nunca respeitam a opinião dos outros. Exigem que os outros encarem tudo da mesma forma que elas, aceitando suas exigências e conclusões. Senão, nada feito. Tal atitude impede um grupo de realizar uma obra espiritual em conjunto. Um homem cabeçudo, que não cede às convicções dos outros em nada, não pode ser usado por Deus da melhor forma. Algumas pessoas se quebram porque não sabem curvar-se um pouco.

5. Bons cristãos devem ser bons cidadãos. O oficial romano que prendeu Paulo, ficou surpreso ouvindo-o falar grego, a língua da cultura (21.37). Os soldados romanos estavam acostumados a prender fanáticos ignorantes e exaltados que provocavam tumultos. Nesta ocasião, porém, o

oficial se interrogava como um homem de fina cultura se envolvera numa briga daquele tipo. Por certo, achava que a religião devia acompanhar a correnteza da sociedade humana. E devia ser reservada para algumas cerimônias públicas ou momentos particulares de devoção. Ficou surpreso ao descobrir que o homem de pregação fogosa, que despertava as multidões, tinha cultura para arrazoar e

expressar sua fé. Hoje, também, insinua-se que pessoas de grande capacidade e inteligência não devem acreditar nas verdades bíblicas, reveladas há milhares de anos.

Certo bispo inglês escreveu aos clérigos, sugerindo um dia de meditação, para avaliar as paróquias. Um deles respondeu: “Minha paróquia precisa de um terremoto!” A sociedade humana precisa ser sacudida; e o Evangelho, pregado na sua plenitude, com toda a fidelidade. Isto será um elemento de perturbação. E os pregadores poderão ser chamados de arruaceiros. Ao mesmo tempo, os que pregam o Evangelho integral devem, como Paulo, mostrar-se bons cidadãos e vizinhos. Paulo deu grande valor à sua cidadania: “Cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia...” e mais de uma vez reclamou os direitos que tinha como cidadão romano. As obrigações do bom cidadão são declaradas por Paulo em Rm 13.1-7. É dever do cristão servir ao Estado em tudo quanto é consistente com sua consciência cristã.

Paulo Diante do Sinédrio

Texto: Atos 23.1-35

Introdução

De cidade em cidade o Espírito Santo advertia Paulo. Através de mensagens proféticas, anunciava os sofrimentos que o aguardavam em Jerusalém. Jesus Cristo prometeu dar o Espírito Santo, o Consolador, aos seus seguidores. Aqui, como em outras situações, percebe-se que consolo nem sempre é “pajear” ou “fazer nossas vontades”. A própria palavra original também significa “exortador”. Deus sabe que recebemos forças quando enfrentamos corajosamente os fatos desagradáveis. Fazendo assim, preparamo-nos espiritualmente a fim de que o repentino infortúnio não nos pegue de surpresa, como cilada do diabo. Paulo, chegando em Jerusalém, estava espiritualmente pronto para agüentar o pior. Não foi deixado para lutar sozinho. Bem no meio da tempestade, da perseguição, o Senhor apareceu a Paulo numa visão para encorajá-lo. Onde havia muito sofrimento, a graça de Deus era muito mais abundante!

I - Paulo Diante da Turba (At 22)

“Rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo”. Eis o primeiro desejo de Paulo após ter sido arrancado das mãos da multidão que queria linchá-lo! “E, quando ouviram falar-lhes em língua hebraica, maior silêncio guardaram”. O comandante romano ficou impressionado quando Paulo lhe falou em grego. Agora, a multidão furiosa prestava atenção enquanto ele falava em hebraico. Paulo sabia se comunicar bem com todos, escolhendo os meios que atingiriam melhor a cada um. Com grande perícia espiritual, adaptou sua mensagem ao auditório. Os ouvintes já tinham dado demonstrações de forte inimizade. Ele agora mostrava que também tinha vivido impulsionado por semelhante inimizade.

1. A inimizade manifestada. Perseguição, 22.1-5. Era como se Paulo dissesse: “Vocês se acham zelosos em sua oposição ao Cristianismo? Então deviam ter-me conhecido há alguns anos! Eu era o mais violento de todos os perseguidores do Cristianismo. Mandava lançar os cristãos na prisão e votava em favor da pena de morte para eles. Sei muito bem como vocês se sentem!”

2. A inimizade vencida. Conversão. Naturalmente, surgiu na mente dos ouvintes a pergunta: “Neste caso, por que está pregando a religião que tanto perseguia?” Paulo, em resposta, disse resumidamente: “Uma visão celestial me convenceu de que eu estava errado. Vi o Justo. E que pode alguém fazer em tal caso? Quem é o homem que vai lutar contra Deus?” (6-16).

3. A inimizade transformada. Serviço. Paulo antecipou outra pergunta do auditório: “Por que ir aos gentios, quando todo rabino que se preza espera que os interessados na fé venham consultá-lo?” Paulo respondeu que o próprio Senhor o mandara aos gentios (17,21). A palavra “gentios” quebrou a atenção, e a fúria da multidão explodiu outra vez.

O comandante romano pouco entendia de questões religiosas. Mas percebeu que Paulo tinha feito algo para ofender violentamente aos judeus. Resolveu, então, extrair dele uma confissão por meio de açoites. Foi amarrado para ser açoitado.

Neste momento, Paulo calmamente fez menção da sua cidadania romana. Já estava no meio do processo que o levaria a Roma. Como cidadão romano, teria o direito de ser publicamente processado diante de cortes de várias instâncias, ocasiões nas quais daria seu testemunho cristão diante de auditórios influentes. O primeiro passo era escoltar Paulo ao concilio dos judeus para a investigação do seu caso.

II – Paulo Diante do Concilio (At 23)

1. A sinceridade de Paulo. "E, pondo Paulo os olhos no conselho, disse: Varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência". Comparar 1 Timóteo 1.5; 2 Timóteo 1.3. Paulo podia encarar seus acusadores diretamente nos olhos. Isto porque sabia que sempre tinha agido conscientemente, de acordo com as luzes que possuía. Mesmo enquanto perseguia os cristãos, achava erroneamente que estava prestando serviço à causa de Deus (1 Tm 1.13).

2. A indignação de Paulo. "Mas o sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam junto dele que o ferissem na boca", como se dissesse: "Como pode um apóstata e falso mestre alegar possuir uma consciência?"

Então lhe disse Paulo: "Deus te ferirá, parede branque- ada: tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei, e contra a lei me mandas ferir?" Ananias vestia suas roupas puras e brancas do ofício. Seu coração, no entanto, estava poluído com injustiça, egoísmo e corrupção. A chamada de atenção foi bem merecida.

Considerando a meiguice de Cristo em circunstâncias semelhantes, podemos criticar o comportamento de Paulo. Devemos notar, primeiramente, que suas palavras eram uma profecia, e não ameaça. O sumo sacerdote foi assassinado

cinco anos mais tarde. Além disso, precisamos distinguir entre a raiva e a indignação. A raiva é produzida pelos sentimentos que subjugam o reto juízo. A indignação, quando as emoções estão seguindo o bom juízo.

3. A cortesia de Paulo. "E os que ali estavam disseram: Injurias o sumo sacerdote de Deus? E Paulo disse: Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote; porque está escrito: Não dirás mal do príncipe do teu povo" (Êx 22.28). Paulo não reconheceu o sumo sacerdote talvez por estar ausente de Jerusalém há muito tempo (aliás, com a interferência dos romanos, havia freqüentes alterações na liderança sacerdotal). Pode ser também que, na indignação de ver o sacerdócio se rebaixar tanto, Paulo só via o homem e não o ofício. Jesus nos ensina a honrar o ofício, mesmo quando não podemos respeitar o homem (Mt 23.2,3).

4. A estratégia de Paulo. Paulo olhou para os rostos dos membros do Sinédrio, o concílio supremo dos judeus. O preconceito ali revelado o fez entender que não obteria justiça da parte de tais homens. Precisava escapar dali. Não para sua segurança pessoal. Todavia para declarar o Evangelho diante de poderosos oficiais, que de outra forma não prestariam atenção. (Jesus, nas mesmas circunstâncias, silenciosamente aceitou a morte para produzir o Evangelho.)

O concílio era composto de fariseus (que acreditavam em realidades sobrenaturais e na ressurreição) e saduceus (que negavam a vida futura). Paulo, lembrando-se disto, teve uma idéia (ver Mt 10.16) para dividir o concílio e vindicar sua causa. Clamou: "Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu, no tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado". Esta declaração lembrou os dois partidos do concílio das suas próprias diferenças teológicas. Assim se preocuparam mais com elas do que em formar uma ímpia união para atacar o Evangelho. Na confusão que se seguiu, Paulo foi arrancado de lá pelos romanos e levado de volta sob custódia. Assim ficou demonstrado que Paulo não era criminoso. E que sua pregação não era infiel à antiga fé judaica. Não mais do que os vários movimentos dentro do próprio concilio supremo judaico.

5. O encorajamento de Paulo. Como Paulo conseguiu enfrentar as tensões? Como podia se ver livre no meio das aflições? E da horrível dúvida de que talvez não fosse a vontade divina para ele? "E na noite seguinte, apresentando-se-lhe o Senhor, disse: Paulo, tem ânimo: porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma". Paulo há muito queria ir para Roma. (Seu método era trabalhar em grandes centros. Deles a mensagem se irradiava através dos que visitavam o local e levavam a fé para casa.) Não sabia, no entanto, qual seria o meio de ser levado para lá. Veja como o Senhor tem amoroso cuidado dos seus! Paulo deve ter se sentido esgotado, como Elias debaixo do junipero. O Senhor, porém, veio avisá-lo de que a obra não fracassou. E maiores bênçãos ainda o aguardavam. As palavras do Senhor atendiam à necessidade espiritual de Paulo tão perfei- tamente como uma chave se ajusta à fechadura.

6. O escape de Paulo. No dia seguinte, 40 judeus fizeram um solene juramento de não comerem nem beberem até matarem Paulo. Eram criminosos? Longe disto. Eram homens "religiosos" e apoiados pelos sacerdotes, 23.14. Achavam que assim tributariam culto a Deus (Jo 16.2). E tomaram a resolução de que Paulo devia morrer. Deus resolveu que ele teria de ir para Roma. Os 40 ficaram na minoria!

A trama foi descoberta e revelada por um sobrinho de Paulo (única referência feita a parentes de Paulo na narrativa inteira). Como resultado, Paulo foi enviado à Cesaréia (quartel geral dos exércitos romanos para a Palestina) com 470 soldados para escoltá-lo. E andou montado num cavalo militar também! O tão perseguido missionário acabou viajando como um rei! Ele estava perfeitamente seguro. Estava guardado nas mãos de Deus.

III – Ensinamentos Práticos

1. Zelando pela consciência. "Tenho andado diante de Deus com toda a boa

consciência". A consciência é a voz dentro de nós que aprova ou desaprova nossas ações. É o juiz em nosso íntimo, definindo se vivemos à altura do padrão de retidão que nos é conhecido.

1.1. Uma consciência que acusa. A consciência nunca deixa de fazer a sua obra. Certo artista, querendo representar a consciência, pintou um cavalo em pleno galope perseguido por um enxame de marimbondos. Embaixo escreveu: "O correr é em vão".

1.2. Uma consciência manipulada. As pessoas podem iludir a si próprias, adormecendo a consciência. É só segui- la, assim como um homem segue o carro que ele mesmo empurra para onde quer. Há muitos anos, um navio transatlântico encalhou na praia, à noite. O compasso e o sextante mostravam que ainda estava a 300 quilômetros da terra. Um prego, colocado pelo carpinteiro para firmar o instrumento, tinha desviado levemente a agulha de sua verdadeira direção. Até que o acúmulo de cálculos, baseados na diferença quase invisível, levaram à perda do navio. A agulha do compasso é como nossa consciência, e o prego ilustra a influência do pecado.

1.3. Uma consciência silenciada. Certo professor da Escola Dominical explicou o significado da consciência. Então, um menino, que tinha cometido um ato de desonestidade, disse: "Então é isso que está me perturbando? Diga, professor, não há maneira de adormecer esta voz com éter?" Há modos de silenciar a consciência. É difícil, leva tempo e acaba sendo uma desgraça para quem assim faz. Por exemplo, quem muitas vezes desobedece à chamada de um despertador aprenderá a dormir sem ser acordado pela campainha. Aquele que deliberadamente desconsidera as advertências da consciência, finalmente, perderá a noção da sua operação.

1.4. Uma consciência assassinada. Há assassinos que matam um ser humano com menos preocupação do que a uma mosca. Ao se oporem violentamente à consciência, acabam matando-a e, então, nenhum crime parece chocante

demais.

1.5. Uma consciência iluminada. A consciência não produz leis. Ela julga de acordo com o padrão conhecido pela pessoa (embora muitas vezes possa receber iluminação da parte de Deus). Sem dúvida, a lei de Deus está escrita sobre a consciência (Rm 2.14,15). Porém, o que está escrito fica tão coberto por influências, exemplos e ambientes do mundo que as letras se apagam e precisam ser limpas e traçadas de novo. Esta consciência precisa ser continuamente iluminada pela Palavra de Deus. Certo hindu disse a um administrador inglês: "Nossas consciências nos mandam jogar as viúvas no fogo que consome o corpo do marido morto". O administrador respondeu: "E nossas consciências nos mandam enforcar qualquer um de vocês que comete tal assassinato".

1.6. Uma consciência sensível. Há tesoureiros no Banco Central de Washington que têm o dever de testar cédulas e moedas. Desenvolvem uma perícia tão grande, que sentem um estremecer ao tocarem uma nota falsificada. Paulo tinha uma consciência sensível assim. Como podemos adquirir uma? Paulo disse: "E por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens" (24.16). Com esforço deliberado, exercitando-nos em escutar e obedecer à voz da consciência. Assim, logo reconheceremos qualquer mancha de maldade que apareça e queira se desenvolver em nosso íntimo.

1.7. Uma consciência purificada. Que devemos fazer com uma consciência dolorida por causa de uma mancha de pecado? A única receita é uma aplicação do sangue de Jesus Cristo, após uma confissão sincera (Hb 9.13,14).

2. Discernimento. Há bons motivos para atribuir-se ao dom de discernimento a forte repreensão dada por Paulo ao sumo sacerdote. Outros viam as vestes do ofício. Paulo viu o íntimo do homem, mediante o dom de conhecimento espiritual que não olha as aparências, e sim o coração.

Conta-se que certo homem, com cegueira total, gostava sempre de insistir que apenas os cegos possuem a capacidade de ver. Segundo ele, o que se vê fisicamente, na superfície, não revela os verdadeiros fatos. Ficava irritado ao perceber que os que têm olhos conseguem perceber tão poucas realidades. Quanto a ele, formava um quadro mental de toda pessoa que conhecia, vendo-a apenas de acordo com o caráter. Reconhecia o íntimo muito mais do que o corpo.

Aqueles que andam bem perto de Deus, em constante comunhão, podem esperar que receberão boa medida de discernimento. O discernimento também é dado como dom especial. Assim se reconhece quando alguém é inspirado pelo Espírito Santo, por um espírito maligno ou pelo seu próprio espírito. A posse do dom de discernimento nos livrará de julgar mal as pessoas, de pensar que um embusteiro é um santo homem de Deus ou de falsamente atribuir maldade a um homem bom. Assim, seremos seguidores condignos de Jesus, acerca de quem foi profetizado: “E repousará sobre ele o Espírito do Senhor... não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos” (Is 11.2,3).

Aqui é necessária uma palavra de cautela. Se você tem um espírito de suspeita, crítica e de procurar defeitos, não imagine que é dom de discernimento!

3. A dureza misericordiosa. Talvez a repreensão de Paulo parecesse dura. Na realidade, foi um ato de misericórdia. Toda a repreensão dada biblicamente é uma oportunidade para o arrependimento, o perdão e a transformação subseqüente. Se Ananias tivesse levado a sério as palavras de Paulo, deixando em tempo os seus maus caminhos, teria escapado do terrível castigo que lhe sobreveio mais tarde.

Este princípio se aplica até às mais terríveis advertências de Deus registradas nos Profetas. O supremo desejo de Deus é que o pecador abandone seus caminhos

maus. Ele ameaça com os mais terríveis castigos, na esperança de não ser necessário aplicá-los (Jr 18.5-10).

A pessoa que fala a verdade sobre nós mesmos talvez não goze de muita popularidade no momento. Mas, na realidade, acaba sendo o nosso melhor amigo.

4. O espírito partidário. "Nenhum mal achamos neste homem", clamaram os fariseus. Será que agora passaram a estimar Paulo e a dar valor ao seu ministério? De modo nenhum. Apenas perceberam que Paulo concordava com o ponto que servia de polêmica entre eles e os saduceus. Seu repentino apoio a Paulo se devia apenas ao espírito de partidarismo.

Quando um político muda de partido, rapidamente mudam os conceitos que os outros fazem dele. Os do seu partido anterior dizem que era membro de pouco valor, que seus motivos não eram os mais límpidos, que o partido fica melhor sem ele etc. Os que antes eram seus oponentes passam a dizer que não entendem como demoraram tanto para perceber suas grandes virtudes.

"E, se algum espírito ou anjo lhe falou?" Boa pergunta para fazermos antes de criticar alguém. Devemos fazê-la sobre qualquer obreiro na fé cristã de cujas práticas e doutrinas tenhamos dúvidas. Também devemos nos examinar para descobrir até que ponto o espírito partidário tomou posse de nós. Temos padrões justos e bíblicos para formar nossos conceitos acerca de outras pessoas? Ou julgamos apenas pela consideração de pertencerem ou não ao nosso grupinho? É o Espírito Santo que nos orienta ou o espírito da nossa seita?

5. A perpétua presença. Paulo, como todos nós, por certo teve seus momentos de desencorajamento. Mas, nunca passou sem a presença consoladora do Senhor. Quando chegava ao fim de seus próprios recursos, mais freqüente- mente podia

ouvir seu Mestre dizendo: "Coragem! Tenha bom ânimo!" Certamente, Deus sempre estava com seu apóstolo. Uma necessidade espiritual mais premente, no entanto, sempre atraía sua manifestação especial.

Ilustrando: O corpo de bombeiros passa a maior parte do tempo num estado de quase-silêncio e inatividade. Mas isto não comprova que ele inexiste ou tenha perdido sua capacidade. É só aparecer um incêndio, e todos escutarão as sirenes e o barulho dos caminhões correndo urgentemente pelas ruas.

Se andarmos na luz de Cristo, ele estará ao nosso lado conforme suas promessas. São exatamente nas emergências dolorosas da vida que Ele se aproxima ainda mais. E com poderosas manifestações da sua graça para nos sustentar.

Conta-se que um qualquer veio visitar Bunyan na prisão. "Amigo", disse ele, "o Senhor me enviou a ti, e já procurei em metade das prisões da Inglaterra até achar-te". Respondeu Bunyan: "Não, realmente, assim não pode ser. Se foste enviado pelo Senhor, terias vindo aqui imediatamente, porque há muitos anos Ele está sabendo onde estou". A lógica espiritual de Bunyan foi boa! Podemos ter absoluta certeza de que o Senhor sabe em que posição estamos, espiritualmente, geograficamente e quanto às nossas circunstâncias, "assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos" (2 Pe 2.9).

Paulo Testifica Diante dos Poderosos

Texto: Atos 25.13-26.32

Introdução

O Senhor descreve sua comissão a Paulo (At 9.15). Até este trecho de Atos, o apóstolo Paulo já havia pregado muito aos gentios e judeus.

“Este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel”. Agora, nestes capítulos, descreve-se como ele teve a oportunidade de falar a governadores e reis.

I - Paulo e Félix (At 24)

Paulo, ao chegar em Cesaréia, foi levado diante do governador Félix. Este ordenou que fosse guardado sob custódia até à chegada de seus acusadores. Poucos dias mais tarde, algumas autoridades religiosas dos judeus vieram de Jerusalém a Cesaréia. Estavam acompanhadas por um advogado romano chamado Tértulo. Fizeram três acusações contra Paulo:

Sedição - levantar o povo contra o governo.

Heresia - causar divisões religiosas mediante a pregação de falsas doutrinas.

Sacrilégio - a profanação do Templo.

Os líderes judaicos vieram com seu advogado. Paulo também tinha Advogado (Mc 13.11) - um dos significados de Consolador e Exortador é também Advogado. Em poucos momentos, as acusações foram reduzidas a nada. Félix, que sabia alguma coisa sobre o Cristianismo, adiou indefinidamente a audiência seguinte.

A curiosidade de Félix foi despertada por aquele estranho prisioneiro. Tanto que o governador pediu uma apresentação particular da sua mensagem. E então foram invertidas as posições! Antes, tratava-se de Paulo diante de Félix. Agora, era Félix diante de Paulo! O libertino, espavorido, mandou Paulo retirar-se até uma ocasião mais conveniente. Destes dois homens, quem era realmente prisioneiro? Quem estava realmente livre?

Félix, esperançoso de receber dinheiro para declarar o prisioneiro inocente, mandou chamar Paulo muitas vezes. Este nada tinha que ver com aquele aspecto do assunto, e continuou na prisão. O período de Félix como governador terminou. Então, ele preparou seu relatório para o governo central em Roma. Como político, desejava obter apoio popular. Por este motivo deixou Paulo no cárcere, evitando que os judeus se queixassem de sua pessoa. Na realidade, Deus permitiu que Paulo ficasse na prisão. Assim preservaria sua vida, e o encaminharia a Roma.

II - Paulo e Festo (At 25)

Festo, o novo governador, desejava obter a boa-vontade dos judeus. Com este objetivo, perguntou se Paulo desejava ser processado diante do concílio em Jerusalém. Conhecendo a futilidade e o perigo de tal procedimento, Paulo, o cidadão romano, apelou a César, ou seja, ao direito de ser processado em Roma diante do próprio imperador. “Apelaste para César? para César irás”. E assim estava para se cumprir o decreto divino de que Paulo seria testemunha em Roma (At 23.11). Apesar das ciladas dos judeus e da covardia moral dos governadores romanos, o caminho estava aberto para Roma. Não há beco sem saída no caminho do cristão. Surgiu, nesta conjuntura, um problema para Festo. Paulo apelara à Corte Suprema em Roma, mas qual seria a acusação contra ele? (v. 27). Os judeus sugeriam crimes de sedição e tumulto. Mas, na verdade, o problema girava em torno das crenças religiosas dos judeus, que nada tinham a ver com a justiça civil.

Herodes Agripa, príncipe judeu, ao qual os romanos permitiram que usasse o título de rei (sem soberania independente), de uma pequena região no Norte da Palestina, estava visitando a capital administrativa. Para este homem, conhecedor da religião judaica, Festo apresentou o estranho caso.

III – Paulo e Agripa (At 26)

No dia seguinte, Paulo foi ouvido diante de Agripa. A reunião contava com a presença de autoridades romanas e a aristocracia judaica da região. Agripa não tinha autoridade sobre Paulo, que ia ser encaminhado a Roma. Mesmo assim, houve muita pompa na reunião. Isto porque Festo sabia como os reizinhos, que deviam seus títulos a Roma, gostavam de cerimônia. Estando tudo pronto, disse o rei a Paulo: “Permite-se-te que te defendas”.

Paulo revelou sua personalidade neste encontro. Não se impressionou com a falsa pompa de um rei sem autoridade. Porém, não desprezou a ocasião de defender o Evangelho. Quanto à sua segurança, não procurou agradar para receber favores na sua difícil posição de prisioneiro. Falou com seriedade e sinceridade, pleiteando os direitos de Cristo. As armas dos soldados romanos não o amedrontavam. Sua consciência estava tranqüila, e sua vida, "oculta com Cristo em Deus", fora do alcance dos homens.

"Então Paulo, estendendo a mão [o gesto do orador que está com a palavra] em sua defesa, respondeu: Tenho-me por venturoso, ó rei Agripa, de que perante ti me haja hoje de defender de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus". Paulo estava feliz, apesar das correntes e prisões. Estava feliz, não pelo privilégio de falar a um rei, mas porque este era considerado "especialista" em assuntos religiosos dos judeus. E, era de se esperar, teria ponderação em escutar e examinar a questão da fé cristã.

1. Sua vida antes da sua conversão. (Vv. 4-11). Paulo, desejava ser "cem por cento" dedicado a Deus. Por isso foi iniciado na fraternidade dos fariseus (eles tinham graus dentro da fraternidade e cerimônias de iniciação). Se a salvação pudesse ser merecida pela observância de leis e tradições, Paulo teria passado em todos os exames. Em resposta à dúvida que devia ter surgido na mente do rei: "Por que, então, caiu até ao ponto de ser perseguido como herege?" Paulo continua: "E agora pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais estou aqui e sou julgado. A qual as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia". Paulo, longe de se ter desviado da fidelidade religiosa, estava dentro do plano de Deus. Dentro da promessa que deu origem ao povo de Deus: "E em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3). Nesta promessa estava incluída a vinda do Messias, a "bendita esperança", considerada a Promessa pelos escritores do Novo Testamento (At 13.23,32,33; Gl 3.14).

Jesus veio cumprir esta promessa demonstrando que Deus é justo, cumprindo o

que promete (Rm 15.8). Deus comprovou que seu Filho é o Messias, erguendo-o dentre os mortos (At 13.33).

Paulo ressaltou quão milagrosa foi a sua repentina conversão. Para isso, descreveu em detalhes, a fúria assassina com que perseguia os seguidores de Jesus. Jogava-os na prisão e procurava forçá-los a blasfemar o nome de Jesus. A cada oportunidade, votava em prol da pena de morte para eles. Em grande fúria, este homem, considerado profundamente "religioso", exigia uma campanha nacional para extirpar os cristãos.

A lição que podemos tirar desta parte da vida de Paulo é que a consciência humana não é infalível. E a sinceridade não é suficiente por si só.

2. Sua experiência de conversão. Vv. 12-18. Naturalmente, a pergunta na mente de Agripa seria: "Então, como foi tão radicalmente mudada a sua vida?" Paulo, então, descreve sua experiência na estrada de Damasco, que transformou o lobo em ovelha.

3. Seu testemunho depois da conversão. (Vv. 19-23). "Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial". Agripa precisava entender que, quando Deus fala, o homem não tem outro caminho senão obedecer. Nem todas as visões são celestiais, mas toda visão que é realmente da parte de Deus deve ser obedecida. Esta obediência de Paulo, resumida no v. 20, incluía uma tremenda quantidade de serviço e abnegação. E num círculo sempre maior de atuação: Damasco, Jerusalém, Judéia e o mundo gentio (logo chegaria a Roma). Será que nós, hoje, estamos fazendo mais para Deus do que quando nos convertemos? O conteúdo resumido da pregação de Paulo era: arrependimento, conversão, prática de obras dignas - um plano excelente para todo pecador seguir. Qual foi o agradecimento que o mundo deu a Paulo por ter obedecido à visão celestial? Vejamos o v. 21 e não fiquemos abalados se o mundo odiar a nós também! Como Paulo agüentava tudo isso? "Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço". Deus nos dá poder a fim de

perseverarmos na

vida cristã. A mensagem que Paulo anunciava era para todos, “tanto a pequeno como a grande”. E, como explica no v. 22, não era novidade para atrair. Porém, uma religião sólida, firmemente baseada em todas as promessas de Deus no Antigo Testamento. E, também, na própria pessoa de Jesus Cristo, cumprimento total do plano de Deus.

4. O efeito do testemunho de Paulo sobre Festo. A esta altura, Paulo já estava falando com inflamado entusiasmo. Para o oficial romano de mentalidade prática e que levava uma vida muito afastada da religião, um discurso público que falava de visões, revelações e ressurreições era demais. Interrompeu, dizendo: “Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar”. Ver 1 Coríntios 1.18. A eloqüência de Paulo foi interrompida, mas não a sua firme confiança, nem sua cortesia. Com dignidade respondeu: “Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário digo palavras de verdade e de bom senso”.

Houve, por certo, algo na maneira de Agripa que revelou que estava muito impressionado, e Paulo se dirigiu mais diretamente a ele: “Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas cousas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto”. A origem de muitas religiões pagãs se perde nas brumas das lendas e superstições. O Cristianismo, no entanto, é baseado em eventos históricos registrados por testemunhas oculares.

5. O efeito do testemunho de Paulo sobre Agripa. Paulo não esperava muita compreensão do oficial romano, mas Agripa era diferente. Concluindo o seu argumento, perguntou: “Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que crês”. E Agripa respondeu: “Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!” Houve, por certo, grande dose de convicção nestas palavras, despertada pelo zelo e fé do apóstolo. Pode, no entanto, ter sido um pouco de cortesia, para encerrar o assunto e parar o discurso de Paulo. Ou um pouco de ironia,

também. Seja como for, Paulo continuou com sinceridade, zelo e cortesia: "Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias". Havia um belo espírito de perdão nestas palavras. Nada de ressentimento contra judeus ou romanos. Paulo queria repartir sua fé, não as perseguições.

Considerando todos os romanos e judeus presentes, percebemos que o homem acorrentado era a alma mais nobre entre eles! Aqueles que andam segundo o Espírito de Jesus são a verdadeira aristocracia desta terra.

IV – Ensinamentos Práticos

1. O prisioneiro feliz. Paulo, depois de passar por muitos sofrimentos, agora era um prisioneiro que dia e noite ficava acorrentado a um soldado. Seria levado a Roma para aguardar julgamento e isto poderia significar muitos meses - ou até anos - de espera e suspense. Mesmo assim, disse: "Tenho-me por venturoso".

Realmente, era o homem mais feliz da reunião. Certamente não gostaria de trocar de lugar com o mais ilustre de todos os presentes. Afinal, era embaixador do Rei dos reis. Se alguém tivesse mencionado suas tribulações, teria respondido: "Gloriemo-nos em nossas tribulações". Será que, ao passamos por circunstâncias desagradáveis, temos suficiente graça da parte de Cristo para dizer: "Tenho-me por venturoso"?

2. O erro de um homem bom. Como um homem tão religioso como Saulo de Tarso pode chegar a ser um cruel perseguidor dos cristãos? "Bem tinha eu imaginado que..." (v. 9). Noutras palavras, tinha as melhores intenções quanto a servir a Deus. Todavia, suas ações foram inspiradas por seu próprio parecer e não pelo Espírito de Deus. Muitas desavenças em nossa família, igreja e em

nosso próprio íntimo surgem por agirmos segundo o que imaginamos correto. Paulo abandonou seu erro. Estamos dispostos a fazer o mesmo?

3. Consolação para os intimidados. "... os obriguei a blasfemar". Este era um método comum dos perseguidores. Durante as perseguições do Império Romano, a vida e liberdade eram oferecidas sob a condição de blasfemarem contra o nome de Cristo. O mundo moderno, mesmo nos países chamados cristãos, faz uma pressão enorme e incessante para que desonremos o nome de Jesus. Nos lares, empregos, escolas, coletivos e noticiários a tendência é blasfemar contra o nome do Senhor. E, também, procuram formar um ambiente para levar os cristãos a fazerem o mesmo. Os que se sentem oprimidos por algum companheiro, parente ou chefe devem renovar o ânimo: o mesmo Deus que alcançou Paulo pode transformar outros lobos em cordeiros! A estrada de Damasco, local da milagrosa conversão de Paulo, é uma realidade espiritual neste mundo moderno. E as conversões continuam quando menos se espera.

4. O homem com a experiência crescente. Paulo foi constituído ministro e testemunha do que Cristo lhe revelou. Tanto na ocasião da sua conversão como o que ainda lhe revelava (26.16). A experiência de Paulo na estrada de Damasco foi um milagroso começo para sua vida cristã. Mas não foi o ponto final. Mais revelações foram-se seguindo. Paulo foi um homem de experiências e testemunhos crescentes.

O Senhor nunca muda. Ele não tem necessidade de crescer. Somos nós quem devemos crescer no conhecimento dEle. Jó, passadas as aflições e com tudo restaurado, talvez pensasse ter recebido um Deus mais gracioso, mais poderoso. Na realidade, porém, tratava-se apenas de uma revelação mais profunda sobre o mesmo Deus eterno. É bom dar testemunho daquilo que Deus nos fez. Ao mesmo tempo, devemos ter o coração aberto para receber mais e mais da parte dEle. Assim, sempre teremos novas bênçãos a contar.

5. Os escravos de Satanás. Paulo testemunhava para converter os pagãos "do

poder de Satanás a Deus". Muitos pensadores modernos negam a existência de Satanás. No entanto, a negativa não tem reduzido o efeito de sua operação no mundo. Pelo contrário, as operações malignas têm- se multiplicado, enquanto muitos cristãos dormem espiritualmente. Não reconhecem que estão numa guerra contra as trevas, a qual exige oração, santificação e fé.

As verdadeiras forças deste mundo, sejam boas ou más, são espirituais. A luta real, em última análise, é "contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". Multidões jazem na potestade de Satanás. Nossa tarefa é vestir-nos de toda a armadura de Deus e trazê-las para dentro da verdade que liberta, "orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica" (Ef 6.18).

6. Fidelidade à visão. Talvez você não tenha recebido uma visão celestial visível. Na sua conversão, porém, ganhou uma visão espiritual da vida e serviço que Deus requer de você. Uma boa pergunta para fazer diariamente a si próprio é: "Estou sendo obediente à visão celestial?" Por mais que já tenha percorrido o caminho cristão, a reconsagração é sempre valiosa: "Arrepende-te, e pratica as primeiras obras" (Ap 2.5).

7. Santa loucura. "Estás louco, Paulo". Certa menina, com uma deformidade, era forçada a curvar-se para um lado ao andar. Depois de uma série de operações, fez seu primeiro passeio normal. Ao começar a andar, gritou aflita: "Mamãe, estou toda torta!" Andou tanto tempo na anormalidade que o normal lhe parecia errado. A civilização anda na anormalidade espiritual há tanto tempo, que o pregador que leva o Evangelho a sério provoca gritos de: "Fanático! Louco! Exagerado! Anormal!"

Quando o mundo taxa os cristãos de loucos, é bom sinal. Demonstra que o Evangelho está sendo apresentado como algo vivo; desafiando o egoísmo e a complacência do mundo. A fé cristã não pode deixar de ser "louca", de estar acima das probabilidades e provas do mundo. Se deixar de desprezar a

interesseira prudência mundana que procura alvos materialísticos, não será o Cristianismo verdadeiro.

8. A paixão pelas almas. Agripa esperava ser agradado pelo prisioneiro para obter misericórdia e favores. No entanto, viu-se fortemente exortado a aceitar a Cristo. Paulo não estava preocupado em defender seus próprios interesses diante dos juízes ou da opinião pública. Sua paixão de verdadeiro pregador era ganhar almas para Cristo. Ninguém pode ser um obreiro cristão legítimo sem essa paixão dominante: "O amor de Cristo nos constrange".

9. A Palavra de Deus e a experiência pessoal. Paulo, desejando ganhar Agripa para Cristo, contou sua experiência espiritual e apelou para as Escrituras (v. 27). Precisamos de ambas. Mas em primeiro lugar vem a Palavra de Deus, fundamento da nossa eterna salvação. Nossa experiência pessoal é a confirmação individual da eterna e universal veracidade da Palavra.

O Naufrágio de Paulo

Texto: Atos 27 e 28

Introdução

“Já aprendi a contentar-me com o que tenho”. Assim escreveu Paulo aos filipenses (Fp 4.11). Ele aprendeu a obter vitória sobre as circunstâncias, ao invés de ser vítima delas. Qual era o segredo deste grande poder espiritual? “Posso todas as coisas naquele [Cristo] que me fortalece” (Fp 4.13). Este trecho bíblico é mais um exemplo de que Paulo não falava de uma teoria. Referia-se à longa experiência de sua vida à altura desta doutrina. Deus estava com o apóstolo, portanto, nada podia estar contra ele.

I - A Viagem Tempestuosa (At 27)

Paulo, acompanhado por Lucas (o escritor da narrativa bíblica) e Aristarco, começou a longa viagem. Todos os prisioneiros estavam a cargo de Júlio, um centurião romano. Os apóstolos foram tratados com cortesia e amizade desde o início. Quando chegaram em Creta, em Bons Portos, já iniciava o tempo do inverno. Isto trazia grandes perigos para a navegação em alto mar. Procuravam um porto melhor, Fenice, também em Creta. Paulo viu (por certo em visão) o

perigo de avançarem. Apesar dos avisos do apóstolo, os oficiais do navio e do exército resolveram prosseguir. Na curta viagem para o porto seguinte, o navio foi violentamente atacado por um vento de inverno. O navio foi impelido para as proximidades do outro lado do Mediterrâneo. Enfrentou uma tempestade de 15 dias. A experiência era como um símbolo do que Paulo vivia desde que foi preso em Jerusalém. Navegava num mar tempestuoso de aflições já há dois anos! Deus, porém, estava ao seu lado nessa tempestade como em todas as demais. Comparar Atos 23.11 com 27.22-23.

Não havia perigo de Paulo sofrer dano em qualquer tempestade. A vontade de Deus era que testificasse em Roma. Em meio à tempestade reconhecemos o controle de Deus, segundo seu propósito, sobre todas as circunstâncias. Isto significa bênçãos para os que estão dentro do propósito divino. Do ponto de vista humano, Paulo era um prisioneiro no navio. Para Deus, o apóstolo era o capitão, e os demais, prisioneiros (27.21-26,30,31-34). A situação tornou-se desesperadora. Tanto o capitão como o centurião viram-se incapazes de fazer qualquer coisa. Paulo, então, levantou-se, não como prisioneiro ou passageiro amedrontado, mas como profeta do Deus Altíssimo. Avisou a todos a bordo que um anjo de Deus lhe apareceu, dizendo: “Paulo, não temas; importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo”. O homem que anda segundo a vontade de Deus domina todas as circunstâncias e se impõe em qualquer situação.

A experiência de Paulo na tempestade, dentro da vontade de Deus, contrasta com a de Jonas, que estava em desobediência. Comparando as duas, notamos: Paulo viajava para cumprir sua sagrada vocação. Jonas fugia da chamada que recebeu. Este se escondeu e dormiu durante a tempestade. Aquele dirigia as operações e encorajava os passageiros. A presença de Jonas no navio era a causa da tempestade. O navio em que Paulo viajava seria preservado de todo dano se os tripulantes respeitassem seu aviso (At 27.9,10). Jonas foi forçado a dar testemunho acerca de Deus (Jn 1.8,9). Paulo, com boa vontade e coragem, falou acerca da sua visão e do seu Deus. A presença de Jonas no navio ameaçava a vida dos gentios. A presença de Paulo era uma garantia para a vida dos seus companheiros de viagem. O navio em que Jonas viajava recebeu alívio quando ele foi jogado no mar. A conservação de Paulo salvou a tripulação do navio no

qual era prisioneiro. Há muita diferença em atravessar uma tempestade dentro e fora da vontade de Deus! Paulo, andando segundo o querer de Deus, em comunhão com Ele, tornou-se bênção para todos quantos atravessavam o perigo com ele.

O navio, finalmente, encalhou na praia de Malta, perto da Itália, onde começou a ser despedaçado pelas ondas. Os soldados queriam matar os prisioneiros para evitar que fugissem. Era um costume romano. A mão de Deus, porém, estava com o seu mensageiro. Júlio foi impulsionado a poupar a vida de todos. Nenhum poder, nos céus ou na terra, acabaria com Paulo enquanto Deus tivesse um plano especial para sua vida. Ele pregaria o Evangelho em Roma.

Conforme Paulo anunciou, todos escaparam ilesos para a terra. Ficaram na ilha durante o inverno, um período de três meses. Mais uma vez foi manifestada a presença de Deus através de Paulo. Primeiro, foi protegido contra os efeitos da mordida de uma víbora. Segundo, ele foi vaso de bênçãos para os habitantes. Muitas pessoas na ilha receberam a cura divina através de seu ministério.

II - A Chegada em Segurança (At 28)

Passou o período do ano durante o qual surgiam as tempestades. Paulo e seus companheiros embarcaram num navio de transporte de trigo. Os detalhes destes capítulos (27 e 28) comprovam que uma testemunha ocular (Lucas) esteve presente a cada passo.

Paulo foi encorajado com uma descoberta: Deus coloca servos nos lugares mais inesperados. Em cada porto onde o navio tocava na Itália, e depois, ao longo do caminho para Roma, havia cristãos que vinham saudá-lo, ajudá-lo e encorajá-lo (28.11-15).

O prisioneiro judeu seguia ao longo das estradas, para Roma. Talvez despertasse olhares de zombaria enquanto passava. Os cristãos que o acompanhavam, no entanto, sabiam que andavam ao lado do embaixador de Cristo. Um embaixador em cadeias (Ef 6.20; 2 Co 5.20). Paulo nunca disse que era prisioneiro do Império Romano. Não! Chamava-se "prisioneiro de Jesus Cristo" (Fm 1). Dizia com isso que estava preso à vontade de Deus. Cumpria o plano de Deus para sua vida e sua obra. E, também, que todas as coisas cooperam para o bem.

Humanamente, a detenção de Paulo parecia um grande golpe contra o Cristianismo. As viagens missionárias foram interrompidas. Deus, no entanto, na sua soberania, transformou tudo em bênçãos para o mundo inteiro (Fp 1.12). Como isso contribuiu para o progresso do Evangelho? Paulo foi assim preservado das ciladas assassinas dos judeus. Houve oportunidade para descanso, muita oração e meditação após as árduas labutas. Várias epístolas surgiram como fruto do cativeiro: Filipenses, Colossenses, Efésios e Filemon. Paulo teve a oportunidade sem igual de testificar diante de guardas romanos, de forma contínua. Acorrentados a ele, não podiam escapar! As trocas de guardas eram fre- qüentes. Os que passavam um período com Paulo comentavam seus ensinamentos nas casernas e tabernas da cidade de Roma. Sendo membros do grupo de guarda-costas dos governadores, semeavam a nova religião nas cortes e palácios do mundo civilizado. Paulo não visitava as igrejas. Todavia, muitos obreiros e interessados vinham a ele para obter inspiração e orientação, de modo profundo e particular.

III – Ensinamentos Práticos

1. Considere atentamente o conselho dos santificados. "Mas o centurião cria mais no piloto e no mestre, do que no que dizia Paulo" (27.11). Em 1902, um terremoto destruiu Saint-Pierre, capital da Martinica, e 30.000 pessoas morreram. Uma comissão científica havia examinado o vulcão que ali existia, e concluíra não haver mais perigo. Certas pessoas, porém, tinham a convicção

espiritual de que um castigo cairia sobre aquela cidade tão libertina. Queriam licença para ir embora. O governador confiou no relatório científico, e não deu crédito a tais pessoas. O resultado foi uma tragédia.

Há muitos anos, o mundo está confiando totalmente nas ciências. O progresso humano está planejado nas linhas da biologia, sociologia, engenharia etc. Os pregadores têm sido considerados visionários sem valor prático. O povo em geral confia mais em conclusões de peritos nas ciências do que nas advertências dos homens de visão espiritual. Porém, tem sido comprovado que a ciência, divorciada do temor a Deus, pode destruir sociedades e civilizações inteiras. A civilização moderna ainda reconhecerá que nunca deveria ter desprezado o antigo Cristianismo bíblico.

2. O perigo da suposição. "E, soprando o vento sul brandamente, lhes pareceu terem já o que desejavam". Paulo advertiu que o navio não devia se arriscar fora do porto. As circunstâncias externas, no entanto, fizeram os responsáveis pelo navio supor que tudo iria bem.

As suposições traem muita gente! O pecador "supõe" que o castigo não virá, principalmente quando seu vento sopra brandamente. Maria e José viajaram "supondo" que Jesus estava com eles. Acabaram sofrendo três dias de angústias. E, também, descobriram que seu filho já estava fora de alcance dos seus entendimentos. Nós, por indiferença espiritual, perdemos a comunhão com o Senhor "supondo" que somos bons cristãos. O povo de Listra, "supondo" que Paulo havia morrido apedrejado, jogou-o no monturo. A atuação de Paulo, no entanto, continua bem viva. A sociedade moderna continua o apedrejamento "supondo" que a espiritualidade foi extirpada e jogada para longe. Não conhecem o poder ressurreto da religião de Cristo.

3. A cilada dos ventos suaves. A vida humana passa por mudanças de clima assim como o oceano. Às vezes sentimos frio diante dos ventos gelados. Ou podem estar soprando brisas suaves. Mas, justamente quando tudo vai bem,

surgem repentinas tempestades! Doenças, decepções, lutas e tentações não marcam entrevistas de antemão! E estes acontecimentos testam a profundidade da nossa experiência religiosa.

O vento suave da prosperidade é mais perigoso do que os tempestuosos. Eles dão um falso senso de suficiência própria e, imperceptivelmente, afastam a pessoa de sua dependência de Deus. Daí surge uma crise que revela todas as suas fraquezas espirituais. Estamos desfrutando de bom tempo em nossa vida? Graças a Deus por isso! Todavia, dediquemo-nos àquilo que fortalece nossa espiritualidade enquanto é possível. Afinal, nosso barco pode ser testado por uma tempestade quando menos esperamos (Mt 7.24-29).

4. Oração e ação. Paulo orava muito. E trabalhava com a orientação, ânimo e amor que obtinha de seus momentos de oração. Recebeu uma visão da parte de Deus sobre a preservação daquelas vidas. Isto o animou a fazer sua parte: ajudou a esvaziar o navio da carga e da armação. Também encorajou todos a comerem e se prepararem. Impediu a fuga dos marinheiros, e, em terra firme, foi enérgico em alimentar uma fogueira com gravetos.

5. A crítica construtiva. "Fora, na verdade, razoável, ó varões, ter-me ouvido a mim e não partir de Creta, e assim evitariam este incômodo e esta perdição". O apóstolo, porém, não se limitou a dizer o que deveriam ter feito. Passou a dar instruções sobre como enfrentar a situação surgida (vv. 21-26). Certo provérbio de uma tribo africana manda "tirar a criança da água antes de dar palmadas nela". É fácil repreender as pessoas pelo que fizeram de errado. É mais construtivo, no entanto, ensinar como sair do problema e nunca mais cair nele. Se fracassarmos como cristãos e recorrermos a Deus, pedindo sabedoria, Ele nos dará o que é preciso. E não nos "lança em rosto" (Tg 1.5).

6. Passando por escuros. Há momentos na vida em que, espiritualmente falando, passamos por tempos sem "sol nem estrelas" (27.20). Ou seja, um período de trevas espirituais. As causas são várias: esgotamento físico, a não utilização dos

meios da graça, opressão por espíritos malignos ou provação da fé. Seja qual for a causa, podemos ter ânimo: o sol da espiritualidade voltará a brilhar. Mesmo não sentindo o calor espiritual, podemos continuar obedecendo a Deus. E não devemos nos queixar a outros da nossa falta de disposição. Acima de tudo, precisamos repudiar qualquer tipo de pecado. E estarmos prontos para tudo o que Deus deseja de nós.

O texto de 27.20 também pode ser aplicado às condições políticas internacionais. Em períodos de crise mundial, a fé do cristão o deixa triunfante em meio ao desespero. O futuro pertence a Cristo e aos seus seguidores. A hora mais escura será justamente antes da aurora eterna.

7. O ministério de animar os outros. "Mas agora vos admoesto a que tenhais bom ânimo..." Assim atuava Paulo ao ver pessoas desanimadas e amedrontadas em meio a batalha da vida. Este ministério de encorajamento é muito necessário na vida moderna, com todas as tensões mentais e nervosas que ela traz. Alguns sabem encobrir suas tristezas com um sorriso cortês. Mas é surpreendente descobrir quantas delas precisam urgentemente de uma palavra de encorajamento.

Eis alguns exemplos de onde se pode aplicar o ministério de encorajamento:

7.1. Há aqueles que são acanhados e sem confiança. Possuem talentos, mas não os empregam para o bem de todos. Acham-se inferiorizados, inúteis. Tais pessoas se abrirão como flores com alguns raios do sol do encorajamento.

7.2. Há os que trabalham "atrás do palco". Fazem o serviço construtivo mas silencioso, enquanto outros ganham a popularidade e os aplausos. Há a mãe que silenciosamente cria seus filhos para Deus. Há a esposa do pregador que, lá em casa, ora em prol da obra. E, na vida diária, abre mão de muitas coisas para

não sobrecarregar o orçamento pastoral. Algumas das pessoas mais nobres do mundo inteiro não ganham fama nem publicidade. Tais pessoas necessitam de encorajamento. Precisam saber que o serviço cristão não se mede pela glória dos homens. É medido pela fidelidade ao próprio Jesus.

7.3. Há os que se sentem velhos, inúteis e até um fardo para os outros. O serviço cristão, porém, não é medido em forças físicas. Os mais velhos têm um caráter nobre e maduro, desenvolvido por longos anos de obediência a Cristo em todas as circunstâncias. E, também, acumularam meditações na Palavra de Deus. Na verdade são uma grande riqueza para dar conteúdo às personalidades mais jovens onde existe vigor sem maturidade.

7.4. Há obreiros desanimados por acharem que ninguém aprecia seus esforços. Uma palavra de apreciação, dando valor à obra, pode tirar um obreiro da depressão. Pode deixá- lo radiante e jubiloso no seu serviço cristão.

As palavras de encorajamento só terão efeito se forem sinceras. Oremos para que o Espírito Santo nos inspire. Então, verdadeiramente apreciaremos o valor de nossos companheiros na fé e teremos amor por nossos vizinhos.

8. A soberania de Cristo. "Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo..." Paulo, antes um fariseu independente e auto- suficiente, gosta de dizer, como cristão, que Jesus o comprara e que já não pertencia a si mesmo. A vida cristã é simples: basta reconhecer na prática, e nas atividades e palavras, que Jesus é o Senhor. Ele nos comprou na cruz. "E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2 Co 5.15).

Se Jesus é nosso Salvador, também deve ser reconhecido como Mestre. Se não está sendo Senhor de tudo em nossa vida, não é nosso Senhor de modo algum.

Não podemos servi-lo sem primeiro pertencermos a Ele.

9. “Ilumine o cantinho onde você está”. “Deus te deu todos quantos navegam contigo”. Não podemos escolher todas as situações em nossa vida. Assim como Paulo, Deus pode consentir que fiquemos em lugares difíceis. A finalidade é nos transformar em bênçãos para outros. Para pessoas que, de outra forma, nunca teríamos conhecido. Podemos lastimar o fato de morarmos ou trabalharmos no meio de ímpios. Mas este problema pode ser transformado em oportunidade.

10. Âncoras da alma. “Lançaram da popa quatro âncoras, desejando que viesse o dia”. As tempestades da vida nos submetem a tremendas sobrecargas. Em tais ocasiões, precisamos de realidades espirituais sólidas, como âncoras para a alma. Nas tribulações e tentações, quais são as grandes âncoras da alma? “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três...” (1 Co 13.13). A fé se firma nas promessas de Deus. A esperança firma a alma com visões da expectativa futura. O amor nos leva a deixar de lado nossas próprias preocupações e ir ao encontro dos outros. A estas realidades podemos aplicar as palavras de

27.31: “Se estes não ficarem no navio, não podereis salvar- vos”. Não importa quão grandes sejam as tempestades, as grandes realidades eternas segurarão nossa alma.